

Manuel Bernardo Pereira Vieira Nunes Cravo

*Estudo arqueológico do território compreendido
entre Aljazede / Ateanha, Chão de Ourique / Póvoa
e Vale do Rio Dueça*

Evolução entre a época romana e altomedieval



Faculdade de letras
Universidade de Coimbra

2010

Manuel Bernardo Pereira Vieira Nunes Cravo

*Estudo arqueológico do território compreendido
entre Aljazede / Ateanha, Chão de Ourique / Póvoa
e Vale do Rio Dueça*

Evolução entre a época romana e altomedieval

Dissertação de Mestrado em Arqueologia, especialidade Arqueologia e
Território, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de
Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Helena Catarino

Faculdade de letras
Universidade de Coimbra

2010

Índice

Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract	6
1. Introdução	7
2. A região	11
2.1 Limites geográficos	11
2.2 Relevo – distribuição altimétrica da região	12
2.3 Geologia	13
2.4 Rede hidrográfica	14
2.5 Solos e vegetação	15
3. Objectivos e metodologia de estudo	17
4. O estado de investigação	27
5. Inventário de sítios	33
6. Estudo dos materiais	51
7. O povoamento: considerações sobre a sua evolução	59
7.1 As vias de comunicação	59
7.2 A morfologia rural: hipóteses de trabalho	68
7.3 A dinâmica de povoamento	78
7.3.1 O período Romano	78
7.3.2 O período Alto-Medieval	93
8. Conclusão	99
9. Bibliografia	102
10. Anexos	106
Anexo I - Fichas de campo	107
Anexo II - Fichas de materiais	196
Anexo III – Vestígios da Várzea de Aljazedede	312
Anexo IV – Foto-interpretação	324
Anexo V – Ilustrações e Cartografia	333
Anexo VI – Estampas	339

Agradecimentos

Agradeço à Doutora Helena Catarino o facto de ter aceite a orientação científica deste trabalho, por me ter apoiado em todas as fases desta dissertação, desde a fase de recolha bibliográfica, ao trabalho de campo e à parte final de elaboração desta investigação. Todos os esclarecimentos e correcções às diversas temáticas elaboradas.

À Câmara Municipal de Ansião, na pessoa do engenheiro Jorge Feio, por me ter facultado todas as Ortofotomapas referentes à região de estudo que foram importantíssimos para o estudo paisagístico desta área.

Aos meus colegas de mestrado e arqueólogos: Álvaro Ferreira, Cristiana Sousa, Cyrille Leite, Ivan Aguiar, Luís Fernandes, Mafalda Ramos, Marta Jorge e Sofia Ferreira pela ajuda no desenvolvimento do trabalho de campo e na parte gráfica deste estudo.

Às pessoas das povoações próximas da área onde desenvolvi este trabalho e por todas as informações orais úteis para este.

Por fim, à minha família, especialmente aos meus pais e à minha namorada, por todo o apoio e conforto que me deram no decorrer desta dissertação.

Resumo

Nesta dissertação de mestrado, cujo tema é o estudo arqueológico do território compreendido entre Aljazedo / Ateanha, Chão de Ourique / Póvoa e Vale do Rio Dueça, realizo uma síntese sobre a dinâmica e transformação das formas de ocupação do espaço, entre a época romana e altomedieval. Tanto durante o período Romano, como já na Alta Idade Média, verifico a preponderância da passagem das vias de comunicação neste local e as transmissões feitas ainda numa fase pré-romana.

A predominância dos sítios rurais durante os séculos IV e V é atestada pela presença de três *villae* (Rabaçal, S. Simão e Santiago da Guarda). Analiso assim, a forma como a localização destas estruturas foi preponderante na evolução da área de estudo, que se centra na Várzea de Aljazedo.

Entre a antiguidade tardia e os inícios da nacionalidade, existe um vazio de conhecimentos histórico-arqueológicos para este local, patente também nos princípios da ocupação romana. Pretendo através do estudo dos vestígios de superfície e da morfologia rural, obter resultados que me levem a compreender a dinâmica ocupacional desenvolvida entre a época romana e altomedieval na área determinada para investigação.

Palavras-Chave: Romano, Alto-Medieval, Espaço, Dinâmica, Vias, Vestígios.

Abstract

In this dissertation, which deals with the archaeological study of the land between Aljazedo / Ateanha, Chão de Ourique / Póvoa e Vale do Rio Dueça, I conduct a review on the dynamics and transformation of ways of occupying the space between the Roman and High Medieval periods. Both during the Roman period as the High Middle Ages, I notice the preponderance of the passage of the roads in this place and transmissions still made in a pre-Roman period.

The predominance of the rural sites during the fourth and fifth centuries is attested by the presence of three *villae* (Rabaçal, S. Simão e Santiago da Guarda). Therefore, I analyze how the location of those structures was a central figure in the evolution of the study area, in particular on Várzea de Aljazedo.

Between late antiquity and the beginnings of nationality there is a void of historical and archaeological knowledge to this location, also evident in the principles of Roman occupation. I intend through the study of traces of the surface and the rural morphology to obtain results that lead me to understand the dynamics occupational developed between the Roman and High Medieval periods, in the designated area of investigation.

Keywords: Roman, High Medieval, Space, Dynamics, Ways, Traces.

Introdução

Em meados de Agosto de 2008, aquando da realização da parte prática do meu seminário de licenciatura, prospectei, pela primeira vez, o local denominado de Várzea de Aljazedo. Este sítio foi-me sugerido por um dos responsáveis pelo gabinete de arqueologia da Câmara Municipal de Penela, informando-me da presença de alguns materiais de superfície, nomeadamente cerâmica comum e cerâmica de construção. O vale pareceu-me desde logo bastante sugestivo, devido à sua disposição e pela diversidade e abundância de cultivos que o cobriam¹. Apesar de não ter prospectado o vale na íntegra, observei uma grande mancha de dispersão de materiais. Neste descobri fragmentos de cerâmica comum, tais como: fundos, bordos, asas e bojós. Encontrei também alguma cerâmica de construção, nomeadamente *tegulae* e tijolo. Tendo já um conhecimento parcial sobre este vale, decidi apresentar esta área como projecto de investigação arqueológica para a dissertação de mestrado.

Com a leitura de alguma bibliografia específica sobre a Várzea de Aljazedo e sítios geograficamente próximos, ponderei, ao entrar para o curso de mestrado em Arqueologia e Território, alargar o trabalho de campo para noroeste, onde se encontram as localidades de Aljazedo e Ateanha. Estas povoações, apesar de existir alguma documentação histórica sobre elas, não foram exploradas exaustivamente em termos arqueológicos. Para além das referências históricas sobre estes dois locais, tanto a implantação, como a toponímia chamaram-me a atenção para o seu estudo e ligação com o vale próximo (Várzea de Aljazedo).

Aprofundando os meus conhecimentos acerca dos trabalhos realizados na região, apercebi-me de que o vale do rio Dueça onde se localiza a *villa* de S. Simão, apesar de ter sido sujeito a trabalhos arqueológicos (uma sondagem aberta em 2001 e escavação de emergência realizada em 2004), a área envolvente à *pars urbana* desta *villa*, nomeadamente o vale que a circunda ainda não tinha sido submetido a uma

¹ A Várzea de Aljazedo é um vale fértil bastante extenso, dividido em pequenas parcelas (de forma predominantemente rectangular) e encontra-se protegida a noroeste pelo cabeço da Ateanha. Os seus terrenos são agricultados na quase totalidade, sendo o contexto hidrológico patenteado por um grande número de poços.

prospecção de carácter total. Desta forma, e estando relacionado com o sítio para o qual me foquei inicialmente, decidi que também esta área seria de interesse como objecto de investigação. Assim, poderia articular os dados através duma perspectiva sincrónica e também diacrónica, apreendendo a dinâmica de povoamento desta área.

Apresentado o tema do projecto de trabalho passo à explicação do título: “Estudo arqueológico do território compreendido entre Aljazedo / Ateanha. Chão de Ourique / Póvoa e Vale do Rio Dueça Evolução entre a época romana e altomedieval”. A área em análise centra-se essencialmente entre estas quatro povoações, correspondendo em grande parte ao extenso vale com cerca de 2 km de comprimento no sentido sudoeste-nordeste que separa Aljazedo e Ateanha das povoações de Chão de Ourique e Póvoa. A este do Cabeço da Ateanha e ligado com a Várzea de Aljazedo através da ponta nordeste desta, decidi também explorar o vale que se encontra nesta área de forma triangular, denominado de Campos da Ateanha, de forma a ter uma concepção mais abrangente do espaço.

A nordeste deste, surge o vale do rio Dueça, também denominado de Cerradilha com um comprimento no sentido sul/norte de cerca de 3km, que decidi explorar a sua longa extensão desde as Taliscas / Portacho até à Ponte do espinal.

Através de uma primeira análise dos materiais encontrados na Várzea de Aljazedo, que apontaram para uma cronologia entre a antiguidade tardia e o período alto-medieval, estabeleci as balizas temporais entre a época romana e altomedieval, sem com isso deixar de ter em conta a dinâmica espaço-temporal deste sítio. Comecei assim a traçar os objectivos do trabalho de investigação:

O objectivo inicial foi avançar com uma cronologia mais precisa para os materiais encontrados, de forma a poder indicar as primeiras datações e poder contextualizar este sítio na área envolvente.

A preponderância dos sítios rurais durante os séculos IV-V nesta área terá que ser tida em conta, visto a implantação de três *villae* (Rabaçal, S. Simão e Santiago da Guarda) neste território. Assim, outro dos objectivos será saber a qual dos *fundi* destas

villae pertence esta área de investigação, e conseqüentemente enquadrar a área de estudo numa das *civitates* mais próximas em termos territoriais.

Através das manchas de dispersão de materiais e da análise destes em termos cronológicos e situacionais, avançar com uma tipologia para esta área, que género de implantação se tratava e o período de ocupação. Com o estudo do vale do rio Dueça, compreender também a ligação desta área a este, a sua conexão com a *villa* patente neste vale e a dinâmica decorrente no tempo de exploração da mesma. Determinar também as possíveis relações com as *villae* de Santiago da Guarda e Rabaçal.

Para melhor compreender esta evolução populacional é também necessário conhecer as vias que passavam nesta área, a sua importância como meio de ligação e difusão e a sua dinâmica durante a cronologia em estudo. Assim, o meu objectivo é entender as possíveis ligações que se poderiam dar entre estes diversos sítios.

Já num período mais tardio, nomeadamente para a época medieval, tentar entender a dinâmica que se deu neste território entre os finais do século V e o surgimento da primeira documentação por volta do século XII. Existe para esta área uma lacuna em termos de investigação arqueológica, conhecendo-se relativamente bem os séculos IV e V com a presença determinante das *villae*, mas o período seguinte e que se estende até ao surgimento das primeiras aldeias nos inícios da nacionalidade, é pouco ou nada conhecido em termos arqueológicos para este local.

Desta forma tentarei entender a dinâmica de povoamento, tendo em conta a fase de abandono deste vale e as primeiras ocupações medievais do cabeço da Ateanha.

Estando exposta a proposta de investigação e os objectivos genéricos, avançarei para a divisão deste trabalho. Esta dissertação será composta por seis capítulos:

- O primeiro referente à região, dos quais vão constar os limites geográficos, o relevo, a geologia, a rede hidrográfica, os solos e vegetação.

- Os objectivos e metodologia de estudo, onde irei explicar genericamente os objectivos deste trabalho, culminando nas diversas partes metodológicas patentes no decorrer deste.
- O estado de investigação, onde resumidamente apontarei as principais linhas de investigações relacionadas directamente ou indirectamente com a área de estudo.
- O inventário de sítios, que poderá ser um complemento ao estado de investigação, mas assumindo a forma de fichas, onde irei descrever concisamente cada um dos sítios relacionados com o território em análise.
- O capítulo do estudo dos materiais, que será completado através de um anexo com as fichas de cada vestígio que foi seleccionado, respectiva fotografia e alguns também acompanhados de desenho arqueológico.
- Por fim, o capítulo referente ao povoamento e à sua dinâmica evolucionar, onde constará também um subcapítulo dedicado às vias de comunicação, à morfologia rural e à dinâmica de povoamento em si.

2. A região

2.1 Limites Geográficos

A região de estudo insere-se num local de fronteira entre os concelhos de Ansião (distrito de Leiria) (Ilustração 20) e Penela (distrito de Coimbra) (Ilustração 21). Ao primeiro pertencem as localidades de Aljazedo e Ateanha, enquanto que, ao segundo, fazem parte Chão de Ourique, Póvoa e o vale do rio Dueça (de sul para norte as localidades que o compõem são: Olivais do Duque, Cerrada da Freixiosa, São Simão, São Miguel, Casais da Cabra, Pastor e Sr.^a da Glória). Irei portanto descrever o quadro natural desta parcela do território que, embora apresente uma certa uniformidade geomorfológica, contem zonas bastante contrastantes, incluindo locais de vale, e outros, apresentados formas mais irregulares em altura.

Esta área encontra-se inserida nas denominadas terras de Sicó, que correspondem aos “maciços calcários mais setentrionais da zona envolvente pelo seu relevo de altitude: Serras de Sicó, Rabaçal, Monte de Vez, Ariques, Alvaiázere e Planalto de Degracias Alvorge”. Divide-se assim, pelas cartas militares (1:25000): 274, 275 e 251 e parte das cartas 250, 262, 263 e 297. Em termos administrativos, localiza-se na Província da Beira Litoral, correspondendo os Distritos de Coimbra e Leiria, estendendo-se pelos concelhos de: Alvaiázere, Ansião, Condeixa-a-Nova, Penela e Pombal (LOPES, 2001, 7-8).

A serra de Sicó expressa-se por um alinhamento de NNE a SSW e tem como limites as cercanias de Condeixa até Pombal. Os limites localizam-se a nascente, na depressão do Rio-dos-Mouros (entre serra do Rabaçal e colinas de Penela), seguindo para o sul no vale tectónico de Ansião. Quanto à fronteira meridional, esta vai até “ao bordo Norte do abatimento circular de Ourém” (CUNHA, 1990, 11). O relevo que apresenta maior altitude atinge os 533 m de cota máxima. Esta serra, é constituída pelas elevações: Avessada, Ponte, Alcôncere, Cruto, Circo, Rabaçal, Sra. Da. Estrela,

Sicó e Castelo do Sobral, Mouro, Ariques e Alvaiázere na parte mais oriental. No limite oeste localizam-se as bacias hidrográficas dos rios Anços e Arunca (IBID, 8).

2.2 Relevo – distribuição altimétrica da região

A topografia desta região é caracterizada pelos retalhos aplanados, culminando em colinas com cotas máximas que rondam em média os 300 metros. Nas proximidades de Penela denotam-se subidas nas cotas, na direcção do Monte de Vez. Este monte e as colinas envolventes constituem relevos residuais de dureza (IBID, 54-56).

Nas colinas dolmíticas a oriente, as cotas são mais elevadas, assemelhando-se às encontradas na Serra do Rabaçal e no planalto de Degraças-Alvorge. É provável que a abertura desta depressão tenha sido feita durante o Quaternário¹ (IBID, 61).

Quanto à topografia a norte, é constituída por três grandes escamas de Dogger, que dão origem aos relevos do: Monte de Vez (512 m), Ateanha (412 m) e Cruzeiro (375 m). Estes dominam a depressão de Torre de Vale Todos e juntamente com o Castelo do Rabaçal e o Juromelo, dominam a vasta depressão do Rabaçal. Existem duas diferentes formas, que se distinguem por cimos aplanados, ou de forma pontiaguda. A primeira explica-se pelas escamas calcárias de maiores dimensões que protegem “os declivosos taludes calcamargosos” e pelas “camadas subhorizontais do Dogger”. A segunda forma, por a cobertura do Dogger ser mínima, apresenta assim a feição indicado (IBID, 92).

¹ “A história desta abertura coloca, no entanto, muitas dúvidas. A ausência quase total de depósitos e a inexistência de rechãs bem conservadas impedem, aqui, a análise sequencial de processos e formas, que se pode fazer para áreas bem próximas cuja evolução teria decorrido no mesmo intervalo de tempo, como é o caso do vizinho vale do Dueça” (CUNHA, 1990, 61).

2.3 Geologia

Esta região situa-se na Orla Meso-Cenozóica Ocidental portuguesa (Ilustração 21). Os afloramentos calcários do Jurássico médio, influenciam os relevos salientes desta zona, sendo afectados tectónicamente. Desenvolvem-se assim fenómenos cársicos que são preponderantes na “penetração das águas superficiais no interior da massa calcária, atingindo as áreas marginais através de uma rede de galerias hipogeias² (IBID, 11).

A sudoeste (a sul de Penela até à Serra de Alvaiázere), encontram-se os relevos calcários, com desenvolvimento meridiano. Estes estendem-se para sul até à zona de Tomar, mas não de forma tão marcada (IBID, 12).

Nas serras de Condeixa-Sicó-Alvaiázere, estão patentes os afloramentos jurássicos, em que as cotas mais elevadas correspondem a calcários puros e compactos do Dogger (Ilustração 22). Enquanto que a Orla ocidental (banda que no sentido Norte-Sul, se estende desde as proximidades de Aveiro a Tomar), estão situadas as rochas mesozóicas mais antigas³, nomeadamente: os conglomerados, microconglomerados, arenitos, argilitos e depósitos com origem química (cor avermelhada na base e cor clara no topo)⁴ (IBID 26). Quanto ao Jurássico médio⁵, estão associados os calcários mais puros e espessos que correspondem às principais elevações topográficas. É visível uma disposição dos afloramentos mesozóicos em bandas paralelas e com uma orientação meridiana que limita o Maciço Hespérico (IBID, 42).

O afloramento oriental a Norte de Penela, é o mais extenso e com maior relevância em termos morfológicos. Assume uma faixa de orientação meridiana (largura entre os 3 e 5 km) de calcários dolomíticos, apresentando dobramentos variados e fracturados. Destacam-se também os calcários dolomíticos e dolomias da base do Liásico (IBID, 53).

² Tema desenvolvido à frente, no subcapítulo da rede hidrográfica.

³ São as rochas que preenchem logo a primeira linha a seguir ao soco.

⁴ A este conjunto, são usualmente denominados de Grés de Silves.

⁵ Andares Aeleniano, Bajociano, Batoniano e Caloviano.

A variedade que se apresenta nas Terras de Sicó, em termos geomorfológicos, está associada a uma elevada fitodiversidade (Ilustração 24). Esta, está segundo Lúcio Cunha, relacionada com os seguintes aspectos, sintetizados num estudo de Maria Lopes:

- Processos geológicos, que ao longo de milhares de anos foram moldando a paisagem, devido a fenómenos de natureza tectónica.
- Natureza do material litológico, que constituí um factor importante na definição do relevo. Presença de calcários duros, que tornam a paisagem tipicamente cársica no Maciço de Sicó.
- Processos erosivos – grande permeabilidade e solubilidade das rochas. Diferentes formas cársicas (lapiás de diversos tipos, dolinas, algares e grutas) localizados nos sítios de maior altitude.
- O ciclo de águas em zonas calcárias, dinâmica de águas subterrâneas, contribuindo para o surgimento de vertentes íngremes (escarpas de falha ou vertentes de canhões e “reclées” de natureza fluviocársica (LOPES, 2001, 18).

2.4 A rede Hidrográfica

Da rede hidrográfica (Ilustração 26) encontra-se centrada em dois focos o rio Dueça e dos Mouros, que culminam na divisão às colinas dolomíticas. As principais diferenças entre estes dois, é que o primeiro corre ligeiramente mais elevado que o segundo e é um curso de água sazonal. Já o rio Dueça é um curso permanente⁶, e encontra-se a montante de Penela. Apesar de ser de maiores dimensões este último, o rio dos Mouros contem afluentes mais extensos e que penetram mais no afloramento dolomítico, instalando aí as suas cabeceiras (CUNHA, 1991, 58). Os rios que se dirigem para Norte, são tributários do Rio Mondego, enquanto que os que se dirigem para Sul

⁶ O rio Dueça, localizado no limite oriental, encontra-se na área do confronto com a depressão periférica ao Maciço Hespérico, sendo uma linha de água de carácter permanente, reabastece-se em exurgências (LOPES, 2001, 20).

são tributários do Rio Zêzere. Devido aos declives, acentuados por vezes, poderão ocorrer cheias ao longo das linhas de água, durante as épocas mais chuvosas, podendo “provocar uma meteorização física em grande escala, devido à erosão provocada pelas chuvas que arrastam materiais até às áreas mais aplanadas” (LOPES, 2001, 20).

Apesar de podermos ser induzidos em erro, devido à abundância de calcários, quanto à importância da rede hidrográfica em relação às formas de relevo, esta assume um papel preponderante. São evidentes as marcas da erosão fluvial, na modelação tanto dos calcários margosos e dolmíticos, como nos calcários puros e mais permeáveis (CUNHA, 1991, 253). As cabeceiras do rio dos Mouros, Dueça e também Nabão⁷ localizam-se nas Serras Calcárias de Condeixa, Sicó e Alvaiázere. As redes hidrológicas são assim, as “responsáveis pela abertura da generalidade das depressões cársicas de grandes dimensões”. Os denominados processos de captura (“luta pelo comando da drenagem”), afectam de forma directa uma série de depressões calcomargosas (IBID, 259).

2.5 Solos e Vegetação

O tipo de agricultura praticado nesta região, é uma agricultura pobre, essencialmente de sequeiro, concentrada nos vales e nas depressões cársicas. Estas associam condições topográficas favoráveis e formações superficiais que corroboram mutuamente para solos agricultáveis (IBID, 12). As limitações do solo (Ilustração 25) estão associadas a uma série de características físicas, que se prendem na formação geológica jurássica⁸ (LOPES, 2001, 11).

A dinâmica da vegetação é produto das “relações biunívocas que se estabelecem entre o solo e a vegetação”. Assim a cada etapa da diversidade vegetal

⁷ Os rios de Mouros e Nabão que ocorrem no interior do Maciço, são cursos de água com carácter temporário, cuja explicação poderá estar associada aos fenómenos de erosão cársica que são muito fortes nesta zona. Estes são reabastecidos em exurgências. Os vales aluvionares do Rio Nabão situam-se nas bacias cretácicas de Ansião, de carácter silicioso e que correspondem aos vales aluvionares (IBID, 20).

⁸ Formação com calcários cársicos, solos esqueléticos e pH elevado.

associa-se um tipo de solo. Os solos caracterizam-se pela sua forma esquelética, ou seja, devido à sua “escassa diferenciação em horizontes”. Destacam-se os afloramentos calcários (relacionados com o relevo acidentado) e a uma acentuada erosão (IBID, 14).

O desenvolvimento da vegetação é condicionado por diversos factores, tais como: a rocha nua, a superfície seca e as vertentes íngremes e pedregosa. São usuais os tufos arbustivos à base do carrasqueiro e das oliveiras⁹, alguns pinheiros e eucaliptos e também o carvalho português e o sobreiro (vegetação de características mediterrâneas) (CUNHA, 1990, 11). Mas as principais produções são os cereais de sequeiro e as actividades pastorícias, sendo consideradas as principais actividades agrárias desta região. Há actualmente uma maior diversificação de actividades, através da sucessiva introdução de espécies exóticas, tais como: o pinheiro bravo, o eucalipto e os ciprestes (LOPES, 2001, 10-11).

⁹ Grande parte da área plantada corresponde a culturas permanentes, cerca de 47%, onde são predominantes a cultura da videira e da oliveira (LOPES, 2001, 10).

3. Objectivos e Metodologia de Estudo

“O mundo seria muito pequeno se não houvesse nele matéria de investigação para todos”

Séneca “Questões Naturais”

O objectivo da minha investigação começou por ser o estudo da denominada Várzea de Aljazedede, local que, apesar de já ser referido desde 1957 (por Salvador Dias Arnaut), ainda não tinha sido alvo de uma prospecção de carácter intensivo, de forma a entender o antigo povoamento de todo o vale. Esta compreensão passaria também pelo estudo da sua envolvência e o avançar da prospecção para outras zonas próximas. Os locais que estavam relacionados directamente com este sítio (em termos geográficos e também cronológicos) seriam a povoação que dá nome a este vale (Aljazedede), a localidade da Ateanha e o seu cabeço. Apesar de também haver referências bibliográficas a estes últimos, não se realizou nenhum estudo arqueológico aprofundado sobre estes. Este tipo de análise incide não apenas num tipo de escala de análise a “micro-área” (que passaria apenas pelo estudo e o foco de apenas uma área, sem ter em conta a sua correspondência e interligação com as zonas vizinhas), mas também através da análise da “macro-área”.

Visto que o estudo se integra num mestrado de Arqueologia e Território, este tipo de análise mais global teria que fazer parte do projecto de investigação para o qual me propus. Vendo a área de estudo nesta perspectiva e partindo do princípio que os locais de estudo estiveram sujeitos a um tipo de ocupação durante o período romano, através do método dos polígonos de Thiessen, verifiquei que este local pertenceria ao território da *villa* que se encontra mais proximamente, ou seja, a *villa* romana de S. Simão. Apesar de esta já ter sido alvo de algumas intervenções, nomeadamente de escavações arqueológicas, não havia nada que me indicasse qual as suas dimensões e a sua extensão. Decidi então fazer um estudo do vale do rio Dueça, local de implantação desta última. Assim poderia ter um termo de comparação, tanto

em termos de materiais arqueológicos, como ter uma visão mais ampla da extensão da *villa*, de forma a obter uma concepção do território mais desenvolvida.

Estando traçadas as linhas orientadoras do meu trabalho e explanados os tipos de resolução que quero apresentar, tanto o estudo mais focado em determinado sítio arqueológico, como a análise espacial, terei por fim que articular este tipo de relações. As que se estabelecem de forma horizontal (tentando verificar os sítios que teriam uma cronologia semelhante) e vertical (assumindo a evolução dos sítios e as diferenças cronológicas entre os diversos elementos da paisagem). O principal objectivo foi entender a paisagem como meio dinâmico, não me centrando apenas nos fenómenos reais, limitando-me a entender a função prática que desempenhavam (ideia defendida pela Nova Arqueologia, Arqueologia Processual ou Funcionalista), mas entender a relação entre o homem e o meio, ao longo de uma evolução dada em ambos. Tal como explica Filipe Criado Boado, o espaço deve ser entendido de três formas: “o espaço enquanto entorno físico ou matriz meio ambiental da acção humana”, “o espaço enquanto entorno social, ou meio construído pelo ser humano e sobre ele que se produzem as relações entre indivíduos e grupos” e “o espaço enquanto entorno pensado ou meio simbólico que oferece a base para desenvolver e compreender a apropriação humana da natureza” (CRIADO BOADO, 1999, 5-6). Irei focar-me mais na segunda ideia, tentando explicar de que forma foi explorado o meio físico e em que determinado período de tempo. Mas a análise por balizas históricas, a divisão em determinados períodos, será apenas um meio de apoio de forma a tornar mais simples a análise temporal, mas olhando o espaço como algo em constante mutação.

Para além das relações espaciais, tanto horizontais como verticais, em certos casos poderei avançar também para a análise das relações hierárquicas, que embora sejam mais subjectivas, poderão ser imprescindíveis para a investigação das relações entre sítios contemporâneos entre si. Por exemplo analisar a que *civitas* ou a que *villa* pertenceria um sítio rural mais pequeno, ou um determinado centro de produção agrícola. Para este processo é necessário para além de um bom conhecimento histórico-arqueológico de toda a zona a estudar, também uma análise tipológica dos sítios a investigar.

Antes de avançar, terei também que referir que tal como para a realização de uma carta arqueológica, ou carta de interesse concelhio, que tomam como ponto de partida um determinado concelho com as suas fronteiras, eu não tomei como correspondência os limites administrativos actuais. Sendo que a zona em estudo se encontra exactamente entre dois concelhos (de Ansião e Penela), seria bastante impedor e não seria uma metodologia correcta seguir as linhas de um concelho sem o transpor. Muitos trabalhos arqueológicos, nomeadamente de pendor concelhio, tornam-se não tão completos, havendo cortes no entendimento da paisagem, por terem que seguir esses limites administrativos actuais, que outrora não tiveram qualquer tipo de implicação na paisagem, nem na relação humana com esta.

O início do trabalho estabeleceu-se com a junção de informação sobre o local de estudo. Comecei pela documentação, ou seja, pela recolha das Cartas Militares à escala 1.25000, neste caso prende-se maioritariamente com a folha nº 263, correspondendo aos concelhos de Ansião e Penela. Os Ortofotomapas do ano de 2007 (002632Argbx_07; 002634Argbx_07) cedidos gentilmente pela Câmara Municipal de Ansião, essenciais para o desenvolvimento da foto-interpretação e as Cartas Geológicas e Cartas de Capacidade e Uso dos Solos. De seguida, parti para a recolha da documentação bibliográfica das zonas a estudar, aqui para além da bibliografia básica, centrei-me essencialmente na bibliografia de base e que mencionava directamente os sítios que me proponho estudar. Existem, assim, quatro autores pelos quais estabeleci as minhas primeiras linhas orientadoras: Salvador Dias Arnaut e José Eduardo Reis Coutinho, num entendimento mais monográfico e espacial; Vasco Gil Mantas (em termos de conhecimentos viários sobre a zona) e, por fim, Miguel Pessoa, quanto ao estudo da *villa* romana do Rabaçal e à *villa* romana de S. Simão.

A foto-interpretação é também um factor importante para o entendimento da paisagem como um todo, e a compreensão das marcas deixadas nesta ao longo dos tempos, que seriam impossíveis de identificar só através de um trabalho arqueológico de campo. Ricardo Gonzalez Villaescusa divide em cinco os métodos e técnicas da arqueologia da paisagem: 1 - A exploração dos textos 2 - A escavação 3 – A prospecção 4 – As ciências do paleoambiente 5 – A análise morfológica (GONZALEZ VILLAESCUSA, 2002, 67). O último subdivide em carto e foto-interpretação, considerando como o

método essencial para o estudo das principais formas da paisagem, “permitindo ler as formas do passado nas formas actuais da paisagem. A forma, a orientação e a métrica utilizada na divisão dos campos contem informação histórica” (IBID, 75). Ainda segundo este autor, para além dos parcelários usados durante o período romano, os medievais e modernos, houve também uma forte influência dos parcelários indígenas e também das estradas (como irei fazer menção no capítulo das vias) até aos dias de hoje (IBID 47). Destaca também a importância das transformações ocorridas durante o período medieval, onde salienta as grandes transformações dos espaços agrícolas. A chegada de novas técnicas e produtos agrícolas com “a chegada do islão ao solo peninsular” e com a implantação da irrigação (IBID, 49-50). Utilizo assim algumas ferramentas usadas essencialmente pela morfologia rural, tendo como sustento base a análise das fotografias aéreas das zonas planeadas a estudar.

A prospecção é a metodologia base utilizada para esta investigação, fazendo uso não só de um tipo específico desta técnica. Tal como refere Pedro Carvalho, a prospecção já não representa um papel secundário ou auxiliar, que lhe era designado à algumas décadas. Esta era confinada, “quase exclusivamente, a uma espécie de passatempo de arqueólogos ou autodidactas que, isoladamente e guiados pela intuição e pela sorte, vagueavam pelos campos à descoberta de vestígios do passado das suas terras de origem ou de estudo (CARVALHO, 2007, 40).

Tal como este autor, avancei com vários tipos de prospecções dependendo do tipo de sítio a estudar. Para a Várzea de Aljazedo, visto o tipo de terreno, retalhado através de várias parcelas na grande maioria agricultadas, estabeleci um determinado tipo de prospecção.

Segui a metodologia adoptada para a exploração do território para as *villae* romanas de S. Cucufate. Utilizando o método da prospecção intensiva, o objectivo era a divisão em parcelas e à medida que os prospectores iam avançando para outros terrenos, marcava-se na fotografia aérea as parcelas que iam sendo prospectadas, e evitando-se assim: “o perigo de esquecer algumas parcelas” (ALARCÃO, ÉTIENNE, MAYET, 1990, 151). A distância entre prospectores no caso de S. Cucufate, rondava os 5 a 10 m, utilizando-se uma malha mais fina quando surgiam materiais (IBID, 151). Mas

tendo já um conhecimento sobre o local que iria prospectar, decidi realizar uma prospecção sobre bandas paralelas espaçadas, com uma distância entre prospectores mais reduzida, que rondaria os 2 m. Desta forma, cada dois prospectores poderia dedicar-se a apenas uma parcela. A média de prospectores rondou, entre os dois e quatro, de forma a manter-se o sistema metodológico inicial de dois prospectores por parcela. No total foram estudadas 71 parcelas, as quais com dimensões bastante variadas. As maiores atingem no máximo os 200 m de comprimento, enquanto que as de menores dimensões apenas chegam aos 60 m. O vale tem de comprimento na direcção sudoeste para nordeste 2 quilómetros, e de largura máxima atinge os 450 m, sendo que é relativamente a meio, dividido por um caminho em terra, que se dirige na direcção da povoação da Ateanha.

Assim, poder-se-ia realizar um estudo aprofundado sobre uma determinada área controlada, que vai desde a estrada que dá acesso a Aljazedes e à Ateanha até à pedreira que se encontra na outra ponta do vale. Esta várzea é apenas cortada por um pequeno caminho de terra que a divide em duas partes com dimensões semelhantes. Desta forma, para além de poder realizar uma prospecção de carácter intensivo, poderia depois de findado o trabalho de campo fazer uma análise mais detalhada dos dados. Contribui portanto para uma localização mais exacta dos materiais, sendo precioso para encontrar manchas de ocupação e reter uma visão mais integral do sítio.

O conhecimento da área de dispersão de materiais é também importante, na medida em que este, quando articulado com outros critérios, permite avançar também com uma proposta de classificação tipológica de determinado sítio. Este tipo de metodologia também está associado à abundância, ou por outras palavras, ao constante surgimento de materiais à superfície, que com outro tipo de técnica seriam negligenciados. Agora terei que explicar que tipo de materiais se recolheram e o porquê da sua escolha. Fiz assim uma recolha dos materiais, que pudessem fornecer informações e “contribuir para caracterizar um sítio com maior rigor sob o ponto de vista tipológico e cronológico” (CARVALHO, 2007, 47). Optando por recolher apenas materiais que me dessem informações em termos da sua classificação e estudo, dando o exemplo das cerâmicas: asas, bordos e fundos. Evitando desta forma fazer uma

recolha exaustiva de todos os materiais, apelando assim para o carácter não destrutivo da prospecção.

O tipo de prospecção realizado nas localidades de Aljazede, Ateanha e Chão de Ourique pode considerar-se uma prospecção extensiva, visto que, por serem locais actualmente habitados, não se poderá realizar um método mais exaustivo. Estas são algumas das dificuldades inerentes ao estudo de um local englobado numa paisagem actual, em sítios actualmente habitados.

A prospecção do cabeço da Ateanha teve uma metodologia completamente diferente da adoptada para estes locais. Aqui pôde realizar-se uma prospecção de carácter intensivo, tendo como limites o próprio relevo em que se integra o sítio. Foi assim estudada toda a plataforma do cabeço, mantendo a malha fina entre prospectores e os mesmos critérios para a recolha de materiais.

Para o vale do Rio Dueça (*villa* romana de S. Simão), não pude utilizar o mesmo tipo de prospecção aplicado na Várzea de Aljazede, devido a não ter encontrado o mesmo tipo de divisão parcelar patente na última. Visto tratar-se de um local bem individualizado na paisagem e fácil de localizar na fotografia aérea, optei por ir marcando as zonas à medida que ia avançando a prospecção. As zonas em que encontrava materiais eram marcadas através da tiragem de coordenadas identificando o sítio. Por ser um local já conhecido, não haveria necessidade de fazer um levantamento tão rigoroso, como o da Várzea de Aljazede. O tipo de terrenos também se distingue bastante bem dos encontrados neste vale. As principais dificuldades encontradas, prenderam-se com o facto da maior parte dos terrenos se encontrar ao abandono, sendo invadidos por uma densa manta de vegetação média e alta que impediram assim o avançar dos prospectores. A proximidade a zonas habitadas e a mistura entre materiais antigos e recentes também contribuiu para adensar as dificuldades sentidas para o estudo deste vale. A zona a sul da capela da N. Sra. da Graça apresentou características completamente diferentes da zona a norte. Esta última foi reduzidamente prospectada devido às condições já apresentadas, tornando-se impossível de prospectar mais de 50% da sua área. A sul da capela, apesar de alguns terrenos com vegetação densa e semi-densa, conseguiu-se prospectar uma boa área.

Por fim, os campos da Ateanha (localizados a este do cabeço com o mesmo nome) foram prospectados de forma extensiva, não havendo o intuito de estudar esta área através de uma cobertura total. O objectivo principal de uma prospecção neste sítio foi a necessidade de conhecer uma área que se encontra localizada geograficamente, entre o cabeço da Ateanha e a Várzea de Aljazedo e entre esta e o vale do Rio Dueça. Não tendo havido nenhum tipo de estudo arqueológico naquela zona, haveria assim um vazio, um corte no estudo daquele território, não existiria um fio condutor. A prospecção extensiva foi também um meio de marcar paralelos tanto com a Várzea de Aljazedo e a *villa* de S. Simão, nomeadamente em termos de materiais arqueológicos. Conjugando diferentes tipos de prospecção, pude para além de aplicar diferentes metodologias, confrontar-me com diferentes tipos, ou diversos objectos de estudo, conseguindo fazer assim uma gestão da área a estudar.

Não poderei deixar de descartar a importância das informações orais, através do diálogo mantido com as populações que residiam ou trabalhavam no local prospectado. Estas foram bastante úteis, nomeadamente nos primeiros contactos que tive com o campo, de forma a ter um conhecimento geral do tipo de terrenos que me iria confrontar e da possível existência de materiais à superfície.

A realização de uma ficha de campo, aplicável aos variados tipos de prospecção tornou-se um utensílio imprescindível para o recolher de todo o tipo de conteúdos colhidos durante os trabalhos de campo. Nomeadamente para a área da Várzea de Aljazedo, criei um campo para a identificação do número da parcela, havendo assim uma descrição de parcela a parcela, formando assim um conhecimento geral e integral de todos os terrenos. Nos outros locais este campo é utilizado para identificar o sítio. Outros dos espaços é referente à data, havendo assim uma organização temporal do avanço dos trabalhos que foram feitos. Bastante importante é o campo da localização geográfica, onde são colocadas todas as coordenadas (X, Y e Z) de forma a indicar com precisão cada sítio encontrado. No caso da Várzea de Aljazedo foram retiradas coordenadas de cada parcela, no caso dos outros sítios, os locais onde se encontravam as manchas com materiais arqueológicos.

Outra das partes indica o contexto geomorfológico e hidrológico. O primeiro incide no tipo de vegetação (rasteira, baixa, média, alta), se a parcela se encontra agricultada, o tipo de plantação (vinha, milheiral, entre outros). Também se poderão referir o tipo de árvores patentes no terreno e o estado de revolvimento da parcela. Todos estes factores serão fulcrais para o grau de visibilidade que o arqueólogo poderá ter no campo e também para os factores naturais que influenciam o trabalho arqueológico. Já no segundo, é indicada a existência de poços, canais de irrigação, proximidade a rios, entre outros. Quando indico não existir contexto hidrológico, não me refiro à aptidão dos solos, ou a qualquer tipo de infiltrações, mas sim à existência física de algum tipo de extracção ou transporte de água, como os exemplos enumerados.

Outros dos campos são alusivos aos vestígios arqueológicos, nomeadamente à área de dispersão, quantificação, visibilidade e descrição dos materiais. Quanto ao primeiro item, se estiver perante uma área como por exemplo uma parcela, indica a forma como os materiais se espalham por esta. Se são mais concentrados no centro, num dos lados, ou se por outro lado se dispersam de forma regular por toda a parcela. Doutra forma, se o sítio já não se encontrar limitado por parcelas, pode-se avançar com uma medida da mancha de materiais encontrados.

Quanto à quantificação dividi em quatro quanto ao número de materiais em: nenhuns materiais, poucos materiais, alguns materiais (quando existe uma quantidade razoável de materiais à superfície) e muitos materiais. Esta divisão é também importante para depois de estarem marcadas e numeradas todas as parcelas na fotografia aérea, dividir as zonas consoante a quantidade de materiais e ter assim uma noção global da implantação dos mesmos¹.

A visibilidade colmatada pelo contexto geomorfológico é dividida também em: nula, quase nula, razoável, boa e muito boa. Os terrenos que apresentam uma visibilidade nula também estão assinalados na fotografia onde constará a quantificação dos materiais, de forma a justificar o porquê de não se ter conseguido prospectar essas parcelas.

¹ Toda a informação que se relaciona com as fichas e o estudo de materiais, encontra-se mais à frente no capítulo dedicado ao estudo dos materiais.

Por fim, existe um campo dedicado à descrição dos materiais, esta parte serve para durante a prospecção ser feita a primeira análise ao tipo de materiais recolhidos. O objectivo não é avançar com uma descrição aprofundada dos materiais, mas enumerar o tipo de materiais que vão surgindo: cerâmica comum, cerâmica de construção, entre outros. Usei também este espaço para identificar por exemplo a ocorrência de escória e outro tipo de materiais à superfície. É também neste que indico quando surgem fósseis, que não são materiais arqueológicos, mas estão aqui aludidos. A importância deste campo prende-se também com o facto de, durante a prospecção, não se recolher todos os materiais. Desta forma, alguns materiais que não são recolhidos, como por exemplo escória, ou cerâmica de construção, não são negligenciados. Assim esta indicação será fundamental para a posterior localização dos mesmos num estudo global.

Outro dos espaços é dedicado à classificação cronológica. Também neste campo, e como é preenchido durante o trabalho de prospecção, não poderei desde logo avançar para uma cronologia fixa, mas tentar levantar algumas hipóteses consoante o tipo de materiais que vão surgindo. Na maior parte das classificações que faço nas fichas, segue-se sempre um ponto de interrogação, para demonstrar que a classificação é apenas uma primeira ideia que tenho sobre os materiais encontrados e não é um espaço dedicado aos resultados cronológicos finais. Tento por exemplo associar, ou uma cerâmica de construção, ou a um tipo de cerâmica, como por exemplo uma faiança, que me apontará para uma cronologia mais recente, não havendo um intuito de pormenorizar a mesma datação.

O campo dedicado às estruturas indica todos estes tipos de elementos à cota positiva, quer se tratem de mais antigas, ou mesmo recentes, que estão localizadas nos sítios onde decorre a prospecção. São assim identificados os muros divisores de propriedades, as cabanas utilizadas como apoio às propriedades, entre outras. Mas devido a tratarem-se em grande parte de terrenos isolados e agricultados durante vários anos, a quantidade de estruturas é bastante diminuta.

Por fim, o campo dedicado às observações existe para se enumerarem problemáticas que não surgem nos outros campos. Por exemplo, existiram algumas

parcelas que foram prospectadas anteriormente e cujas mudanças, tanto em termos de plantações, como em termos de quantidade de materiais à superfície, devem ser referidas, e este campo serve para este tipo de informações.

Com as fichas preenchidas e toda a informação recolhida, passa-se para uma informatização dos dados, com fichas semelhantes, mas em formato digital. Organizando assim todos os conteúdos das fichas, passa-se de uma visão microscópica de cada sítio, para uma macroscópica, onde se faz uma ligação entre todos os dados e o contexto geográfico aliado às fotografias aéreas do local. Assim, através do programa Adobe Illustrator, pude fazer uma divisão de todo o território de estudo consoante a quantificação de materiais, o tipo de materiais avançando-se para as classificações tipológicas. Aqui entrarão os critérios de classificação dos sítios identificados, julgados através dos vestígios de superfície. Embora este tipo de análises seja de certa forma subjectivo, “possibilitam antes de mais, a captação de regularidades que se consubstanciam na definição de padrões de povoamento” (CARVALHO, 2007, 48).

4. O estado da Investigação

A região que me proponho estudar é relativamente bem conhecida do ponto de vista histórico e arqueológico: quanto ao aspecto arqueológico existem bastantes contrastes entre zonas amplamente exploradas arqueologicamente e outros locais que estão menos explorados ou encontram-se menos por estudar.

Colocando de parte a época proto-histórica, que não faz parte dos objectivos deste estudo, mais centrado nas épocas romana e altomedieval, vou apresentar em seguida uma revisão, ainda que pouco exaustiva, de alguns dos sítios já conhecidos, que serve de ponto de partida para o estudo agora realizado e uma futura investigação.

Terei que referir o castro do Sobral da Póvoa e o existente no Juromelo, localizados a sudeste e a sudoeste de Penela, e também o Cabeço de Trás de Figueiró, este localizado a este do Alvorge (Imagem 1). Do denominado castelo do Sobral, ainda se podem visualizar as suas muralhas do lado norte, este encontra-se numa plataforma abrigada. Neste local, foram descobertos materiais cerâmicos e alguns fragmentos de sílex. Enquanto nos dois primeiros castros não há continuidade de ocupação durante a época romana, o cabeço de Trás de Figueiró tem uma continuidade de ocupação durante este período. Este povoado manteve a sua ocupação até ao período da Reconquista Cristã (CARVALHO, 1996, 14).

Avançarei agora para o período romano, do qual são conhecidas as três *villae* que se desenvolvem neste território: a *villa* do Rabaçal, a de S. Simão e a de Santiago da Guarda.

A *villa* do Rabaçal é referida pela primeira vez por Santos Rocha no catálogo do Museu Municipal da Figueira da foz em 1905, salientando a existência de um achado em baixo-relevo encontrado neste sítio¹. Posteriormente, existe um relatório escrito por José Bento Vieira (Pároco no Rabaçal) na década de 50 do século XX, sobre o local.

¹ ROCHA, António dos Santos, 1905 – Catálogo Geral do Museu Municipal da Figueira da Foz, Imprensa da Lusitana, Figueira, nº 4605

Este sítio vem também assinalado na obra “Portugal Romano” de Jorge Alarcão, de 1974. Em 1979 é realizada a primeira visita ao campo, mas a *villa* só é objecto de campanha arqueológica a partir de 1984 sob a direcção científica de Miguel Pessoa, prolongando-se os trabalhos até à actualidade. As explorações arqueológicas resultaram em diversos artigos e num estudo monográfico² (dissertação de mestrado). Para além dos diversos restauros patentes durante a realização das intervenções arqueológicas, este local é musealizado em 2001 e integrado na Rede Portuguesa de Museus/IPM.

Quanto à *villa* de S. Simão, esta é pela primeira vez referida em notícia no jornal “O século” em 17 de Maio de 1901. Posteriormente esta notícia referente à existência deste sítio, é republicada por A. Pedro de Azevedo em *O Archeólogo Português* (Vol. VII/ 2-3, pág. 59 a 61) no ano de 1902.

Jorge de Alarcão em 1998 relata a existência de mosaicos perto da Capela da N. Sra. da Graça localizada em S. Simão, freguesia de S. Miguel. Perante a possível existência de uma *villa* romana, dá uma estimativa da área que o território (*fundus*) deveria dispor, rondando os “200 hectares de boas terras” (ALARCÃO, 1998, 98).

Só em 2001 se realizam as primeiras intervenções arqueológicas sob a direcção de Sónia Vicente e Miguel Pessoa sendo realizada uma primeira sondagem. Em 2003 é feita uma prospecção ao local denominada por Miguel Pessoa como “visita ao local”, onde são encontrados alguns materiais de superfície³. A escavação deste local concretiza-se em 2004, também sob a direcção dos arqueólogos atrás referidos, com a abertura de três sondagens, sendo terminados os trabalhos em Abril do mesmo ano (PESSOA, VICENTE, 2004, 5).

A *villa* de Santiago da Guarda, localizada no Complexo de Santiago da Guarda é mencionada em 1959, na obra “As grandes Vias da Lusitânia”, por Mário Saa que refere a existência de uma inscrição romana patente no sétimo quinal do canto noroeste da torre do século XV/XVI (SAA, 1959, 159).

² PESSOA, Miguel, 2000 – *Villa Romana do Rabaçal Um centro na periferia?*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra

³ A descrição mais pormenorizada dos trabalhos arqueológicos é desenvolvida no capítulo referente ao Inventário de Sítios.

A possibilidade de existência de um sítio romano perto da torre de Santiago da Guarda é pela primeira vez referida por Jorge de Alarcão, em 1988, na sua obra Portugal Romano, onde menciona a presença de alicerces, *tegulae* e canalizações (ALARCÃO, 1988, 101). Também neste ano, o padre José Coutinho faz alusão à existência, nas paredes do solar, de “pedaços de *tegulae* e pedras aparelhadas não comuns ao usual da construção”. Destaca também o aparecimento de um mosaico policromo no contexto de obras do paço e a presença de um capitel no pátio, junto da escada que dá acesso à torre (COUTINHO, 1988, 10). Só após o restauro do monumento medieval, que lhe está anexo (em 1996), é que foi de facto confirmada a existência de uma *villa* romana no local.

As primeiras intervenções arqueológicas decorreram no âmbito das iniciativas ligadas à salvaguarda e valorização do património natural e construído do Parque Ecológico Gramatinha/Ariques/Algorinho, dentro do processo de reabilitação do antigo Paço dos Vasconcelos. Para além dos trabalhos específicos de arqueologia realizou-se também “um programa de protecção e conservação das estruturas do edifício romano, bem como o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de recuperação da torre quatrocentista e do paço quinhentista” (CORTESÃO, MARQUES, TRINDADE, 2006, 218). Os trabalhos arqueológicos iniciaram-se em 2002, decorrendo até Novembro de 2005 sob a direcção científica de Rodrigo Marques.

Este monumento está classificado como Monumento Nacional desde 1978, encontrando-se actualmente musealizado. Faz também parte do Circuito da Romanização a que se juntam *Conimbriga*, Alcabideque e a *villa* do Rabaçal.

A Várzea de Aljazede é referida, em 1957, por Salvador Dias Arnaut no artigo: “Novas Achegas para a história da ladeia”, desta destaca o aparecimento de vestígios de período romano (ARNAUT, 1957, V-VI). É igualmente assinalado este local, por José Eduardo Reis Coutinho, em 1986, fazendo também alusão ao mesmo tipo de vestígios (COUTINHO, 1986, 95).

A bibliografia predominante sobre este local está maioritariamente relacionada com a passagem de antigas vias de comunicação por este vale. Também Vasco Mantas, na sua tese de doutoramento sobre “A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga” refere detalhadamente o eixo viário que passava nesta região, neste

caso específico na Várzea de Aljazedo (MANTAS, 1996, 682, 788, 797-798). Mais recentemente também Catarina Mendes indica a passagem de uma via por este local (MENDES, 2008,103).

Apesar de este sítio nunca ter sido sujeito a uma prospecção intensiva, ou a uma escavação arqueológica, encontra-se referido na base de dados do IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico).

Já de época medieval, existe documentação referente à herdade da Ateanha, pelo menos desde 1160, quando D. Afonso Henriques “presenteou o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra com novas terras”. Destas constava a herdade da Ateanha, onde é também mencionada a sua torre (*appud*, COUTINHO, 1986, 106). Esta torre é referida por Salvador Dias Arnaut em 1939, enumerando também a torre da Ladeia e o castelo do Germanelo (ARNAUT, 1939, 13). Já em 1957 é descrita pelo mesmo autor outra torre, que ainda sobressairia na paisagem mas é identificada como já não sendo a referida no século XII. Sobre este assunto José Eduardo Coutinho também faz alusão em 1989 (COUTINHO, 1986, 125).

De Aljazedo um dos primeiros documentos referentes a esta localidade é de 9 de Abril de 1160, outro relacionado com doações de Dezembro de 1166 e também referente a esta localidade, de um privilégio papal de Urbano III, de 6 de Maio de 1187 (*appud*, COUTINHO, 1986). Ao longo do século XII, existem outros documentos em que se mencionam herdades nesta localidade, nomeadamente um de 1281, em que é aforada “aquela herdade que a nossa granja de Aljazedo tem em Ladeia, no lugar chamado de Aljazedo” (*appud*, IBID, 123-124).

Apesar de existirem alguns documentos medievais, nomeadamente do século XII, referentes a este lugar, este sítio não foi sujeito a nenhum tipo de intervenção arqueológica.

Por volta desta altura, foi mandado erigir por D. Afonso Henriques em 1142 o castelo do Germanelo. Apesar de não se encontrar directamente na área de estudo, importa fazer referência a este sítio por se poder relacionar directamente com a fortificação da mesma época na Ateanha. O documento mais antigo é de 1142-1144,

em que D. Afonso Henriques concede carta de foro e fixa os limites aos habitantes do castelo do Germanelo⁴. Já em 1875⁵ Alexandre Herculano escreve acerca do castelo e posteriormente, em 1890, Delfim José de Oliveira faz alusão a este monumento⁶. Seguiram-se outros artigos sobre este castelo ao longo do século XX, assumindo-se como um marco, o escrito em 1982 por Salvador Dias Arnaut⁷. As primeiras escavações foram executadas sob a direcção científica de Bairrão Oleiro, Jorge de Alarcão e Mário Hipólito.

Sendo a área de investigação deste trabalho uma zona de intersecção entre o território de três *villae*, tendo sido as três sujeitas a trabalhos arqueológicos, e existindo duas que já se encontram musealizadas (Rabaçal e Santiago da Guarda), é natural que haja um maior conhecimento científico deste espaço de tempo (séc. IV – V). Depois permanece uma baliza temporal, que vai desde o séc. V, até meados do séc. XII, em que se desconhece por completo a história desta região. Este período (Antiguidade Tardia/Alta Idade Média) é de certa forma negligenciado, talvez relacionado com a “ofuscação” dada pela atenção requerida nos trabalhos arqueológicos e de musealização, realizados nos sítios enumerados. Em Conimbriga tem sido dada maior atenção a este espaço temporal, demonstrando a dinâmica ocupacional desta *civitas*.

Durante o séc. XII, até meados do séc. XIII, existe alguma documentação, mas depois há um vazio, que é novamente repostado com a torre e paço do séc. XV. Desta forma, à parte das intervenções realizadas no castelo do Germanelo e na Torre e Paço de Santiago da Guarda, não foi efectuado outro tipo de trabalho arqueológico relacionado com o período medieval.

Verifiquei que na área em que se centra este trabalho (entre Aljazede / Ateanha, Chão de Ourique / Póvoa e Vale do Rio Dueça), apenas a *villa* de S. Simão foi sujeita a uma intervenção arqueológica sistemática. Mesmo este sítio não foi estudado na globalidade, havendo apenas um estudo fragmentado baseado essencialmente em

⁴ Documento 577, pág. 772 do Livro Preto Cartulário da Sé de Coimbra.

⁵ *História de Portugal*, 8ª ed., T. II, pág. 187.

⁶ *Noticias de Penella*, 3º Parte (Suplemento), Porto.

⁷ Neste artigo para além duma descrição do castelo, são sistematizados os resultados das escavações realizadas até à altura (ARNAUT, 1982, pág. 231-256).

intervenções de emergência e não a uma análise integral da área. Quanto à dinâmica paisagística da própria área de estudo, terei que referir a importância da evolução das vias e o estudo destas, para os quais contribuíram os estudos de alguns investigadores, sobretudo de Vasco Gil Mantas.

5. Inventário de sítios

Villa Romana do Rabaçal

Freguesia – Rabaçal

Concelho – Penela

Distrito – Coimbra

Coordenadas: Latitude N 172,3 Longitude W (Greenwich) 341,1 Z - 180

Carta Militar de Portugal Escala 1/25000 – Folha 251

Acessos: Ao chegar ao Rabaçal, corta-se à direita, seguindo na direcção Ordem, mas antes de chegar a esta, vira-se na primeira à direita.

A *villa* romana do Rabaçal¹ encontra-se localizada a sul de Conímbriga, a 12 kms desta. Teria pertencido ao território desta *civitas* e localizava-se perto da via romana que ligava *Olisipo* a *Bracara Augusta* (PESSOA, 1998, 11). A *villa* está situada no vale do Rabaçal, vale com a cota relativa de 160 metros e que é atravessado pelo rio Carálio Seco.

A primeira referência feita a este sítio está patente no catálogo do Museu Municipal da Figueira da Foz de 1905, editado pelo arqueólogo Santos Rocha². Este refere-se a um achado em baixo-relevo encontrado neste local.

Em relação aos trabalhos arqueológicos realizados, apesar de o sítio já ser conhecido, pelo menos desde 1905, só em 1979 se dá a primeira visita ao campo. Por

¹ O topónimo está relacionado com a população actual onde se encontra localizada esta *villa*. O topónimo Rabaçal, também está ligado a um tipo de planta, a rabaça que é bastante abundante ao longo do vale. As terras deste vale apresentam uma grande fertilidade, onde a água é abundante. Actualmente é dividida por minifúndios que se espriam ao longo do vale. São plantados neste local, para além do trigo e milho, a vinha, a batata, entre outros. A oliveira marca a paisagem de forma evidente, havendo também uma predominância da nogueira (PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2001, 38).

² ROCHA, António dos Santos, 1905 – *Catálogo Geral do Museu Municipal da Figueira da Foz*, Imprensa Lusitana, Figueira, nº 4605

ser um local de sementeira e olival, teriam que se realizar intervenções arqueológicas devido aos danos que poderiam provocar nas estruturas soterradas.

- 1984 - São realizadas as primeiras sondagens. Nestas, os arqueólogos deparam-se com a existência de mosaicos com motivos decorativos importantes (PESSOA, 1998, 55).
- 1985 - Prosseguiram as escavações arqueológicas e foi implantada uma quadrícula da área a intervencionar, o que resultou na descoberta de “24 colunas, corredores com plintos decorados de baixos relevos, mosaicos (com a representação) das estações do ano, e ainda materiais cerâmicos do século IV d.C.” (IBID, 57).
- 1986 - Foram descobertas três grandes salas, das quais constam: um *oecus triclinium* localizado a oeste, uma sala a sudoeste e outra a noroeste. Só o *triclinium* e a sala a oeste são decorados com mosaicos. Do *triclinium* há que destacar as placas de mármore com “baixo relevo e friso jónico de calcário” que a decorariam (PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2001, 41).
- 1987 - Encontrados vestígios arqueológicos a cerca de 200 m da *pars urbana*, foram também descobertos novos mosaicos. Para além destes, encontraram-se 12 sepulturas instaladas sobre o pavimento de mosaico (PESSOA, 1998, 57).
- 1989 - Foi escavado o norte da *pars urbana*, sendo descobertas paredes de largas dimensões, relacionadas com um edifício de culto (“capela palatina de planta quadribsidada”). Escavou-se a torre octogonal e a entrada da *villa* a sul.
- 1990 - Um ano relevante, pois foi encontrado um tesouro de moedas do século IV d.C. (importante para a datação inicial da *villa*). Localizou-se a *pars rustica* da *villa* e foi possível ter uma visão completa da *pars urbana*. Nesse ano foram retiradas todas as banquetes que se encontravam sobre o *triclinium* e foi iniciado o processo de restauro (PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2001, 42).
- 1991 - Escavada a área central do peristilo, a estufa do *triclinium* e também o tanque de abastecimento de água deste (PESSOA, 1998, 58).
- 1992 - Ficou-se a conhecer mais pormenorizadamente a zona sul da *pars urbana*, a “entrada composta pela torre octogonal, corredor, vestíbulo, portaria e sala contígua ao corredor sudeste” (PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2001, 42).

- 1993 - Passou a conhecer-se a construção quadriabsidada da área norte da *pars urbana*.
- 1994 - Continuação da escavação no lado norte e tendo sido encontrada um numisma de Constâncio II (341-346 d.C.) num estrato de nivelamento para a implantação da *villa*, foi importante como *terminus post quem*, para a datação inicial da *villa* (IBID, 43).
- 1996 - Foi aberta uma quadrícula arqueológica na *pars rustica* e encontrados “vários pavimentos, uma lareira, canalizações, muros e paredes de diversas espessuras” (PESSOA, 1998, 58). Pode-se ficar assim com uma visão mais específica de como seria a *pars rustica* desta *villa*.
- 1997 – É, por fim, identificado o balneário (topo sul da área estudada), com a descoberta de “estruturas de construção em alvenaria e cilharia, canalizações, tanques revestidos por *opus signinum*, bem como pavimentos suspensos em arcos” (IBID, 59).
- 2001 - É aberto o espaço-museu, já integrado na Rede Portuguesa de Museus/IPM.

A *villa* datada (cronologia inicial) do século IV d.C.³, apresenta uma planta octogonal orientada segundo os pontos cardiais, um estilo bastante peculiar, encontrado também nos palácios e *villae* de luxo. A planta radial, com a sua entrada em baioneta, está mais relacionada com os modelos helenísticos que com os modelos de “inspiração romana” (IBID, 47). Esta é constituída por um peristilo octogonal a céu aberto com 16 metros de largura e é formado por 24 colunas (IBID, 18). Os mosaicos são abundantes ao longo da *pars urbana*, nomeadamente os mosaicos policromos dotados de motivos geométricos. São de destacar também os mosaicos de motivos vegetalistas e figurativos (PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2001, 35). A entrada da *villa* (a sul) é constituída por três compartimentos, dois laterais⁴ e um corredor a meio. Do lado este da entrada destaca-se a torre da fachada, com planta octogonal e paredes

³ A cronologia da *villa* é desenvolvida na obra: PESSOA, Miguel, 2000 – *Villa Romana do Rabaçal Um centro na periferia?* - Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiada), p. 202-216

⁴ O compartimento esquerdo continha um pavimento de mosaico, a sala deveria ter a função de vestíbulo. Já o compartimento esquerdo, não apresenta qualquer tipo de mosaico, teria a função de atendimento (PESSOA, 2000, 102).

largas (sugerindo uma construção em altura). Tem duas portas, uma de ligação ao interior e outra ao exterior. Através da entrada da *villa*, tem-se acesso directo ao peristilo central. Os corredores do peristilo (os mosaicos desenvolvem-se ao longo destes), dão entrada a variadas salas. O corredor sudeste dá acesso a uma pequena sala pavimentada de *opus signinum*. A norte, são contíguos dois compartimentos (poderiam estar associados a espaços de trabalho dos serviçais). Tanto ligadas ao corredor noroeste, como ao corredor sudoeste, encontram-se duas grandes salas com as mesmas dimensões (9 x 6,9 m)⁵. A sudoeste destaca-se a sala cruciforme quadriabsidada que pode estar associada a uma antiga basílica palatina. Terei que destacar a diversidade de decoração do pavimento de mosaico patente no corredor oeste⁶. Por fim, a oeste encontra-se o *triclinium*, uma sala triabsidada (10 x 9,2 m) que é a sala de maiores dimensões da *villa* (PESSOA, 2000, 102- 137).

Da *pars rustica*, *pars fructuria*, já foram localizados alguns muros, pavimentos e também canalizações. Era aqui que se encontravam os espaços de labor, tais como as instalações dos servos (PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2001, 35). Afastado da *pars urbana* e podendo enquadrar-se dentro da *pars rustica*, encontramos o balneário. Este está a cerca de 40 m da parte norte da *villa* urbana. A estrutura de aquecimento encontra-se a sul, também os tanques e as canalizações. O *apodyterium* (entrada principal) tem uma forma quadrangular. Nesse local foi descoberta uma pia de lavatório de calcário. Já o *caldarium* assume uma forma rectangular absidada e como foram descobertos tubos de abóbada e tijoleiras de arcos naquele local, deveria ser coberto por uma abóbada de berço. O *tepidarium* continha no seu interior um banco corrido, na parede este do compartimento. Este tinha dimensões mais reduzidas que o *caldarium*. Por fim, o *frigidarium* era constituído por um tanque, com umas escadas que lhe dariam acesso (IBID, 49-50).

Do *fundus* desta *villa*, não é conhecida toda a sua extensão. Fora usado um módulo cadastral de centúria quadrada, com quadrados de cerca de 710 m de lado. Já

⁵ A primeira das salas não continha qualquer tipo de pavimento, nem lhe foi atribuída uma função específica. Contém uma porta que dá acesso à construção cruciforme. Já a sala a sudoeste foi identificada como um *oecus* e foi pavimentada por um mosaico “profusamente decorado” (IBID, 111).

⁶ Estão representadas a decoração geométrica, vegetalista e figurativa (através dos quadros das estações e do quadro dos cavalos) (IBID, 120-130).

na época tardo-romana houve uma maior tendência para a anexação e formação de latifúndios. O tipo de plantações actuais pode comparar-se com as usadas no vale durante o período romano. Abunda a vinha, a horta grande, o vimeiral, a oliveira, entre outros. Destacam-se também, a existência de pequenos casais e locais de produção que explorariam o *fundus* desta *villa* (IBID, 36).

Bibliografia : ROCHA, 1905; ALARCÃO, 1974; PESSOA, 1998, 11, 18, 47, 55-59; PESSOA, 2000; PESSOA, RODRIGO, SANTOS, 2001, 33-36, 41-50;

Villa Romana de S. Simão

Freguesia – S. Miguel

Concelho – Penela

Distrito – Coimbra

Coordenadas: X- 553254 Y – 4427898359 Z - 203

Carta Militar de Portugal Escala 1/25000 – Folha 263

Acessos: Para aceder a S. Simão⁷ a partir de Penela, deve seguir-se pela IC3 no sentido Sul e sair na saída em direcção à povoação de S. Simão, junto à capela da Senhora da Graça.

Esta *villa* encontra-se numa zona de vale, denominado vale do rio Dueça, localizado na cabeceira sul da bacia hidrográfica do rio Mondego. Este é um extenso vale com cerca de 3,5 quilómetros de comprimento, no sentido sul/norte e cerca de 300 metros e 600 metros de largura, no sentido este/oeste. Existem zonas em que a largura do vale se torna de menores dimensões, encontrando-se ladeado a oeste por uma cadeia de cabeços (Sete Fontes, Carregã, Tombadouro, Eiras de Trás) e a este pela

⁷ Este topónimo está associado a dois S. Simão coevos de Jesus Cristo e um terceiro apelidado de Stock, que viveu durante o século XIII e era geral da Ordem das Carmelitas. Mas, como se poderá verificar, nenhum dos três tem qualquer tipo de relação directa com o local em estudo

actual IC3. A fertilidade deste vale é atestada pela sua riqueza hidrológica, atravessado na quase totalidade pelo rio Dueça e pela série de canais artificias e poços.

Este local é, pela primeira vez, referido numa notícia vinda no jornal “O século” em 17 de Maio de 1901. É, no ano seguinte, republicado por A. Pedro de Azevedo n’*O Archeólogo Português*, (Vol. VII/ 2-3, pág. 59 a 61).

Em 2001 é aberta a primeira sondagem no local, onde foram identificados mosaicos⁸ e *opus signinum* relacionado com um pavimento de habitação. Foram também encontrados materiais cerâmicos diversos. Em 2003, é feita uma nova visita ao local, destacaram-se, à superfície, fragmentos de pesos de tear e *tegulae*. Por fim, em 2004, é feita uma escavação (trabalho de acompanhamento para a construção de casas-de-banho no edifício do bar junto à Capela da N.Sra da Graça). Os trabalhos iniciam-se a 16 de Março e são abertas três sondagens. A sondagem 1, sentido este/oeste (1,90 m x 3,20 m), assume a forma de um rectângulo alongado. A sondagem 2 (na base 3 m e nos lados 1,80 m e 1 m) tem a forma de um trapézio irregular. Nesta sondagem foi detectada uma canalização) Por fim a sondagem 3 (2 m x 1 m), foi aberta na zona exterior ao adro da igreja. Os trabalhos dão-se como terminados em Abril (PESSOA, VICENTE, 2004, 5).

Dos materiais retirados da escavação de 2004, os autores citados enumeraram um *nummus*, do reinado de Constantino (307-337). Da cerâmica, destacam a *sigillata* sudgálica, cerâmica comum (de pastas calcítica, cinzenta, alaranjada e de tipo grés), em que abundam os bordos, bojos, fundos e asas. Foram descobertos também pesos de tear, potes de grandes dimensões (tipo *dolium*), tijolos (tanto de coluna como de arcos), argamassa e tesselas dispersas. Por fim, foi também encontrada alguma escória e ossos.

Bibliografia : ALARCÃO, 1998, 98; PESSOA, VICENTE, 2004, 5; PESSOA, 2005, 366.

⁸ Estes são descritos como sendo “parte de uma composição de reticulado de faixas de quadrados decorados com trança, exibindo interpenetração de quadrados quadripartidos, decorados no centro com cruz de espartaria e círculos expandidos, decorados ora de redentes, ora de cabos, como motivos de intersecção, o que determina octógonos irregulares de quatro lados curvilíneos” (PESSOA, 2005, 366).

Villa Romana e Paço e Torre de Santiago da Guarda

Freguesia – Santiago da Guarda

Concelho – Ansião

Distrito – Leiria

Coordenadas: X – 170285 Y- 331022 Z – 253

Carta Militar de Portugal Escala 1/25000 – Folha 263

Acessos: Os acessos a este complexo⁹ são bastante simples, visto esta encontrar-se no centro de Santiago da Guarda, na rua Conde Castelo Melhor, perto da igreja matriz.

1. A *villa* romana

A cerca de 10 km a sudoeste em linha recta de S. Simão, localiza-se a *villa* de Santiago da Guarda. Igualmente à mesma distância desta última, encontra-se a *villa* romana do Rabaçal, esta a norte de Santiago da Guarda. Integra-se na sub-região do Pinhal Interior Norte e é confrontada a norte com a freguesia de Alvorge e a sul com Pombal e Ansião. A *villa* encontra-se a meia encosta, cuja cota média é de 253 m. Situa-se perto de uma zona baixa cujo topónimo é identificado como Várzea. Em 1959, na obra “As grandes Vias da Lusitânia”, Mário Saa refere a existência de uma inscrição romana na torre de Santiago da Guarda¹⁰.

Os trabalhos arqueológicos realizados neste local decorreram entre Maio de 2002 e Novembro de 2005, com a campanha no paço senhorial. Foram assim definidos os limites da *villa* romana, ficando com uma panorâmica geral da distribuição dos mosaicos. Para além dos trabalhos arqueológicos, durante esse período procedeu-se também à conservação das estruturas encontradas. Fez-se uma quadriculagem “ao longo dos alçados sul, este e norte, bem como, no interior, as alas este, norte, oeste e sul, tendo as últimas sido escavadas em *open area*” (CORTESÃO, MARQUES, TRINDADE, 2006, 218). Para além dos trabalhos realizados no interior, foram abertas

⁹ Denomina-se complexo, por no mesmo local se encontrar uma *villa* romana, um paço de arquitectura manuelina e a torre do séc. XV.

¹⁰ SAA, Mário, 1959 : *As Grandes Vias da Lusitânia o Itinerário de Antonino Pio*, Vol.II, 1959, p.195

algumas valas de sondagem em torno da torre. A última fase das escavações decorreu no pátio e dentro da torre. Quanto aos materiais recolhidos na escavação, foram encontrados: cerâmica de construção, cerâmica comum, vidrados, numismas tanto romanos como medievais, fragmentos de bronze e de ferro e também fragmentos de sílex (IBID, 218).

Esta *villa* insere-se “na tipologia das *villae-bloco* de plano compósito”, dividida por três grandes sectores (átrio, peristilo e *triclinium*). O átrio é constituído por um *impluvium* rectangular, zona da possível entrada na *pars urbana*. Já em relação ao *peristilo*, este mede 17,37 m por 14 m, situado perpendicularmente em relação ao átrio. A zona central deste é pavimentada em *opus signinum*, completada por uma decoração de lajes em calcário. Do lado norte deste, encontra-se um corredor de grandes dimensões (4,89 m por 19,85 m), fazendo assim uma ligação com a parte privada da residência. A oeste do *peristilo*, existe uma sala, com uma zona de culto, na área sul localiza-se uma pequena abside. Por fim, o *triclinium* é uma sala cujo pavimento era parcialmente aquecido (continha *hypocaustum* e *praefurnium*). Esta sala é ligada por um pequeno corredor, na parte este, a uma sala que é interpretada como sendo uma “área reservada aos criados” (IBID, 219-220).

Quanto à cronologia da *villa*, esta tem uma datação inicial pertencendo aos séculos IV e V. Há vários elementos que levaram os investigadores a pensar nessa datação. Começado pelos materiais encontrados durante as escavações, tanto as moedas como os fragmentos de *terra sigillata* descobertos, apontam para essa datação. Os motivos patentes nos mosaicos são semelhantes aos da *villa* romana do Rabaçal, datados dos finais do século IV e inícios do V. Também em termos arquitectónicos tudo leva a crer que a datação ronde este período. Destacam também a presença da técnica do *opus mixtum*, os espaços em abside, salas com sistema de aquecimento, tudo técnicas utilizadas no Baixo-Império (IBID, 220-221).

A inscrição latina patente no sétimo quinal do canto noroeste da torre é segundo José de Encarnação, datável do século III d.C. O bloco onde se encontra a inscrição mede 24,5 cm por 56 cm e é feito de calcário branco. A inscrição “VERPMVICINI” é assim interpretada: “VE é sem dúvida, a abreviatura do adjetivo

latino neutro vectigale, “sujeito a imposto”. R. P. constitui a habitual sigla de R(es) P(ublica); M. tem diversas acepções, mas junto às duas letras anteriores pode interpretar-se como significando M(unicipium). O texto desdobrado é, portanto o seguinte: VE(ctigale R(ei) P(ublicae) M(unicipii) VICINI – Tributário da República do Município vizinho” (ENCARNAÇÃO, MONTEIRO, 1993-1994, 308-309). A importância da epígrafe passa por atestar “a preocupação das entidades locais em definirem bem quais os prédios seus tributários” e por marcar a fronteira entre as duas *civitates*: *Conimbriga* e *Sellium* (IBID, 309-310).

Perto de Santiago da Guarda, seguindo para norte e passando pela Várzea, a primeira localidade que se segue denomina-se de Poço do Carvalhal. Para além da cerâmica de construção encontrada neste local, foram também descobertos tijolos de coluna, alguns fustes de colunas e pesos de tear. Jorge de Alarcão destaca a presença de uma galeria que poderá ter tido a função de um criptopórtico, com as mesmas funções do localizado em Coimbra no Museu Machado de Castro (ALARCÃO, 1988, 101).

Em Ansião, também surgiram alguns materiais isolados. Segundo o padre José Coutinho, foram encontrados em 1866 a Norte da Areosa, seis facas de sílex e uma placa de xisto gravada. Já em 1980, foram descobertas “três lâminas de sílex, um polidor em granito, peças líticas com vestígios de polimento e pedaços de vasos cerâmicos, alguns dos quais decorados com impressões formando sulcos” (COUTINHO, 1986, 29). No centro da cidade de Ansião era usual o aparecimento de alguma dispersão tegular e de cerâmica comum. Foram também encontrados numismas da época constantiniana (307-337), pesos de tear. Perto dos antigos Paços do Concelho foi descoberta “uma forja com tijolos, cinzas, carvões e um bronze de Magno Máximo (383-388)”. É também conhecida a lápide funerária com as iniciais STTL, os antonianos de Cláudio II (268-279) e o bronze de Magno Máximo (383-388) que surgiram no contexto das obras de alargamento do cemitério em 1968 (COUTINHO, 1986, 30-31). Em 1979 no segundo alargamento do cemitério, foram encontradas mós, pesos de tear, cerâmica comum e *sigillata* hispânica³. As primeiras referências escritas referentes a Ansião surgem no século XII, nos documentos relacionados com a

adquirição de bens por parte do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (COUTINHO, 1986, 32).

1. Paço e torre

O denominado Paço de Vasconcelos de Santiago da Guarda, que se encontra sobre a *villa* romana, pode dividir-se em dois conjuntos distintos: a torre e a residência. A primeira é datável dos finais do século XV e inícios do século XVI. Mas poderia no mesmo lugar existir uma torre mais antiga. Esta problemática assenta na existência de “arcaísmos sobreviventes”, tais como o “carácter maciço do piso térreo, do acesso elevado” e também “a existência de frestas no primeiro andar” (CORTESÃO, MARQUES, TRINDADE, 2006, 215). A torre era dividida em três pisos, dos quais os dois superiores eram iluminados por janelas ogivais de balcão. As entradas são feitas por uma porta, a cerca de dois metros do solo, virada para o exterior (acesso provável por escada móvel) e outra porta à mesma cota que dá acesso ao pátio, em que a passagem é feita através de uma escada de alvenaria. Em termos arquitecturais o padre José Coutinho destaca a primitiva tradição gótica e dá-lhe também uma datação dos finais do século XV (COUTINHO, 1988, 4). A torre insere-se na região que durante os séculos XII e XIII se denominava por Ladeia (Condeixa, Soure, Ansião e Penela), desta forma, se existisse uma torre anterior ao século XV, enquadrar-se-ia nesta zona de fronteira e palco de sucessivos confrontos. Faria parte assim de um conjunto defensivo, dos quais fazia parte o castelo do Germanelo, Penela e as torres da Ateanha, Alvorge, entre outras (CORTESÃO, MARQUES, TRINDADE, 2006, 215).

Quanto à residência, esta é um típico exemplo de arquitectura manuelina. Mas a propriedade onde esta estava implantada (Quinta da Guarda) já era referida nas chancelarias régias, nomeadamente nas de D. João II e D. Manuel I. O nome “Paço dos Vasconcelos está associado à ocorrência que se dá em 1468, quando D. Afonso V doa a “João Rodrigues Ribeiro de Vasconcelos e a todos os seus sucessores a Quinta da Guarda e Feira da Mouta Santa, próxima do Rabaçal”. É só na primeira metade de quinhentos que é mandado edificar o paço, provavelmente concluído em 1544, data

que se encontrava patente no portal, que já não é visível¹¹. Luísa Trindade destaca o contraponto entre o paço de “linha cortesã” e o carácter “rude e militarizado” da torre (IBID, 214-215).

Da arquitectura da residência, tanto o padre José Coutinho, como Luísa Trindade, referem-se à repetição da forma quadrada ao longo do edifício. Estes medem 5, 80 m de lado, sendo que a residência e os anexos localizam-se em volta de um pátio central (IBID, 216). Pátio este, cujas fachadas viradas para o interior são formadas por “duas portas e quatro janelas de umbreiras e padieiras golpeadas e recortadas em estilo manuelino, todas diferentes”. Já as fachadas viradas para o exterior apresentam janelas mais simples, “pequenas, elevadas, e com simples chanfros”. Como já referi, o portal de entrada que dá acesso ao pátio central, continha uma epígrafe e, para além desta, o brasão dos Vasconcelos Ribeiros e Sosas do Prado (COUTINHO, 1988, 5).

Refiro-me agora à presença da capela do paço, que tem uma planta também quadrangular, mas com apenas três metros de lado. É o único compartimento da residência que ainda mantém o tecto original. É notável a mudança de estilo arquitectónico que se dá entre o paço e a capela, sendo esta já mais marcada pelo “gosto renascentista emergente” (CORTESÃO, MARQUES, TRINDADE, 2006, 217). Na zona central da abóbada encontra-se um brasão descrito pelo padre José Coutinho, como tendo: “um castelo aberto, iluminado e lavrado; carregado de dois leões, armados e lampassados, o da direita voltado” (COUTINHO, 1988, 6).

Bibliografia : SEQUEIRA, 1955, p. 29; SAA, Mário, 1959, p. 195 ; ALARCÃO, 1988, 101; COUTINHO, 1988, 4-6; ENCARNAÇÃO, MONTEIRO, 1993-1994, 308-310; CORTESÃO, MARQUES, TRINDADE, 2006, 214-220;

¹¹ A fotografia e a descrição da inscrição, encontra-se na obra: SEQUEIRA, Matos, 1955 – *Inventário Artístico de Portugal Distrito de Leiria*, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, p. 29

Várzea de Aljazedo

Freguesia – Alvorge

Concelho – Ansião

Distrito – Leiria

Coordenadas: X- 550695 Y – 4425670 Z - 250

Carta Militar de Portugal Escala 1/25000 – 263

Acessos: Depois de se passar a povoação de Chão de Ourique, no sentido este-oeste, não cortando para a Póvoa, encontramos à nossa direita uma grande várzea agricultada denominada de Várzea de Aljazedo, a este da povoação com o mesmo nome.

A Várzea de Aljazedo é um longo vale de cultivo que se localiza perto da povoação de Aljazedo e que apesar de pertencer na íntegra ao distrito de Leiria, faz fronteira com o de Coimbra. Neste vale existem diversos tipos de culturas, divididas em pequenas parcelas, que assumem predominantemente a forma rectangular. Em termos de largura, atinge cerca de 400 metros no sentido noroeste/sudeste e cerca de 2,5 quilómetros de comprimento, sentido sudoeste/nordeste. Sendo confrontada a sudoeste com a Várzea de Vale de Todos, a sul pela EM559, a este pelas povoações de Chão de Ourique e Póvoa, e a norte pelo cabeço da Ateanha. A abundância de água no subsolo é atestada pela existência de numerosos poços distribuídos pelas diversas parcelas. É praticada tanto a agricultura de regadio como a de sequeiro. É comum a plantação de trigo e milho e o plantio da vinha, entre outros. A oliveira é também constante ao longo do vale e em menor número a noqueira também está presente.

Este local é já referido, em 1957, por Salvador Dias de Arnaut. É descrito como sendo “uma larga várzea muito agricultada”, semelhante ao que encontramos na actualidade. São relatados o aparecimento de vestígios, nomeadamente de período romano. Para além desta manta de superfície é salientada a presença da “Fonte dos Mouros da Ateanha” e do “Poço do Carril”. A importância dada por Arnaut a esta

estrutura prende-se com o facto, de este apresentar uma constituição robusta, “com uma escada de pedra até ao fundo” e por se encontrar no seguimento de uma estrada “entre muros de pedra solta”. O topónimo dado a este poço, segundo Arnaut, terá um significado de estrada, ou poderá também significar um caminho, onde só se poderia viajar a pé. Este vocábulo é bastante utilizado durante a Idade Média. Por fim é também referido “um algar aberto na rocha”, a oriente desta várzea, perto da localidade da Póvoa. Entre a Várzea e este último sítio existe um microtopónimo Algar (ARNAUT, 1957, V-VI).

José Eduardo Coutinho faz referência ao carácter predominantemente agrícola deste vale e aos vestígios de dominação romana. Também faz alusão à “Fonte dos Mouros da Ateanha” e ao “Poço Carril”. (COUTINHO, 1986, 95).

Do que é referido na base de dados do IGESPAR (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), a área acima referida não foi sujeita a uma intervenção intensiva, em termos de prospecção arqueológica e não se realizou nenhuma escavação. À Várzea de Aljazedo (neste local denominada de Poço de Carril), é atribuída cronologia de período romano, e é descrita como podendo ter sido um habitat. São destacados os vários fragmentos de *tegulae* e de cerâmica comum. Foram também encontradas à superfície, duas cantarias aparelhadas, de calcário oolítico, que continham um “entalhe para o sistema de elevação através de ferro de luva”. Um deles encontrava-se reaproveitado num portal e o outro já foi retirado da vinha. Por fim, é referida a presença de um grande peso de lagar, a que relacionam com a prática da agricultura e outras actividades ligadas ao apoio viário¹².

Vasco Mantas alude diversas vezes esta várzea na sua obra *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. No trajecto entre *Sellium* e *Conimbriga* deveriam existir duas *mutationes*, e uma das *mutatio* que desempenharia também a função de *mansio*, encontrava-se perto da povoação da Póvoa, ou seja, poderia corresponder ao local da actual Várzea de Aljazedo. A estrada *Olisipo-Bracara* atravessava toda esta várzea e partia também daqui o *diverticulum*, que seguia por Santiago da Guarda e se desenvolvia pelo vale do Nabão (MANTAS, 1996, 682).

¹² Informação obtida na base de dados ENDOVELICO do IGESPAR - <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endoavelico/>

Bibliografia - ARNAUT, 1957, V-VI; COUTINHO, 1986, 95; MANTAS, 1996, 682, 788, 797-798; IGESPAR

Ateanha

Freguesia – Alvorge

Concelho – Ansião

Distrito – Leiria

Coordenadas: X- 549938 Y – 4426358 Z – 422

Carta Militar de Portugal Escala 1/25000 – 263

Acessos: São idênticos aos referidos para a Várzea de Aljazedede, encontrando-se a norte de Aljazedede.

O monte da Ateanha tem como cota máxima 422 m, que o torna como local central na paisagem e sítio estratégico de defesa. Numa zona mais baixa (cota de 384 m), na encosta sudeste deste cabeço, situa-se a povoação referente a este topónimo. Esta localiza-se no antigo território da Ladeia que, segundo Salvador Dias Arnaut, compreendia a superfície “entre Façalamir, ao sul; Fonte Coberta, ao norte; Monte de Vez e vale do Pito ao nascente; Serra da Barca, Pombalinho e Mata das Pias ao poente”. Refere, também, a presença das três torres de defesa, que controlariam este território: torre da Ladeia, da Ateanha e o castelo do Germanelo (ARNAUT, 1939, 13). Para além das defesas naturais, Arnaut menciona também uma cinta de rochas, que borda o cume do cabeço, e uma “edificação alta, que sobressai à maneira de torre”. Para o autor, não se trata da torre do século XII, referindo também que desta já não restam nenhuns vestígios (ARNAUT, 1957, III). Esta dita “torre” é descrita por José Coutinho, como sendo uma “construção do tipo torre chamada celeiro, com janela de avental, umbrais e padieira chanfrada, em linhas de estilo manuelino”. Tal como Arnaut não lhe atribui nenhum tipo de função específica (COUTINHO, 1986, 125).

Há documentação referente à herdade da Ateanha, pelo menos desde 1160, quando D. Afonso Henriques “presenteou o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra com novas terras”. Destas constava a herdade da Ateanha, onde é mencionada a sua torre (*appud*, IBID, 106). Já pertencente ao século XV, encontrando-se na capela da Ateanha, é de referir a existência de uma escultura figurativa do bispo São Martinho de Tours. É um objecto de pedra calcária, onde se destaca a policromia primitiva e os seus “arcaísmos, minunciosos labores da casula, báculo e mitra, e alegre fisionomia juvenil” (IBID, 125).

Este sítio é tipologicamente classificado, como um povoado fortificado, pertencendo ao período romano e medieval cristão. Para além das notícias da descoberta de machados de pedra polida e fragmentos de cerâmica, destaca-se a ocorrência de fragmentos de cerâmica de construção de período romano¹³.

Bibliografia: ARNAUT, 1939, 13; ARNAUT, 1957, III; COUTINHO, 1986, 106, 125.

Aljazedo

Freguesia – Alvorge

Concelho – Ansião

Distrito – Leiria

Coordenadas: X- 176120 Y – 334687 Z – 328

Carta Militar de Portugal Escala 1/25000 – 263

Acessos: Esta encontra-se entre a Várzea de Aljazedo que lhe é adjacente e a Ateanha, sendo os acessos semelhantes aos já referidos.

A uma cota superior, a noroeste da Várzea de Aljazedo, encontra-se a localidade de Aljazedo. Esta situa-se a meia encosta, na subida para o cabeço da

¹³ Informação obtida na base de dados ENDOVELICO do IGESPAR - <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>

Ateanha. É actualmente uma pequena povoação, que se desenvolve em torno da estrada que divide a Várzea de Aljazedo no sentido sudoeste/nordeste e que dá acesso à Ateanha. Há que destacar, logo de início, o topónimo sugestivo deste local. José Coutinho associa este topónimo a um nome feminino de jazigo, que poderá significar também aumentadora. Para além deste topónimo, alude também Alcalamouque, que significaria (qal'a) castelo, ou castelo mesquita. E Alvorge, que teria significado defensivo semelhante a Alcamouque, poderia designar uma torre ou fortim (COUTINHO, 1986, 96), segundo José Pedro Machado “pequeno forte” (MACHADO, 1968, 35). Existem outros topónimos tais como Alfafar (concelho de Penela) “O foral de Germanelo fala de uma «fonte de Alfafar». Do árabe alfahãr, nome de ofício, «oleiro». Com mudança de h em f, como é de regra. Existe em espanhol na forma actual *alfahar*. Na nossa toponímia, é muito frequente o nome Oleiro.” (IBID, 162). Outro topónimo de origem árabe é Alvaiázare (distrito de Leiria), “do árabe *albaiãz*, nome de ofício «falcoeiro»” (IBID, 168).

As primeiras referências a Aljazedo situam-se pela mesma altura a que se menciona a herdade da Ateanha. Um dos primeiros documentos associados a este topónimo surge a 9 de Abril de 1160 com um privilégio papal dado por Alexandre III (*appud*, COUTINHO, 1986, 114). Apesar da existência de documentos medievais alusivos a este local, não há conhecimento de trabalhos arqueológicos, de qualquer tipo, realizados nesta povoação.

Bibliografia : COUTINHO, 1986, 114, 123-124.

Castelo do Germanelo

Freguesia – Rabaçal

Concelho – Penela

Distrito – Coimbra

Coordenadas: X- 174648 Y – 339775 Z – 359

Carta Militar de Portugal Escala 1/25000 – 263

Acessos: Seguindo a IC3 no sentido norte-sul até Condeixa-a-Velha, vira-se para a EN 347-1 em direcção ao Rabaçal. Ao chegar à Fartosa corta-se à esquerda no sentido este, em direcção ao Castelo do Rabaçal.

O Castelo do Germanelo, também denominado de Castelo do Rabaçal, foi construído a poente da cadeia do Monte de Vez, localizando-se num cabeço com 359 m de altitude perto de outro semelhante, com 401 m, que se designa por Gerumelo. Como têm uma configuração semelhante, designam-se por germanelos, ou seja, irmãos.

Com o início da política expansionista de D. Afonso Henriques por volta do ano de 1135, começam a ser erigidas uma série de fortificações na zona da ladeia, é também por esta altura que se começou a reconstruir o castelo de Leiria (IBID, 99). Em 1142 manda construir o castelo do Germanelo, de forma a proteger os campos da Ateanha e Alvorge das “incursões e devastações que quotidianamente, usando o advérbio empregue na Crónica dos Godos – os Sarracenos” vinham infringir nesses territórios. Para além da fortificação, a este local foi concedida qualidade municipal e magistratura própria (IBID, 101). D. Afonso Henriques concede carta de foro e fixa também os habitantes deste castelo¹⁴. O Castelo do Germanelo, de pequenas dimensões (107 m de perímetro, 58 m de comprimento e 22 de largura), é constituído por um muro “feito de pedra pequena calcária e com bastante argamassa, tinha de espessura em todo o circuito 1,80 m” (ARNAUT, 1939, 40).

As primeiras escavações foram realizadas pelos Doutores: Bairrão Oleiro, Jorge de Alarcão e Mário Hipólito. Da construção do caminho que dá acesso ao castelo, foi encontrada uma casa do período medieval¹⁵. Foram também encontrados socalcos “nitidamente artificiais” por baixo da muralha, alguns associados a questões de defesa.

¹⁴ Este texto está patente no documento 577 do Livro Preto Cartulário da Sé de Coimbra pág. 772. O documento tem uma datação de [1142-1144], pois o texto não é datado. A última datação e a que vigora actualmente é de Rui de Azevedo, sendo 1142, o ano de construção da fortaleza e 1144, o ano em que o bispo Bernardo (que consta no documento) abandona a cátedra de Coimbra (ARNAUT, 1982, 245),

¹⁵ Segundo Salvador Dias Arnaut, poderá tratar-se de uma capela dedicada a Santa Ana, relacionado com os topónimos circundantes deste cabeço (IBID, 1982, 240).

Existiam duas portas, uma a nascente¹⁶ e outra a poente. Foi descoberta uma cisterna cilíndrica (1,70 m de diâmetro e 3,5 m de altura) e também várias paredes de casas¹⁷ adossadas à muralha. Existia um forno, junto à muralha do sul e também um poço/silo (circular, com 2 m de profundidade) na praceta central. Dos materiais encontrados, constam: pontas de seta de ferro, telhas, cerâmica (restos de vasos de variados tamanhos), ferraduras, foices, pregos, fragmentos de mós de granito, fragmentos de *tegulae* e estuque avermelhado¹⁸ (ARNAUT, 1982, 240-245).

Não poderei deixar de referir a importância de Alvorge contexto. Aparecem os primeiros documentos relacionados com esta herdade já no séc XII, em 1141 é doada por D. Afonso Henriques ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (ARNAUT, 1939, 103). Alvorge também deveria conter uma torre defensiva¹⁹ que, com a fortificação de Ateanha, protegeriam os habitantes daquelas herdades. Para além destas veio acrescentar-se uma outra, a Torre de Vale de Todos. Em 1229, já se encontra referida a igreja de Santa Maria de Alvorge, o que, a par da doação régia da herdade do Alvorge, patenteia uma cristianização daquele território. Esta igreja não foi taxada quando em 1321 D. Dinis procedeu à averiguação do verdadeiro rendimento das igrejas de Portugal, por pertencer ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (IBID, 130).

Bibliografia : ARNAUT, 1939, 40; ARNAUT, 1982 240-252; COUTINHO, 1986, 99, 191; BARROCA, 1994, 29.

¹⁶ “Um dos panos da muralha dobra para dentro – e a porta ficava entre a extremidade desse pano e o corpo do outro, que termina bastante mais à frente. Assim, a porta era recolhida em relação ao extremo desse segundo pano. Havia, deste modo, como que um átrio do lado de fora da porta – bem dominado do alto das muralhas” (IBID, 242).

¹⁷ Estas paredes seriam de reduzidas dimensões, sendo as construções maioritariamente em madeira, serviriam apenas para conter as águas da chuva (IBID, 243).

¹⁸ Estes materiais, por exemplo as mós, foram utilizados na construção da muralha, demonstrando a sua anterioridade. O estuque é também, muito semelhante ao encontrado em Conímbriga e Mérida. Arnaut levanta a hipótese, de este local ter sido um castro romanizado (IBID, 244).

¹⁹ “Junto da Ladeia, a Torre do Alvorge ou da Ladeia, de que ainda restam vestígios significativos em 1758, era outra dessas estruturas defensivas de menor envergadura mas nem por isso de menor importância” (BARROCA, 1994, 29).

Segundo as memórias paroquiais de 1758, a torre teria sido construída no período romano, no tempo de Trajano. Esta ideia poderá estar associada a algum numisma deste período, encontrado perto desta. Vasco Gil Mantas refere a existência de vestígios romanos em Alvorge e o facto de nunca se ter encontrado a inscrição de Trajano que existiria na Torre da Ladeia (MANTAS, 1996, 834)

A torre teria três andares, mas é indicado que por ser demasiado alta, foi reduzida a somente dois. Esta contaria com quatro “pirâmides” (expressão do documento) que adornariam os cantos. Perto desta torre, encontrava-se uma pequena capela (vol. 3, nº 53, pág. 397-408).

6. Estudo dos materiais

Visto que optei por uma prospeção intensiva para o estudo da Várzea de Aljazedo, e por ser uma zona em que ainda não foi feito qualquer tipo de inventário ou estudo aos materiais que nela se encontram, dediquei-me ao estudo destes de forma mais aprofundada. Dos materiais recolhidos, decidi estudar 72 fragmentos, optando pela diversidade e pelos que apresentassem uma forma passível de ser estudada. Apesar de terem sido descobertos materiais de outro tipo, dos quais irei fazer menção, foi na cerâmica em que centrei as minhas atenções. Recolhi então para este estudo uma variedade de formas, tais como bordos, fundos, asas e peça decorativa.

Tal como já patenteei no capítulo referente à metodologia adoptada, também cobri as áreas do vale de S. Simão (prospecção intensiva), a Ateanha incluindo o seu cabeço (prospecção intensiva) e de forma extensiva os campos da Ateanha, povoações da Ateanha, Aljazedo e Chão de Ourique. Prefiri não me centrar nos objectos encontrados no vale de S. Simão visto este já ter sido sujeito a algumas intervenções, e os seus materiais objecto de estudo, apresentando apenas um bordo, asa e fundo, a título de exemplo. Mas passo a enumerar os que encontrei ao longo da prospeção do vale do Rio Dueça: de cerâmica, apenas recolhi cerâmica comum, visto que não avistei nenhum tipo de *sigillata* à superfície. Desta, consta em grande número, a cerâmica alaranjada fina, denominada tardo-romana nas *fouilles* dedicadas à *Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga* de Jorge de Alarcão. A cerâmica alaranjada grosseira apareceu em menor número. Tal como para a Várzea de Aljazedo, recolhi as formas mais significativas, tais como: bordos, asas e fundos. Num terreno lavrado, que se encontra a norte da Capela da N. Sra. da Graça, do outro lado da estrada, junto a esta, para além do grande número de fragmentos cerâmicos que se encontravam nessa parcela, encontrei também uma série de tesselas (Foto nº 80).

Nas localidades de Aljazedo e Ateanha, apenas recolhi junto da capela da Ateanha um fragmento de *tegula*; mas o cenário em termos de materiais é bastante diferente tanto no cabeço da Ateanha como nos campos da Ateanha:

1. No cabeço da Ateanha, destaca-se a quase total ausência de cerâmicas, sendo que os poucos fragmentos que encontrei, que não passam da meia

dúzia, apresentam superfícies bastante rugosas e irregulares assemelhando-se a alguma cerâmica comum anterior ao período romano. É bastante provável que este cabeço tenha tido ocupação proto-histórica, mas a continuidade durante o período romano está bem patente, no surgimento de bastantes fragmentos de *tegulae* (Foto nº 83) ao longo de todo o cabeço. Esta encontra-se, nomeadamente em montículos de pedra ao longo das parcelas, conjuntos relacionados com a limpeza de terrenos e constam também como material de construção, nos muros que separam as propriedades. Esta quase ausência de cerâmica deverá estar associada à falta de visibilidade com que me deparei na prospecção dos terrenos, devido à abundante vegetação, e não à inexistência total destas. As *tegulae* por se encontrarem fora dos terrenos e também por serem de dimensões superiores foram mais fáceis de avistar. O cabeço teve também uma ocupação posterior (medieval/moderna), patente nas ruínas de um pequeno povoado ainda existentes.

2. Já nos campos da Ateanha (localizados a este da Ateanha), não poderei fazer uma análise global devido ao tipo de prospecção adoptada, mas pelos materiais recolhidos, deparei-me com fragmentos cerâmicos semelhantes aos encontrados ao longo da Várzea de Aljazedo que tem ligação a este através de um caminho de terra que passa junto à pedreira.

Antes de avançar para o estudo dos materiais em si, deverei fazer uma pequena descrição das fichas que utilizei para a análise e estudo dos mesmos. Primeiramente coloquei um item para o local, visto que iria estudar materiais de sítios diferentes e seria necessário identificá-los. Para o local Várzea de Aljazedo, decidi estabelecer um espaço para indicar a que parcela pertence o objecto em estudo, de forma a poder contextualizá-lo e situá-lo no terreno. Assim indicando a parcela, ou seja, o local exacto de onde são provenientes os materiais, terei uma melhor noção espacial dos tipos de objectos recolhidos.

Embora tenha só estudado cerâmica, abri um item para identificar o tipo de material, que neste caso só incide no referido. Aqui desenvolvi também a tipologia e a morfologia do material, esta última aliada à forma. Na tipologia refiro apenas que tipo

de cerâmica estou a estudar, se é cerâmica alaranjada, se é grés, entre outros. Visto não ter encontrado nenhum tipo de *sigillata*, este estudo incide apenas na cerâmica comum. Para o estudo destes materiais utilizei como catálogo de formas, as *Fouilles* dedicadas à *Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga* de Jorge de Alarcão. Assim o estudo passou também por encontrar paralelos para as peças que estava a estudar, que estão patentes na parte da forma. Chegando à forma, poderia estabelecer uma relação directa e desenvolver a descrição na morfologia.

De seguida passo para as medidas da peça. Terei que referir desde início que todas as medidas estão em centímetros e que utilizei diferentes parâmetros consoante se tratasse de um bordo, asa, ou fundo. Para os bordos, utilizei quatro medidas: o diâmetro de abertura, a altura¹, e a espessura do lábio, colo e ombro. Já para as asas, utilizo um campo para a espessura da asa, para a espessura do lábio (quando este ainda existe) e outro também para a altura². Por fim para os fundos, o diâmetro é já do fundo e não da abertura, a espessura da base e do bojo e por fim a altura³. Desta forma, o meu intuito é dar a entender a peça nas suas dimensões reais, completado pela fotografia (com escala) e algumas pelo desenho.

Dedico uma parte ao tipo de fabrico da peça, se é manual ou a torno e que tipo de torno. Mas este assunto levantará sempre algumas questões/problemáticas que irei desenvolver mais à frente. Outras duas partes importantes são a descrição das superfícies e das pastas. Quanto às superfícies: a cor, o alisamento, e faço também uma descrição dos grãos que são visíveis a olho nu. A análise das pastas também é bastante semelhante a esta última, entrando a descrição da compactidade das mesmas e do tipo de inclusões⁴. Separo a decoração, embora a pudesse fazer juntamente com a morfologia, para lhe dar um destaque e para enfatizar as peças que são completadas por este tipo de ornamentação. Quanto à cozedura, que irei também desenvolver mais à frente, optei por falar na cozedura como um todo, dividindo em dois grandes opostos, a cozedura oxidante, e redutora. Mesmo que a peça, por

¹ No caso dos bordos, a altura é a distância que vai desde a parte superior da peça, ou seja, do limite superior do lábio, até à outra extremidade da peça, à parte que já não se encontra completa.

² Nas asas a altura é a distância que vai desde o início do fragmento, ou se estiver semi-completo, da parte do lábio até ao fim do fragmento da asa.

³ A altura neste caso é referente à distância entre a parte inferior do fundo e o que resta da peça.

⁴ Quanto às inclusões nas pastas Adriaan de Man refere que “a maioria das impurezas que se distinguem na pasta já se encontram na matéria-prima, e é mais provável que o oleiro as desejasse remover em vez de adicionar” (DE MAN, 2004, 462).

exemplo, apresente uma oxidação quase total e tenha entrado em contacto com algum tipo de fumos, incluo-as na primeira e vice-versa, de forma a não complexificar em demasia estas fichas. Por fim, estabeleço também um item para a classificação cronológica, que não passa de uma primeira análise temporal da peça e, para terminar, as observações onde explano os assuntos ainda não desenvolvidos ao longo da ficha.

Agora irei explorar os dados numéricos, ou seja, relacionar directamente os materiais com as parcelas da sua proveniência. Dividi então consoante a quantidade de materiais, as parcelas que não continham qualquer tipo de espólio (a laranja na fotografia), as com poucos materiais (amarelo), com alguns materiais⁵ (verde), com muitos (azul) e por fim assinalei também (a preto) as que por conterem vegetação bastante densa, não pude prospectar⁶. Das 71 parcelas, 11 (15,4%)⁷ não apresentaram nenhum tipo de material arqueológico visível à superfície, 41 (57,7%), que engloba mais de metade destas, tinham poucos materiais. As com alguns materiais, contabilizaram 13 (18,3%), enquanto que, apenas 2 (2,8%) continham bastante materiais. Por fim, assinalo os 4 (5,8%) terrenos que, por terem vegetação bastante densa não puderam ser prospectados, e que representam uma pequena percentagem no total de parcelas. Constato assim que sem contar com os terrenos não prospectados, só em apenas em 11 não surgiram materiais arqueológicos, fazendo um global das parcelas prospectáveis, corresponde a 16,4% destas, por outro lado temos 83,6% que são os terrenos prospectáveis, que contêm materiais. Estes dados demonstram assim a grande superioridade dos campos que continham objectos arqueológicos, sobre os que não apresentaram qualquer tipo à superfície. Apesar de tudo, predominam as parcelas com poucos materiais, havendo apenas 2, que considereei terem grande abundância de materiais, correspondendo às parcelas 5 e 27. A primeira apresentou um grande número variado de formas (cerâmica comum): diversos bordos, fundos e asas. Há uma grande repetição, nomeadamente em termos tipológico e formal nos dois últimos, havendo uma enorme concentração destes materiais nesta zona, que se deveriam encontrar no subsolo e com o revolvimento das

⁵ Quando me refiro a alguns materiais, é uma contagem mediana entre poucos materiais e muitos materiais, a quantidade não é demasiadamente baixa, nem o contrário.

⁶ Para além deste conjunto indicado, estão assinalados dois terrenos, que por se encontrarem completamente intransponíveis por estarem cercados a toda a volta não pude prospectar.

⁷ A percentagem é em relação ao número de parcelas, não contando com a área de cada uma.

terras para a agricultura, voltaram à superfície. Já o cenário no terreno 27 é bastante diferente, apesar de conter também bastante cerâmica, esta assenta mais na de construção, estando patente também a alaranjada fina.

Antes de avançar para o estudo da cerâmica, irei centrar-me também nos materiais de construção que surgiram ao longo da prospecção da Várzea, nomeadamente fragmentos de *tegulae* e *imbrex*. Estes surgiram em 32 parcelas (43,6% do total dos terrenos), havendo uma maior concentração em torno do cruzamento de caminhos, no centro do local de estudo. Para além deste grande foco, existe outro na zona a sudeste desta última, que engloba 11 parcelas, fronteiriças entre elas. Poderão ter pertencido a pequenos casais de produção agrícola (atestado também pelo peso lagar que se encontra junto à parcela 1), onde terão sido desenvolvidas outro tipo de actividades, tal como a produção metalúrgica, que irei aprofundar mais à frente.

Dos 72 fragmentos cerâmicos estudados, constam 59 bordos, que assumem a quase globalidade dos materiais, 6 asas, 5 fundos, um bico vertedor e uma forma/aplicação decorativa. Deste total apenas 3 pertencem à *villae* romana de S. Simão, sendo que de resto foram todos recolhidos no local da Várzea de Aljazedo. Com este grupo de objectos tentei estabelecer uma selecção baseada não só no carácter formal da peça⁸, mas patentear através destes, a globalidade encontrada e que não fará parte deste objecto de estudo aprofundado. Dos 59 bordos estudados, tipologicamente, constam 33 exemplares de cerâmica alaranjada fina, assumindo assim a grande maioria. Fazem parte, também 7 de cerâmica alaranjada grosseira, 4 de cerâmica alaranjada média, 4 grés, 2 cerâmicas calcíticas e apenas um exemplar de cerâmica alaranjada com engobe, cerâmica vidrada verde e cerâmica com engobe castanho. Das 6 asas, existem 2 grés e 2 cerâmicas alaranjada fina e só uma cerâmica alaranjada média. Nos fundos também predomina a cerâmica alaranjada fina com 2 representantes, e 1 cerâmica alaranjada média e uma cerâmica calcítica. Por fim e para completar o conjunto, enumero um vertedor (cerâmica alaranjada fina) e a forma decorativa. A preponderância tipologicamente da cerâmica alaranjada fina, foi visível durante o decorrer das prospecções, mas a nível das fichas de materiais, pode

⁸ Grande parte dos materiais recolhidos são objectos, que me poderiam levar a tirar conclusões, quanto à forma geral da peça.

apresentar este número, porque foi o tipo que estava mais bem conservado, facilitando assim o seu estudo.

Quanto às formas das peças estudadas, estas são essencialmente de armazenamento e de cozinha. Relativamente às primeiras, predomina o pote, onde é evidente a diversidade de formatos, não havendo repetições quanto ao tipo de peça. Mas é nas de cozinha que existe maior variedade, começando na panela, passando pelos pratos, tigelinhas, tigelas, taças, entre outros. Há um predomínio das tigelas e tigelinhas, sendo que nas últimas se encontra uma repetição do tipo 610 (ALARCÃO, 1974, 105).

Em termos da cor das superfícies, as peças apresentam alguma homogeneidade, embora haja casos em que há contacto com fumos, tornando parte da peça mais escura. Estas irregularidades, poderão não afectar a resistência da peça, esta falta de homogeneidade poderá ser segundo Adriaan De Man, “por si, um indicador directo de não ter havido grande controlo sobre as condições de cozedura, o que por sua vez aponta para uma tipologia deteriorada de fornos” (DE MAN, 2004, 461).

Já em relação às pastas, metade dos objectos estudados (34), apresentam pastas de cor mais escura que as superfícies, nomeadamente um cinzento escuro que se funde com a cor original da peça (em grande parte o laranja). Apesar de poderem indicar um tipo de cozedura redutora, este tipo de pasta poderá estar também relacionado com uma combustão insuficiente do material orgânico, pelo facto de ter havido pouca exposição ao fogo. Se a pasta for também pobre em ferro, também poderá resultar neste tipo de cor. Apesar de grande parte das peças apresentar na pasta uma cor escura, aproximadamente 70 % do geral, evidenciam pastas homogéneas, havendo uma compacticidade bastante evidente. Sendo que, as pastas grosseiras e menos homogéneas, aparecem em menor número. A coloração escura das pastas, não está assim directamente relacionada com a falta de compacticidade das mesmas (IBID, 461).

Uma das dificuldades que poderia ter no estudo destes materiais, está ligada com a problemática do tipo de torno utilizado na concepção da peça. Apesar de o torno lento ter ganho lugar de destaque, sobretudo a partir dos séculos VI e VII e também a cerâmica feita à mão com retoque a torneta, principalmente as cerâmicas

alaranjadas finas estudadas, parecem ter sido sujeitas ao torno rápido. Esta ideia é defendida pela presença de estrias regulares ao longo destas peças. Mas, por exemplo, a forma tosca de alguns grés, poderá estar relacionada com o seu fabrico manual. Em Conímbriga em épocas mais tardias, houve a manutenção do torno alto, embora também apareçam peças feitas manualmente (DE MAN, 2004, 96).

Quanto à decoração, terei que me focar em alguns fragmentos, que por apresentarem diversidade em termos ornamental, também são fulcrais para uma aproximação à possível cronologia das peças. Começando pela peça da Ficha nº 1, esta apresenta uma decoração incisa e estampilhada. Destaca-se a ornamentação incisa ondulada no lábio da peça. Este tipo de decoração torna-se mais usual durante o período tardo-antigo e estabelece-se também nos ombros ou bojós. É um tipo de inovação ornamental que surge numa maior escala durante este período (DE MAN, 2004, 460). A outra peça que também quero destacar, encontra-se na ficha 60 e apresenta um cordão digitado no remate do bordo. Este tipo de decoração torna-se bastante abundante a partir do século VI, juntamente com as asas puncionadas. Deste último género, não encontrei nenhum durante a prospecção, mas seria um bom indicador de cronologia para além dos últimos dois tipos de decoração referidos (IBID, 465).

Para além dos tipos já referidos, sendo bons exemplos do género de decoração praticada, quero referir também uma forma que aponta para a cronologia já referida. Na ficha nº 40 encontra-se um tipo de bordo, que começa a ser bastante usual a partir do século V, que é denominado de bordo em forma de rim. Esta é uma das evoluções que se dá no lábio das peças, pode-se descrever como um “lábio muito virado, de modo que se dobra quase por completo sobre os ombros” (IBID, 464).

Além dos materiais cerâmicos, terei que destacar também a presença de escória ao longo do desenrolar da prospecção da Várzea de Aljazedo. Esta encontra-se em 21 das 71 parcelas, correspondendo a 29,5 % do total dos terrenos. Existem assim algumas zonas de concentração deste minério, nomeadamente nas parcelas 18, 19 e 22; 35, 37, 38 e 39; por fim nas parcelas 66, 67 e 69. A quantidade de escória encontrada, pode-se considerar já de grandes dimensões, visto espalhar-se de forma descontínua ao longo de quase toda a Várzea (Foto nº 78 e 79). Esta expressão atesta este local como centro de produção metalúrgica. Deveriam existir alguns fornos

completando assim a produção agrícola, com outro tipo de produção metalúrgica. Os fornos não teriam necessariamente de ser bastante complexos, já foi provado que através de fornos mais simples é possível chegar à temperatura desejada para a fundição do metal. Este ferro para além da aplicação natural no uso doméstico e em utensílios de lavoura e caça, também poderiam destinar-se à construção de instrumentos de guerra (DE MAN, 2004, 83-84). Visto esta zona, ser um local de confrontos, esta última aplicação do uso do ferro não se pode descartar por completo.

Por fim terei também que indicar a presença de materiais líticos que atestam materialmente, talvez a primeira presença humana neste local (Fotos nº 75, 76 e 77). Estes materiais encontraram-se em apenas cinco parcelas, correspondendo aos terrenos 11, 38, 54, 55 e 61. Não se pode afastar a hipótese destes poderem estar patentes em mais locais desta Várzea, mas por serem difíceis de se ver à superfície, apenas me posso referir estes locais. Para além destes líticos (fragmentos de quartzo), existem também uma série de fósseis marinhos, que foram aparecendo ao longo de todo o extenso vale (Fotos nº 81 e 82).

Poder-se-á então verificar a extensa cronologia de ocupação humana deste vale, que não é atestada através de estruturas à superfície, mas pelos vestígios materiais. Começando nos líticos e avançando pelos materiais cerâmicos mais antigos, relacionados com materiais de construção que se espraíam, como já referi, ao longo da Várzea, mais tardiamente surge outro tipo de cerâmicas que atestam uma continuidade. Esta última poderá já não estar relacionada com uma fixação humana nesta zona, mas por uma exploração contínua dos terrenos que nela se encontram. Os materiais mais recentes passam assim pela presença de faianças e objectos cerâmicos modernos e contemporâneos.

7. O povoamento: considerações sobre a sua evolução

7.1 As vias de comunicação

Para este capítulo das vias, irei fazer uma divisão entre o que é conhecido para as estradas romanas e o que se conhece das estradas no período medieval. Será objecto de estudo, apenas o troço que se localizava na região em análise.

Quanto aos caminhos proto-históricos, as vias construídas no período romano devem ter aproveitado alguns desses caminhos anteriores. Neste caso, os caminhos que estariam associados aos castros de Conimbriga, Germanelo, Trás-de-Figueiró, Abrã, Castelo Ventoso, Ateanha, Sobral, Torre, Lagarteira, Ansião, Pousaflores e Alvaiázere, que são povoados localizados em cabeços elevados, ou em modestos outeiros, distribuídos pelas serras do Espinhal, Alvaiázere e Sicó (COUTINHO, 1995, 47). Tal como refere Vasco Gil Mantas, estes caminhos para além de terem funções de ordem militar e económica/administrativa, também serviriam como meio difusor de circulação de pessoas e produtos. Contribuiriam assim, tal como as cidades, para fortalecer a “unidade imperial” (MANTAS, 1993, 214). A partir destas vias, começam nos campos junto a estas, a formar-se as primeiras centurições, passando a exercer funções agrícolas, que estariam dependentes ou de *villae*, quintas¹, ou de *vici* (COUTINHO, 1990). As primeiras assumem grande importância durante o século IV, estando patentes na cobertura territorial desta região.

¹ Jorge de Alarcão faz uma distinção entre *villae*, quintas e casais, tendo em conta o tipo de materiais a eles associados. Para as primeiras, apenas classifica como *villae* as propriedades agrárias que contenham alguns destes elementos: mosaicos, termas ou inscrição funerária. Já da quinta (0,1 a 0,5 hectares), constarão silhares bem aparelhados, colunas ou capitéis. Poderão constar outros materiais como *terra sigillata*, cerâmicas finas, lucernas, entre outros. Por fim, os casais (até 1000 m²) são identificados pela presença de *tegulae*, ímbrices e cerâmica comum (ALARCÃO, 1995, 390-391).

Para o estudo das *vias romanas* são essenciais as fontes escritas, assumindo-se como as mais importantes, o Itinerário de Antonino² e a Cosmografia do Anónimo de Ravena³. Mas os trabalhos de campo e a análise de fotografias aéreas tornam-se também, um factor imprescindível para o conhecimento das mesmas.

As vias romanas, para além de tomarem como ponto de partida, tal como já referi, os antigos caminhos indígenas⁴, foram fortemente condicionadas pelos “acidentes” geográficos da região, e a complexidade em termos de relevo, da mesma.

Nesta região passava a grande via que ligava de sul a norte, *Olisipo a Bracara*. Esta era dividida em três segmentos, o que ligava *Olisipo a Scallabis*, o de *Scallabis a Cale* e o de *Cale a Bracara* (MANTAS, 1990, 224). Entre *Scallabis*⁵ e *Sellium* a distância correspondia a 32 milhas e o caminho seguia para norte até *Conimbriga*⁶. A sudeste desta cidade, Vasco Gil Mantas refere a existência de vestígios de centurição (IBID, 225).

Já referi a importância das fontes escritas, para o estudo das vias romanas, mas as informações recolhidas através dos miliários, tornam-se fulcrais para o conhecimento destas, e para poder ter-se uma visão global do ritmo de construção das mesmas⁷. Para a região em estudo, assume principal destaque o miliário⁸, encontrado no lugar dos Tamazinhos (margem direita da ribeira do Carálio Seco, a poente da *villa* romana do Rabaçal). Este foi encontrado *in situ*, na via entre *Scallabis e Conimbriga*, data de 250 d.C, em honra do imperador Décio, (249-251) (PESSOA, SANTOS, 2001) e

² Trata-se de um importante tratado da rede viária romana, que indica os principais trajectos. Aqui insere-se a via de *Olissipo-Bracara* e estão também assinaladas as estações intermédias de *Sellium* e de *Conimbriga* (COUTINHO, 47, 1995). Este foi realizado, durante a época de Caracala, e volta a ser revisto durante o séc. III (MANTAS, 1993, 217).

³ Esta cosmografia é redigida durante o século VII, embora tome como fontes as informações recolhidas nos séculos anteriores (IBID, 217).

⁴ A existência destes, segundo Vasco Gil Mantas, é corroborada com “a facilidade com que se deslocavam os bandos lusitanos e os exércitos republicanos” (MANTAS, 1990, 220).

⁵ Os topónimos *Sellium* e *Aeminium*, que têm como sufixo –ium, poderão ter uma origem celta ou celtizado (MANTAS, 1996, 603).

⁶ A distância indicada no itinerário entre Tomar e Conímbriga é de 34 milhas, mas Vasco Gil Mantas corrige para 37 milhas (MANTAS, 1990, 225).

⁷ Existe assim um conhecimento dos períodos de actividade construtora, correspondendo o primeiro aos Júlio-Cláudios, seguindo-se Adriano e reconstruções por parte de Tibério. Sendo o grande período de construção durante a Tetrarquia, havendo um prolongamento até à dinastia constantiniana (IBID, 230).

⁸ Este foi encontrado em 1980, perto da Quinta da Ribeira (Tamazinhos) na freguesia do Rabaçal (MANTAS, 1996, 309).

indica a milha VIII a partir de *Conimbriga*⁹. Constituído pelo denominado calcário de Ançã, assume uma forma cilíndrica, na parte inferior é quase rectangular para ser mais fácil a sua fixação ao solo. Na sua inscrição pode-se ler: “*Ao imperador César Gaio Mécio Quinto Trajano Décio, Pio, Feliz, Agugusto, pontífice máximo, no seu terceiro poder tribunício, Pai da Pátria, Pio, Feliz, Procônsul, Quinto Herénio Etrusco Mécio Décio, mui nobre César e Gaio Valente Hostiliano Mécio Quinto, mui nobre César. Oito Milhas*” (MANTAS, 1996, 309).

Para além das fontes escritas e dos miliários, alguns topónimos podem-nos levar a identificar antigas vias. Por exemplo, o termo árabe *al-rasif*, remete-nos para o significado de caminho, pavimento, calçada. Este “surge duas vezes em documentos relativos à zona de Ansião, um de 1164 outro de 1166: *per illum arracef, in loco qui vocatur Fazalamir, in territorio Colimbrie*” (appud, IBID, 540).

Ao longo das vias romanas, tal como acontece hoje, por exemplo com as estações de serviço, existiam locais de apoio. Estes eram denominados de *mutatio*¹⁰ e *mansio*¹¹. Vasco Gil Mantas indica a possível existência de duas *mutationes* e de uma *mansio*, no trajecto que ligava *Sellium* a *Conimbriga*. A primeira situava-a próxima de Vila Verde (a cerca de 15 quilómetros de Tomar), perto de outros sítios com vestígios arqueológicos, existia uma ramificação que seguiria até Alvaiázere. A segunda *mutatio*, que também teria a função de *mansio*, localizava-se nas proximidades da povoação de Póvoa¹² (a 17 quilómetros a sudeste de Conímbriga), no percurso *Scallabis-Aeminium*.

⁹ *Conimbriga*, através do sufixo –briga, poderá comprovar a sua origem celta, em que o elemento Conim-, demonstra uma maior antiguidade (IBID, 603).

¹⁰ “A *mutatio* era um estabelecimento isolado, no percurso de uma estrada, onde se podiam mudar as cavalgadas do carro e tomar alguma refeição” (ALARCÃO, 1995, 391).

¹¹ A *mansio* era um estabelecimento maior, com termas e alojamentos onde os viandantes pudessem pernoitar. Muitas vezes, as *mansiones* ficavam integradas em *vici*; mas também as podemos imaginar isoladas numa estrada” (IBID, 391).

¹² A ideia da existência de uma *mutatio* neste local, é corroborada com a indicação de “Edrisi de que o trajecto entre Santarém e Coimbra se efectuava em três jornadas corresponde muito bem a uma média diária de marcha de aproximadamente 26 milhas (...) colocando uma paragem para pernoita exactamente na zona onde pensamos ter existido uma estação viária, junto a Póvoa, 17 quilómetros a sudeste de Conimbriga” (IBID, 788). Também perto da povoação da Póvoa, persiste o topónimo Estalagem, “recordando os condicionalismos e os ritmos das viagens anteriores à motorização, situar-se-ia uma estação viária importante, a cerca de 30 milhas de *Sellium* e a 22 milhas de *Aeminium*, o que permite atribuir-lhe uma dupla função, como *mansio* e como *mutatio*, pois encontra-se a 12 milhas de *Conimbriga*” (MANTAS, 1996, 797).

Neste local, o percurso da estrada ainda se encontra patente na paisagem¹³ (Imagem 4). Esta estação assume uma grande importância, por se situar nas cercanias da Várzea de Aljazede, que era atravessada pela estrada de *Olisipo-Bracara* e de onde partia o *deverticulum* que passava por Santiago da Guarda e se dirigia ao vale do Nabão (Ilustração 12 e 14). Por fim, a *mansio*¹⁴ localizar-se-ia em Barqueiros (entre Cabeços e o entroncamento de Ladeira). Há que destacar, a sua proximidade com Alvaiázere, ponto de passagem, durante o percurso activo da Estrada Coimbrã. Provavelmente em *Conimbriga*, também existiria uma *mansio*¹⁵ (IBID, 682).

Apesar de todas estas fontes, a reconstituição do traçado entre *Sellium* e *Conimbriga* torna-se difícil, devido a um conjunto de factores:

- Os poucos vestígios que hoje existem da estrada.
- A distância insuficiente indicada no Itinerário, de 34 milhas (que equivale a 51 quilómetros), enquanto que a distância entre *Sellium* e *Conimbriga* é de 55 quilómetros¹⁶.
- A existência de um segundo traçado, ao longo do vale Nabão, na extensão de uma zona de forte povoamento durante a ocupação romana. Esta estrada seguiria em direcção a Ansião.
- O tipo de povoamento desta região, também dificulta o conhecimento do antigo traçado. Visto que predominam as *villae*, como a forma de povoamento rural constante ao longo deste território.

¹³ “Na fotografia aérea da zona (USAF 1958 nº 227) são visíveis indícios de estruturas soterradas e no terreno há restos de cerâmica de construção” (IBID, 682).

¹⁴ No complexo romano da *Rominha* estudado por Catarina Mendes, é levantada a hipótese de ter existido uma *mansio* ou *mutatio* nessa área. As razões indicadas para esta possibilidade são: a distância às *civitates* mais próximas, ficando esta a quinze milhas de *Sellium* e a vinte milhas de *Conimbriga* e a proximidade da via romana (MENDES, 2008, 87).

¹⁵ Vasco Gil Mantas apresenta uma interpretação das ruínas do edifício junto à muralha tetrárquica, ideia já defendida por Vergílio Correia, que via nesse local uma antiga estalagem. Contíguo a este encontrava-se um balneário, o que torna mais verosímil a interpretação (MANTAS, 1996, 682).

¹⁶ Segundo Catarina Mendes, o traçado que mais se aproxima das 34 milhas indicado no Itinerário de Antonino seria o eixo que seguiria pelo lado do Nabão seguindo a depressão do Rego da Murta em direcção ao Pontão. É assim o que mais se aproximará ao referido por este itinerário (MENDES, 2008, 100).

- Outra das problemáticas prende-se com o facto de se confundir os trajectos desde o período romano, atravessando os traçados medievais e modernos da Estrada Coimbrã (IBID, 788-789).

Vasco Gil Mantas, apesar das dificuldades enumeradas, propõe um traçado:

- Ceras – Ladeira – o traçado proposto, ainda não é absolutamente garantido.
- Traçado segue para norte (ao longo de um vale ladeado a nascente) e passa por: Portela de Vila Verde (*mutatio*) e Fonte da Laje.
- Seguia até Avelar para Venda das Figueiras, local a partir do qual partia o caminho medieval (Estrada de Viavai ou de Caneve) e que seguia em direcção a Miranda do Corvo. A partir de *Sellium* localizar-se-ia neste sítio a milha XXVII.
- Venda das Figueiras – a partir deste local o traçado deixa de coincidir com a actual EN110, seguindo para noroeste até à Várzea de Aljazedede (aqui os troços tornam-se mais evidentes). Seguindo o limite distrital ao longo de 3,5 quilómetros. Uma longa recta (superior a 2 quilómetros) permite identificar os troços fósseis. Atravessa o Campo da Lagarteira e a Terra de Maçãs seguindo até à Várzea de Aljazedede. Outro topónimo, Galega, a menos de 1 quilómetro da estrada, poderá também estar relacionado com esta passagem¹⁷. A partir do Vale de Aljazedede, seguia um *deverticulum*¹⁸ que passava pela Junqueira e Santiago da Guarda e se dirigia ao vale do Nabão.
- A estrada continuava depois da Várzea por Aldravazes, pela Ateanha, Vale da Abrunheira e Cabeço da Revolta, havendo uma travessia da ribeira de Alcalamouque entre o Juromelo e Cabeças da Moura.

¹⁷ O documento do século XII, da doação de Ateanha ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra por D. Afonso Henriques, para além de referir a Estrada Mourisca, também indica a existência de uma rede viária densa (estrada de Pombalinho, estrada de Penal, Ateanha, Alvorge, Podentes e a estrada de Caneve) de cronologia incerta (appud, IBID, 797).

¹⁸ Apesar das dificuldades em reconstituir este traçado, por se tratar de uma estrada de “interesse regional”, sabe-se que esta abandonava a via principal junto ao sítio do Lameirão (400 metros a noroeste da Várzea de Aljazedede), seguindo para Bempostas e continuando por Trás-de-Figueiró e pela Junqueira (designada pelos documentos medievais por Estrada de Alvorge). A estrada seguia pelas Lameiras, até à Granja continuando para sudoeste e logo para sul, entre Santiago da Guarda e o Monte da Ladeira.

- Com altitudes cada vez mais reduzidas (descida para cotas inferiores a 200 metros), continuava por Tamazinhos (miliário de Décio) e seguia até Condeixa-a-Velha (*Conimbriga*) (IBID, 794-798).

Tomando como ponto de confluência o complexo romano da *Rominha* (Alvaiázere), Catarina Mendes descreve os três grandes eixos de circulação desenvolvidos em torno desse povoamento:

- 1- O eixo que seguia pela depressão do Rego da Murta e seguia por Pontão, passando pelo lugar do Barroso, Carvalhal de S. Bento onde se entroncava com a via que provinha do Zêzere. Este passava em S. Domingos , “Vale da Aveleira, Fonte Pedra, Barqueiro, Carvalhal, Tojeira, dirigindo-se para Chão de Couce e Pontão, seguindo depois pelo mesmo vale em direcção a Penela até Conimbriga (MENDES, 2008, 101).
- 2- A estrada (*diverticulum*) pela depressão do Campo: a partir da zona da Torre da Murta, este seguia paralelo ao traçado principal¹⁹. Seguia assim pelas “imediações do sítio Ribeira da Murta, Cortiça, Ribeira, Complexo romano da *Rominha*, onde chegaria pelo lado ocidental através dos lugares das Carrasqueiras e Mata e pelo lado oriental do *complexo* pela zona das Feteiras de Além, seguindo para o Casal Novo e daí para Alvaiázere em direcção a Seixal, Portela de S. Caetano, Chão de Couce, onde se vinha juntar o troço *Sellium-Conimbriga*, que seguia pela depressão do Rego da Murta – Pontão (IBID, 103).
- 3- Eixo que seguia pelo Vale do Nabão, na margem direita do Nabão, este dirigia-se para norte. É indicado como um possível percurso alternativo ao troço de *Sellium-Conimbriga* podendo tratar-se de um *diverticulum* deste último. Seguia por fim por Santiago da Guarda, passando pelo Rabaçal até *Conimbriga* (IBID, 103).

¹⁹ Vasco Mantas indica este na zona da Vila Verde, dois quilómetros mais a baixo, mas esta ideia não é defendida por Catarina Mendes (MENDES, 2008, 102).

Quando o investigador tenta identificar uma estrada romana, não recorrendo a sondagens efectuadas nas mesmas, é muito difícil distinguir estas de antigas calçadas medievais. Existem muitas estradas e pontes, tanto romanas, como medievais que são tidas como pertencendo ao primeiro período. Salvador Dias Arnaut refere que é bastante provável que “a via de Coimbra que sulcava a Ladeia coincidissem com a estrada romana” (ARNAUT, 1939, 185). Esta ideia não é descartada por outros investigadores, patenteando o aproveitamento, por parte das vias medievais, dos eixos principais romanos que passavam por esta região.

A reconstituição da rede viária medieval torna-se possível a partir do séc. XII, tendo como base os documentos escritos. Existem assim, vários documentos do início da nacionalidade que referem esta via, que passava na Ladeia. Como por exemplo o documento de Fevereiro de 1141, quando D. Afonso Henriques faz uma doação ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, indicando uma delimitação a norte de uma herdade que cruzava a estrada mourisca (*appud*, COUTINHO, 1990, 8). Existe outro documento, de 1175, em que o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra adquire uma extensa herdade em Ansião e é referido o “esmoliadouro”²⁰ (*appud*, IBID, 10). Estes e outros documentos retratam assim, a importância deste eixo viário nos primórdios da nacionalidade.

Salvador Dias Arnaut avança com um traçado para esta estrada medieval:

- Indica quatro pontos de referência principais: Santarém, Asseiceira, Tomar e Barqueiro (ARNAUT, 1939, 143).
- No séc. XIII entre as localidades de Penela e Espinhal, atravessava o rio Dueça uma ponte, a estrada a partir do Espinhal seguia para sul, e depois de Penela continuava para norte: Calçadas, Vendas de Podentes, Volta do Monte, Calçadas da Capoeira e Coimbra (IBID, 155).

Esta estrada percorria uma zona de “grande interesse estratégico”, onde as elevações circundantes serviriam para proteger este território, marcadas pelas fortificações que já referi anteriormente. Mas os topónimos indicam também uma

²⁰ Este termo, está relacionado com um local onde se recolhia a esmola e que se localizava, na maior parte das vezes, junto à estrada.

ocupação árabe ou moçárabe, com topónimos como Alvorge e Alcalamouque com sentido militar (MANTAS, 1996, 797).

Para além das características geográficas e práticas das estradas, nos documentos, nomeadamente na literatura de viagens, são descritas também as características qualitativas das mesmas. Como por exemplo: “Aquando da passagem de D. Edme de Salieu, no Verão de 1532, é dita *via satis plana*, antes e após o Rabaçal: *pessimae viae*, durante duas léguas, até Ansião e *viam terribilem e itinere pessimo et deterrimo*, em direcção a Alvaiázere (*appud*, COUTINHO, 1990, 16).

Tal como para as estradas romanas, existiam estalagens durante o Período Medieval, das quais também poderemos obter informações recorrendo à análise dos diários de viagem, que indicam a localização destas ao longo da estrada. Assim, para o itinerário da antiga estrada real de Coimbra, poderemos enumerar: a de Perucha, a de Murtal e a de Alvaiázere (IBID, 18).

Resumindo, verificamos que na zona de estudo as principais vias romanas e medievais assumem uma grande importância e que se reflecte na dinâmica populacional. A possível localização de uma *mutatio* perto da povoação da Póvoa (Imagem 4) e a identificação do traçado neste local são enfatizados pela sua proximidade à Várzea de Aljazedede que para além de ser atravessada pela via principal de *Olisipo-Bracara*, era a partir daqui que seguia o *diverticulum* que passava por Santiago da Guarda (Ilustração 12 e 14). O eixo indicado por Catarina Mendes e que se tratava de um *diverticulum* do traçado principal de *Sellium-Conimbriga*, que seguia pelo Vale do Nabão e se dirigia para Santiago da Guarda, passando pelo Rabaçal até *Conimbriga* (MENDES, 2008, 103), trata-se do mesmo indicado por Vasco Mantas que partia pela Várzea de Aljazedede (MANTAS, 1996, 794-798). Este assumia assim uma grande importância para a área de estudo, visto colocar em contacto este vale com as *villae* de Santiago da Guarda e também do Rabaçal. Ficaria apenas à distância de cerca de 6,5 km da primeira *villa* e desta para a segunda de pouco mais de 10 km. Para além destas pequenas distâncias encurtadas pela presença do *diverticulum* que ligava estas diversas áreas, deverá ter existido também uma estrada que ligava esta zona à *villa* de

S. Simão. Esta deveria localizar-se na actual estrada que dá acesso a Chão de Ourique que passa por Taliscas e que segue por dentro do vale do rio Dueça paralela à IC3.

As vias, para além de assumirem grande importância quanto às ligações entre localidades, tanto no Período Romano como durante a Idade Média, transformaram a organização do mundo agrário. Tomando como base o alinhamento das estradas, muitas das parcelas rurais seguiam a sua orientação.

7.2 A morfologia rural (hipóteses de trabalho)

Para a realização da análise morfológica, em que neste caso predomina a morfologia rural, utilizei a foto-interpretação como método base. Esta técnica é determinante para uma leitura das formas do passado a partir das formas actuais e para o entendimento do desenvolvimento da paisagem. Tomei como objecto de estudo os Ortofotomapas do ano de 2007 (002632Argb_x_07; 002634Argb_x_07) cedidos pela Câmara Municipal de Ansião. Destes centrei-me apenas na análise do espaço que decidi estudar desde início: território compreendido entre Aljazede / Ateanha e Chão de Ourique / Póvoa e Vale do Rio Dueça.

Tal como refere Gonzalez Villaescusa, “a forma, a orientação e a métrica utilizada na divisão dos campos contém informação histórica (GONZALEZ VILLAESCUSA, 2002, 75). Seguindo os métodos da morfologia, tive como base não só a análise dos parcelários actuais, mas as continuidades e rupturas patentes na paisagem actual em relação às marcas deixadas pelo passado. A influência na longa duração e as transformações na paisagem, realizadas a longo prazo, tiveram não só um cunho físico e mecanicista, mas foram também influenciadas pelas adaptações sócio-económicas. Desta forma, estamos perante adaptações a cada tipo de paisagem, o que demonstra a variedade de formas e a diversidade de parcelários. Não poderei tomar como ponto de partida a rigidez dos sistemas centuriados e assumir que a organização indígena não teve qualquer tipo de influência na evolução da paisagem. O carácter dinâmico e evolutivo deverá estar sempre presente num tipo de análise deste género.

Para além do factor humano na imbricação e mudança paisagística, o factor natural e perene poderá também assumir grande importância. O relevo, a existência de complexidades montanhosas, de vales, ou seja, a distribuição altimétrica de uma região poderá ter uma grande influência num tipo de implantação ou de desenvolvimento de parcelas agrícolas. A rede hidrográfica assume também um papel importantíssimo, neste caso o optar por locais mais aptos à implantação de terrenos agrícolas, pode ser um agente no que concerne à dinâmica paisagística na longevidade.

Um rio poderá ser um fio condutor numa organização parcelária e também a causa da sua localização.

Para diversos períodos históricos, os dois grandes padrões seguidos para a fixação de propriedades rurais e também relacionados com as actividades de mercado, em termos de exportações de produtos agrícolas foram:

- 1- A localização destes sítios perto de vias principais, estradas que já poderiam existir e assumir um papel dinamizador durante um período pré-romano¹.
- 2- A qualidade dos solos e a sua riqueza em termos hidrológicos.

Uma das questões que terei que colocar já de partida para a análise morfológica é se algum destes critérios é seguido nos locais que estou a estudar. Se estes protótipos, ou factores, foram preponderantes para a fixação de povoamento nas zonas a analisar. Para além destas hipóteses, as possíveis transmissões diacrónicas tanto a nível de orientações, e repetições no parcelário, terão que ser tidas em conta. Isto é, se algumas tramas², poderão seguir as direcções anteriores. Na morfologia foram designados três tipos de transmissões que podem ocorrer numa dinâmica paisagística³:

- 1- Transmissões Isotópicas: são as transmissões feitas directamente sobre uma antiga estrutura, ou antiga orientação. Existe a isotopia quando uma linha ou uma forma na qual se faz a transmissão se desenvolve no mesmo lugar segundo a mesma orientação (mesmo lugar com a mesma orientação).
- 2- Transmissões Isoaxiais: não estando localizada directamente sobre antigos traçados, estas seguem as direcções anteriores. Por exemplo, um muro de um antigo edifício, do qual segue a linha de um muro actual. É assim um prolongamento de uma linha, ou de uma forma anterior.

¹ Esta temática foi afluada no capítulo sobre as vias.

² Para além dos parcelários, os habitats também têm uma organização em tramas. Em morfologia são tidas como sub-unidades, são denominadas de estruturas intermediárias. Estas são constituídas por faixas paralelas, tanto em linha recta, como ondulada, mas a sua característica principal é a periodicidade (ROBERT, 2003, 117-119).

³ Para um maior desenvolvimento quanto aos princípios da transmissão dinâmica e vocabulário referente à ArqueoGeografia, indico aqui o site do dicionário elaborado por Gérard Chouquer dedicado aos termos da ArqueoGeografia:

<http://www.archeogeographie.org/index.php?rub=presentation/dictionnaire>

3- Transmissões Isoclinas: estas são as transmissões que não se encontram directamente ligadas com as formas antigas, mas cuja orientação toma como estas o seu ponto de partida. Por exemplo, uma organização agrícola que toma como base uma antiga estrada romana. Existe a isoclinia quando a transmissão parte sobre a orientação da linha ou da forma apesar do despassamento no espaço (a mesma orientação, lugar diferente) (CHOUQUER, 2003, 25).

A orientação assume-se assim como uma das regras fundamentais da morfologia, a observação de organizações, ou repetições são preponderantes para a análise de uma fotografia aérea. Nesta temática a morfogénese, ou seja, quando um elemento constituinte da paisagem se torna susceptível de provocar orientação a novas formas, algum tempo após a sua implantação inicial. Poderemos inserir este agente, quando transformador de uma paisagem, como uma modalidade espaço-temporal histerocrónica (IBID, 23).

Com este tipo de estudo, poderei verificar a importância dos sistemas agrícolas antigos na paisagem actual, “trata-se de pôr em evidência qual é a função jogada nas fases da criação antiga das paisagens e sua influência na longa duração. Por outras palavras, qual é a importância relativa de cada formação social que ocupou e explorou o espaço agrário na construção das paisagens” (GONZALEZ VILLAESCUSA, 2002, 45).

Na tentativa de aplicar os modelos explicativos de Gérard Chouquer, dedicarei também um espaço neste capítulo ao tipo de povoamento patente e à sua relação com o panorama envolvente. A possível influência que este tem no parcelário e também a intervenção que a própria paisagem natural teve neste.

Na análise das fotografias, usei legendas, de forma a entender as diversas anotações ou interpretações retiradas da mesma. Para simplificar o estudo, empreguei também diversas cores, para identificar os diversos constituintes da paisagem e a possível existência ou não de transmissões.

Começo pela análise da Várzea de Aljazedo, na qual se destaca, desde logo, a cor azul escura, a presença da via romana e do *deverticulum* que seguia por Santiago da Guarda, identificado por Vasco Mantas e referido no capítulo sobre as vias. Aqui

estamos perante uma transmissão isotópica, ou seja, os pequenos caminhos de terra actuais, localizam-se possivelmente sobre a antiga estrada romana, existe uma relação directa entre estes. Este tipo de transmissão irá reflectir-se nas tramas identificadas a cor branca e a que denomino na legenda como: transmissões isoclinas relacionadas com a antiga via romana. Poderei constatar que, não contando com a zona a norte do caminho que divide o vale (cuja transmissão parece não ocorrer), o parcelário é influenciado directamente pela presença destas vias principais (Ilustração 12, 13 e 14).

Apesar de os caminhos ainda serem usualmente utilizados pelas pessoas que trabalham nestes campos agrícolas, é possível que também durante o período romano, prolongando-se para o período medieval e moderno, estas parcelas tenham seguido este tipo de alinhamento. Esta influência mantém-se também para sul, nos campos que se seguem após a povoação da Póvoa, no seguimento da estrada e na direcção indicada (Ilustração 15). Continua a haver uma transmissão isoclina através da orientação das tramas que constituem as parcelas. E também para norte, passando por Aljazedo e seguindo para a povoação da Ateanha (Ilustração 12).

Poderemos assinalar assim a estrada como primeiro plano de análise, no segundo constam as linhas que são directamente afectadas por esta última, e numa terceira realidade as partes que já não sofreram uma influência directa da antiga estrada, mas das linhas que seguem a orientação desta. Todo o conjunto forma assim o parcelário actual e a paisagem contemporânea.

Outro dos itens patente nas legendas é o relativo às zonas húmidas. Aqui são indicadas aquelas zonas que se destacam na fotografia aérea e por apresentarem uma cor mais escura e uma forma não antrópica, poderão estar relacionados com sítios que continham água noutras épocas. Por exemplo, no lugar que se localiza junto à central eléctrica, a sul e perto da mudança de direcção na estrada que segue para a Várzea de Aljazedo, encontra-se uma forma que sugere a presença de um paleocanal. Aqui, e por não se encontrar qualquer tipo de vegetação, relacionado com a recente presença da central eléctrica, denota-se uma forma não linear que sugere a presença de um antigo

canal, que deveria ter continuidade, mas que é difícil de perceber o seu seguimento devido à vegetação se tornar mais densa⁴ (Ilustração 15).

A cor-de-laranja indico na legenda o parcelário actual, não negligenciando a possibilidade de este poder fazer parte de algum tipo de transmissão. Mas por não se relacionar directamente com a estrada, poderei estabelecer um terceiro tipo de ligação, em que já estabeleço uma conexão com as linhas de transmissão isoclina. Na zona mais a norte da Várzea de Aljazedo, o parcelário já não segue a orientação da estrada, mas adapta-se à forma do vale que vai afunilando até à extremidade nordeste.

Outro dos constituintes da legenda é referente às formas em negativo na paisagem. Distingo estas das outras tramas, por serem formas já quase não perceptíveis na paisagem, formas que apesar de serem parte integrante desta já não assentam num cunho tão acentuado como as já indicadas. Algumas poderão ter pertencido a antigas plantações, que já não se encontram patentes actualmente, ou a antigas formas de que já só consta apenas o negativo.

A cor castanha assinalo os caminhos, que descrevi como pouco perceptíveis na paisagem actual. Quando me refiro a esta última expressão, é uma forma de distinguir as vias cuja utilização ainda é bastante evidenciada na actualidade e as vias que já não se encontram activas, ou cuja utilidade hoje é bastante diminuta. Alguns destes caminhos poderão ter sido usados noutras épocas, cuja longevidade não se pode avançar. Poderão ter sido construídos durante a época moderna, ou serem anteriores. Outros poderão ainda ser utilizados pelos trabalhadores actuais, para a sua deslocação dentro do vale. Mas muitos, por já não terem continuidade porque se encontram cortados, foram seguramente percorridos em antigos períodos. Apesar da dinâmica de circulação ser um factor preponderante para o assentamento e manutenção destas formas na paisagem, estes caminhos têm algo em comum, os acessos a esta área e a sua contribuição para a evolução deste espaço rural. Por não assumirem um factor de ligação do vale com outros sítios vizinhos, apenas servindo como meio de entrada ou

⁴ No terreno não consegui visualizar a continuidade e presença desta forma, detectável através da fotografia aérea.

saída deste, não os identifico como caminhos secundários dentro do eixo principal não estabelecendo ligação com as *villae* da região.

Por fim, a cor-de-rosa, surge o item que indica as manchas de ocupação actuais. Este contorno que faço em volta das povoações, surte o efeito de destacar o tipo de povoamento com que nos deparamos actualmente, relacionado com o tipo de relevo em que se encontram. Por exemplo, nesta área que se acha próxima da Várzea de Aljazedo, temos como principais localidades: Aljazedo, Póvoa e Chão de Ourique. Analisando a fotografia-aérea, conseguimos verificar o tipo de povoamento concentrado patente em Aljazedo (Ilustração 12). Este progride essencialmente na primeira plataforma, cuja altitude ronda os 328 m. O desenvolvimento da localidade a partir da Idade Média teve como condicionante, o tipo de implantação, numa plataforma da encosta. O povoamento concentrado, apesar de se alongar de certa forma através da rua principal, estará directamente relacionado com a geomorfologia do local.

Quanto à povoação da Póvoa, esta está instalada numa zona de relevo pouco irregular, numa área plana. Ao contrário de Aljazedo, apresenta um tipo de povoamento disperso, podendo designar-se de tentacular, com configuração irregular (Ilustração 13). Se atentarmos aos campos que o rodeiam, também exibem alguma irregularidade, não havendo um seguimento linear.

Por fim, Chão de Ourique, apesar de também se instalar numa área plana, é um tipo de povoamento completamente diferente do apresentado na Póvoa. Este segue essencialmente uma linha, instalando-se as casas num e noutro lado da estrada principal que o atravessa. Apesar de ser esta a primeira característica que se realça, a sua estrutura não é assim tão linear, havendo uma evolução para zonas mais interiores.

Verifico assim que numa área tão restrita, existem pelo menos três povoados bastante próximos, que apresentam diferentes características de organização populacional. Este estado poderá estar relacionado não só com o tipo de implantação, mas também devido à cronologia da própria localidade. Neste caso, Aljazedo apresenta-se como a povoação mais antiga, que evolui para um estabelecimento

concentrado, limitado pela envolvimento física, enquanto que a Póvoa e Chão de Ourique patenteiam um povoamento mais anárquico. A evolução destas últimas povoações estará decerto mais relacionada com as linhas das vias que as atravessam do que propriamente com as características do relevo envolvente. No caso de Chão de Ourique é bem evidente a sua linearidade adjunta à forma da estrada que a atravessa. Na Póvoa denota-se uma forma de meia-lua, embora deformada pela extensão do povoamento para estradas de menor importância.

Nos Campos da Ateanha, que se localizam a este da povoação da Ateanha, denota-se uma maior irregularidade quanto à organização do parcelário que, apesar de ser próximo da Várzea de Aljazedo, apresenta orientações completamente distintas (Ilustração 16). Aqui encontram-se algumas formas em negativo que poderão estar relacionadas com antigas disposições agrícolas. Desenvolvem-se também os pequenos caminhos, cuja maioria ainda mantém as suas funções originais, ou seja, são os principais acessos aos diversos campos agrícolas. Adaptando-se às irregularidades da paisagem fronteira, este pequeno vale apresenta uma forma semelhante a um triângulo, que condiciona o desenvolvimento parcelar. Nas pontas denota-se uma organização mais constante acompanhando a própria forma, mas no centro existe uma orientação mais anárquica dos campos, não havendo grande regularidade nas formas. Não tendo um conhecimento evolucionar e cronológico desta área, poderei avançar com uma adaptação do parcelário às formas naturais dessa zona. No terreno observei a existência de vestígios arqueológicos semelhantes aos encontrados na Várzea de Aljazedo, o que remete a uma cronologia semelhante, mas a um tipo de organização parcelária divergente.

A oeste destes campos, como já referi, encontra-se a povoação da Ateanha (Ilustração 16). Esta localiza-se noutra plataforma do cabeço mais acima de Aljazedo a uma cota média de 422 m. Apresenta também um tipo de povoamento concentrado semelhante ao de Aljazedo (ambos os povoados têm uma cronologia bastante semelhante referente ao século XII). Apesar de se poder designar esta implantação de concentrada, destaca-se através da fotografia-aérea uma área central no povoado que não se encontra habitada, existindo alguns campos agricultados nesta zona. Daqui evidencia-se uma forma (a amarelo) que se inicia no alinhamento das casas a oeste e

se prolonga por um alinhamento de árvores a este e parece estar relacionado com um antigo amuralhado. Mas não havendo fontes que indiquem a presença do mesmo, não poderei avançar com qualquer tipo de certezas, apenas levantar esta suposição. Do que observei no terreno, não encontrei nenhum vestígio arqueológico relevante, nem nenhuma forma suspeita. A ocupação quase total desta parcela dificultou o desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos.

O vale do rio Dueça apresenta já outro tipo de parcelário diferente do encontrado na Várzea de Aljazedo e nos Campos da Ateanha (Ilustração 17, 18 e 19). Primeiramente, terei que diferenciar o tipo de vegetação patente em ambos os locais. Os dois últimos referidos, apresentam no geral uma quase globalidade de parcelas agricultadas, havendo poucas onde se encontra um tipo de vegetação mais densa. Por outro lado, o vale do rio Dueça ostenta outro tipo de características. Muitas das parcelas, apesar de se poderem dividir na paisagem e destacar-se as suas tramas, encontram-se por agricultar tanto na actualidade como na altura em que foi realizada a fotografia. Tal como referi, foi uma das dificuldades encontradas na realização da prospecção do vale do rio Dueça. Para além das problemáticas em termos de trabalho de campo, também se reflecte na dificuldade em destacar determinadas formas na paisagem através da morfologia rural. Essas contrariedades são bem evidentes no que concerne ao estudo das formas em negativo na paisagem. Mas apesar destes constrangimentos, as marcas principais do parcelário, na sua globalidade, ainda se encontram patentes na fotografia.

Enquanto para a Várzea de Aljazedo o grande factor orientacional foi a manutenção do traçado da antiga via romana/medieval, no caso deste vale onde se encontra a *villa* romana de S. Simão, o marco direccionado é a presença do traçado do rio Dueça. Embora este se encontre em grande parte inactivo durante as épocas mais quentes, nomeadamente na Primavera e Verão, a sua influência no parcelário actual é bastante evidente. Desta forma destaquei na legenda um item com cor branca referente às *Tramas directamente relacionadas com o rio Dueça*. Verifiquei assim, que desde pelo menos a povoação de Ferrarias mais a sul, se começa a denotar uma orientação tendo como base a presença do rio.

Durante o período romano, nomeadamente no período de actividade da *villa* (séc. IV-V), é também bastante provável que o rio tenha sido crucial para a orientação e influência no parcelário tal como o é actualmente. A *pars urbana* da *villa* (assinalado com uma bola vermelha na fotografia) situava-se estimativamente no meio do vale, onde actualmente se encontra a Capela da N. Sra. da Graça (S. Simão) e foram realizadas as escavações arqueológicas. Sem poder avançar com vestígios arqueológicos que indiquem que esta habitação rural terá sido influenciada pelo cristianismo durante os séculos finais de ocupação, sabemos que, nomeadamente durante o séc. V, começa a entranhar-se a cristianização dos espaços rurais. Durante o séc. VI e VII esta difusão mantém-se, marcada pelas actividades episcopais em meio rural (BANGO GARCÍA, LÓPEZ QUIROGA, 2004, 38). Apesar de não haver vestígios que apontem neste sentido foram realizados poucos trabalhos arqueológicos neste local, a verdade é que a capela, edifício de época moderna/contemporânea, foi construída por cima dos vestígios romanos (Ilustração 18). Tal como em Santiago da Guarda, o edifício rural romano serviu como base para a construção de um edifício posterior e também neste se localizou uma basílica. A escolha deste local preciso não deve ter recorrido apenas ao acaso, mas casos destes de construção de pequenas capelas, ou outro tipo de locais de culto sobre vestígios arqueológicos é comum, conotando-os como locais sagrados.

Na zona da capela denotam-se algumas irregularidades quanto à orientação das tramas, que pode estar de certa forma relacionado com a implantação da antiga *villa* romana. Em zonas mais distantes do rio, nomeadamente na área mais a oeste, denota-se outro tipo de orientações das tramas diferente das encontradas junto ao rio. Estas diversidades encontram-se patentes também junto dos aglomerados populacionais (a cor-de-rosa na fotografia). Estes acompanham essencialmente o desenvolvimento da estrada nacional a oeste do vale, e a estrada que se encontra a este do vale. Apesar desta linearidade, existem excepções em que a povoação entra dentro do vale, como é o exemplo de S. Simão, existindo assim uma influência directa no tipo de orientações do parcelário. Estabelece-se um tipo de manchas dispersas que vão seguindo de forma constante as linhas do vale.

Nas formas em negativo na paisagem (a amarelo), apesar de pouco perceptíveis, tal como referi devido à vegetação, destaquei as mais evidentes. Começo pelos pequenos pontos assinalados a norte e a sul junto da Capela da N. Sra. da Graça (Ilustração 18). A norte por não apresentarem qualquer tipo de alinhamento, poderei levantar a hipótese de terem sido antigas fossas, ou pequenos silos de deposição de lixos. Mas só após uma intervenção arqueológica no local, nomeadamente recorrendo à escavação poderia ter certezas quanto à função dessas formas isoladas. A sul as formas já são mais lineares formando uma linha que segue a direcção do parcelário.

Outras formas em negativo acompanham, de certo modo as orientações do parcelário actual e estarão, possivelmente, relacionadas com a exploração agrícola. Apesar de, na zona mais a sul, se identificarem algumas formas que não seguem as tramas actuais, sem um trabalho de escavação dificilmente se conseguirá descrever o tipo e antiguidade das actividades a que estas formas podem corresponder (Ilustração 18).

Por fim, tal como para a Várzea de Aljazedo e para os Campos da Ateanha identifiquei também neste vale (a castanho), os pequenos caminhos que se encontram inactivos, ou cuja actividade se pode considerar diminuta e que dão acesso ao interior do vale. Neste caso em específico, devido à vegetação abundante, foi-me difícil reconhecer as zonas húmidas, mas destaco com a mesma cor o percurso do rio, que por vezes já é pouco perceptível na globalidade da paisagem.

Os grandes factores contrastantes entre estes dois vales são:

- A presença de antigos traçados romanos/medievais (Várzea de Aljazedo), existindo uma transmissão isotópica influenciando geralmente o parcelário – factor humano.
- A influência que o rio Dueça tem na implantação do parcelário no outro vale – factor natural.

Denota-se, assim, dois modelos bastante contrastantes de implantação de parcelários agrícolas, mas que, de certa forma, contribuem para um tipo de estabelecimento semelhante - a propriedade rural.

7.3 A dinâmica de povoamento

7.3.1 O período Romano

Numa análise global de interpretação e reinterpretação dos resultados, este capítulo insere-se num estudo da relação sincrónica/diacrónica dos sítios localizados na área em investigação, tendo em conta os trabalhos de campo elaborados e a análise bibliográfica feita.

A ideia da dinâmica paisagística e as relações horizontais e verticais não serão postas de lado. Apesar de esquematizar uma apresentação balizada por períodos históricos, sendo útil numa organização formal, tal como referi no capítulo dos objectivos e da metodologia, o principal objectivo é entender a paisagem dinâmica e não a paisagem dividida por gavetas periódicas.

O período pré-romano nesta região é caracterizado por povoados de altura localizados em cabeços com plataformas aplanadas, e cujas alturas médias rondam os 300 e os 400 m. Estes dominam a vasta depressão do Rabaçal e para além de serem considerados sítios estratégicos de defesa, patenteiam também um domínio visual à sua volta, estabelecendo-se também contactos visuais entre eles. Os castros proto-históricos desta região contando com Conímbriga, encontram-se nos cabeços do Germanelo, Juromelo, Trás-de-Figueiró, Abrã, Castelo Ventoso, Ateanha, Castelo do Sobral, Torre, Lagarteira, Ansião, Pousaflores e Alvaiázere.

Durante a realização do meu trabalho de seminário no decorrer da licenciatura, prospectei alguns dos cabeços referidos, nomeadamente o cabeço de Trás-de-Figueiró, Abrã e o Castelo do Sobral. No primeiro, para além dos materiais cerâmicos associados à Idade do Ferro, destacam-se também os materiais de construção e a cerâmica romana que demonstram a continuidade de ocupação deste sítio. A presença física defensiva da linha de muralha ainda está patente embora de forma ténue no alinhamento do cabeço. No monte Abrã para além das cerâmicas também identificáveis como pertencendo a um período pré-romano, evidenciou-se a presença

de escória ao longo de todo o cabeço. Esta poderá estar associada a um local de produção metalúrgica, que não se pode ainda relacionar directamente com o período cronológico referido por falta de mais dados. Do Castelo do Sobral é ainda possível visualizar as linhas de muralha embora já quase apagadas pela presença de uma pedreira no local. Para além deste sistema defensivo encontramos bastante cerâmica também relacionada com a cronologia em questão (CRAVO, FERNANDES, 2008, 60 e 104).



Imagem 1 - Castros localizados perto da área de investigação

Para além destes castros estudados, prospectei também mas já durante este trabalho o cabeço da Ateanha. Para além dos materiais de construção já indicados, também encontrei alguma cerâmica mais tardia provavelmente pertencente a um período anterior à ocupação romana. Desta forma verificamos que dentro da área de investigação e em volta desta, encontram-se uma série de povoados proto-históricos, alguns com continuidade de ocupação e outros que foram abandonados após as primeiras instalações romanas neste território.

Estes povoados deveriam ser completados por uma série de caminhos iniciais que colocariam em contacto estas diversas partes do todo. Tal como indiquei no capítulo das vias, os caminhos romanos devem ter adoptado estes caminhos realizados num período anterior à sua localização nesta área. Sendo um meio difusor de circulação de pessoas e também de troca de produtos estes foram também o meio utilizado pelos romanos para a conquista deste território já estruturado pelos povos pré-romanos.

Importa então reter duas primeiras ideias principais:

- 1- As transmissões feitas através da continuidade de alguns povoados, nomeadamente como aconteceram nos cabeços de Trás-de-Figueiró e Ateanha.
- 2- A continuidade e aproveitamento de alguns caminhos indígenas que estabeleceram os primeiros contactos entre povoados indígenas e foram importantes para o inicial processo de conquista do território pelos romanos.

A partir do século I d.C. para além da já conhecida organização realizada por Augusto assente ou desenvolvida a partir de *civitates*, terei que ter em conta que a área em estudo se trata de uma região rural onde os contactos com a povoação autóctone se faziam de forma mais directa, havendo interacções entre as diversas frentes. Interessa assim neste contexto colocarem-se já algumas questões:

- Como terá decorrido a conquista deste território?
- Qual terá sido a relação entre a população indígena e os romanos?
- Terá existido uma grande mudança em termos de dinâmica territorial, estaremos perante uma grande ruptura, ou por outro lado, perante uma continuidade?

Quanto à primeira questão será difícil de responder, devido ao conhecimento sobre os primeiros contactos entre indígenas e romanos para esta área ser bastante incipiente. Apesar de termos uma ideia bastante mais aprofundada desta região a partir do século IV e V, nomeadamente através dos territórios e desenvolvimento das

villae, dos primeiros séculos de ocupação os conhecimentos ainda são muito vagos, assentes apenas em critérios de continuidade e descontinuidade.

Quanto à segunda e terceira perguntas teremos já algumas propostas de resposta, embora assentes apenas nos critérios já referidos. Existindo já uma paisagem própria dinamizada pelas povoações locais e estando patentes algumas transmissões e aproveitamentos, poderemos avançar para um processo de continuidade inicial. Não foram apagados deste território os marcos básicos de povoamento, não havendo assim uma sobreposição e anulação da paisagem anterior, mas sim um processo de transformação. Estes corroborados pelo aproveitamento dos caminhos indígenas e por algumas continuidades de povoamento (exemplo do cabeço da Ateanha e Trás-de-Figueiró). Isto não quer dizer no entanto, que a ocupação tenha sido pacífica e que não tenham havido resistências por parte das povoações autóctones. Apesar da imposição romana inicial, a palavra que melhor caracteriza este processo é de certo modo a palavra “progressivo”. Não terá havido assim uma ruptura, mas um decurso em que fora respeitada inicialmente a organização já patente, e progressivamente foi sendo transformada a paisagem evoluindo através do surgimento de novos sítios com outro tipo de implantações rurais.

Tomando como ponto de partida estes povoados e também estes caminhos iniciais, as primeiras formações agrícolas organizadas devem ter surgido já num período pré-romano, havendo assim uma forte influência por parte desta organização parcelar. Como verifiquei através da análise da fotografia aérea, para a Várzea de Aljazedo denota-se uma dinâmica parcelar, dominada pela presença das antigas estradas. Estas encontram-se presentes na actual paisagem através do desenvolvimento de pequenos caminhos que dividem este vale. Esta transmissão denota-se na orientação parcelar e das diversas tramas que constituem o parcelário. Nesta área em específico a imposição desta forma contínua na paisagem serviu de meio orientador para o desenvolvimento parcelar. Visto que os caminhos indígenas deveriam conter uma localização semelhante, a paisagem não deve ter surtido uma grande mudança em termos de organização parcelar. Deve ter-se mantido as mesmas linhas condutoras, que no caso do vale do rio Dueça estão relacionadas com a presença física do rio que atravessa este vale. A orientação neste caso é feita a partir

deste marco físico na paisagem que deve também ter influenciado o desenvolvimento agrícola tanto num período anterior à ocupação romana, como durante o período de ocupação da *villa*.

Apesar da ocupação romana, a divisão dos solos denominada de centurição, não deve ter assumido aqui um carácter rígido, havendo um variado tipo de influências:

- Físicas, tomando como ponto de alinhamento as estradas que teriam uma origem indígena (exemplo da Várzea de Aljazedede).
- Da própria fisionomia da região, tendo em conta o desenvolvimento do relevo (exemplo dos Campos da Ateanha) e a rede hidrográfica patente nesta área (exemplo de S. Simão e a influência do rio Dueça).

Como referi, para uma cronologia mais avançada, nomeadamente para o período romano mais tardio, existe um conhecimento mais desenvolvido para esta área de estudo.

Primeiro, antes de avançar para sítios isolados, deverei enquadrar a área de estudo numa das *civitates* mais próximas em termos territoriais. Esta poderia estar inserida na de *Conimbriga* ou na de *Sellium*. Face à inscrição latina encontrada na torre de Santiago da Guarda e datável do século III d.C., pode ser interpretado aquele lugar como uma zona de fronteira entre as duas *civitates*. A partir desta informação e sabendo em termos territoriais os limites de cada uma, poderei desde já enquadrar a área total de estudo no território da *civitas* de *Conimbriga*. Numa zona mais a sul, nomeadamente a partir de Santiago da Guarda e constando também as actuais povoações de Ansião e Alvaiázere¹, estas dever-se-iam já localizar na área de jurisdição da *civitas* de *Sellium*.

Durante os séculos IV e V, na área de investigação, dominavam os sítios rurais, sendo que podemos contar com três *villae* em volta deste território. De norte para sul enumero a *villa* do Rabaçal, S. Simão e Santiago da Guarda. A cronologia destas *villae* situa-se entre os séculos IV e V, tendo o mesmo tipo de implantação em vales bastante

¹ Catarina Mendes localiza o *Complexo romano da Rominha* no território de *Sellium*, embora tenha dificuldades em fixar o limite norte do seu território (MENDES, 2008, 71).

férteis. Partindo do princípio de que tanto a *villa* do Rabaçal, como a *villae* de Santiago da Guarda já se encontram bem estudadas, nomeadamente na sua *pars urbana*, decidi através do método dos polígonos de Thiessen avançar para uma tentativa de análise territorial dos seus *fundi*.



Imagem 2 - Método dos polígonos de Thiessen

Partindo por este método, verifiquei que o território em análise apesar de se localizar numa área de proximidade entre a fronteira do *fundus* da *villa* de Santiago da Guarda e da *villa* de S. Simão, este encontrava-se na área de influência desta última *villa*. Todos os materiais contemporâneos da *villa* fariam parte do território agrícola desta, sendo assim importante para o estabelecimento da dinâmica nesse local.

A integração desta área na *villa* de S. Simão tornou necessário um estudo do vale onde este se encontra, de forma a ter uma visão mais completa da sua envolvência, visto que apenas existe um estudo da sua *pars urbana*. As dificuldades sentidas no campo tornaram este processo difícil, embora tenha sido importante de

forma a comparar os materiais encontrados neste local e os descobertos tanto na Várzea de Aljazedo, como nos Campos da Ateanha. Verifiquei que os materiais tardios encontrados em S. Simão se mantiveram ao longo do vale e também na zona mais a sudoeste nomeadamente na Várzea de Aljazedo.

Já foquei também a importância da proximidade do rio Dueça e a sua influência no desenvolvimento parcelário. A localização próxima de um curso de água torna-se assim como um factor importante para o povoamento. Este é um dos factores principais para a escolha deste longo vale para a implantação de um sítio agrícola com esta imponência. Segundo Jorge de Alarcão a *villa* de S. Simão localizada no vale do rio Dueça também denominado por Cerradinha, poderia dispor de 200 hectares de boas terras (ALARCÃO, 1998, 98). Este número corresponderia ao *fundus* da *villa*, à abrangência rural/agrícola do parcelário pertencente a este sítio rural. Tal como, por exemplo, as *villae* do Montinho das Laranjeiras e Vale de Condes que se situam junto do rio Guadiana, esta também se localizou junto a uma importante linha de água. Para além das vantagens habitacionais e agrícolas da proximidade a um curso de água, este torna-se também um factor importante em termos de trocas de produtos. Poderá ser um complemento às vias terrestres e um factor de difusão de produtos, predominantemente agrícolas. Mas, se para as *villae* enumeradas existe já um conhecimento da sua continuidade cronológica, como acontece na maioria das *villae* tardias, por exemplo a transformação do Montinho das Laranjeiras em *ecclesia* do período Visigótico ou a continuidade em Vale de Condes (referenciado através da presença de sepulturas já escavadas), no caso da *villa* de S. Simão ainda não se conhece a sua dinâmica cronológica, para além do período de utilização inicial deste sítio.

Para além da preferência de sítios localizados próximos de cursos de água, existem também alguns que são atraídos pela existência de vias de comunicação. Segundo Marina Vieira será difícil sabermos “se foram as estradas que atraíram o povoamento, ou este a justificar a passagem de um traçado viário” (VIEIRA, 2004, 56). No caso de estudo, nomeadamente na Várzea de Aljazedo é provável que por se tratar de uma estrada principal, este local tivesse sido atraído pela via, mas o *diverticulum* poderá ter sido realizado num período posterior. Este vale é também bastante rico em

recursos hídricos atestado pela presença de variados poços, o que demonstra a riqueza do subsolo e pela existência de um grande algar, onde as antigas povoações recolhiam a água.



Imagem 3 - Localização do algar na Várzea de Aljazedo

Tal como a riqueza hídrica já evidenciada, a presença de uma estrada principal como a via que ligava *Olisipo-Bracara* e o *diverticulum* que seguia em direcção a Santiago da Guarda demonstram a localização estratégica deste sítio.

Levanto agora as questões principais quanto à possibilidade tipológica deste sítio:

- Este sítio pode tratar-se de uma pequena propriedade agrícola constituída por um pequeno tugúrio ou casal pertencente ao *fundus* da *villa* de S. Simão?
- Devido à importante localização poderá a *mutatio/mansio* indicada por Vasco Mantas e situada perto da Póvoa localizar-se neste vale, em vez do local indicado?
- Ou por outro lado terá sido um aglomerado com importantes funções industriais e de escoamento de produtos?

Primeiramente antes de responder a estas questões deverei ter em conta as informações colhidas através dos materiais arqueológicos e patentes no capítulo alusivo ao estudo dos materiais. Os denominados fósseis directores, assumem assim um factor determinante na identificação cronológica do sítio. Para além da presença de alguns grés², tudo indica que estamos perante uma ocupação tardo-romana ou mesmo alto-medieval.

A decoração das cerâmicas torna-se um factor importante para a datação das mesmas. A presença ornamental de decoração incisa, estampilhada no lábio das peças, é uma inovação ornamental que surge no período tardo-antigo. Juntando-se também a esta ornamentação a peça que apresenta um cordão digitado que se torna bastante comum a partir do século VI. Outra das cerâmicas que também é um fósil director é a que tem um bordo em forma de rim, que se torna comum a partir do século V.

Maioritariamente os materiais encontrados são pertencentes à antiguidade tardia, com datações aproximadas entre o século IV e VI, embora possam ser atribuídas datações ainda mais tardias. Esta datação pode assim aproximar-se à primeira questão e à possibilidade de aqui se terem localizado pequenas habitações agrícolas pertencendo ao *fundus da villa* romana. Nas ilustrações 4, 5 e 6 correspondendo aos materiais de construção encontrados na Várzea de Aljazedo, verifiquei que há áreas de maior concentração de materiais, que se intensifica perto do caminho central, mas tendo também outros focos. Mas tal como referi no capítulo dos materiais estes representam 43,6% do total dos terrenos. Uma grande percentagem denotando assim uma basta ocupação neste sítio. Como existem algumas concentrações poderemos avançar pela primeira questão tomando este vale como local de implantação de pequenas propriedades agrícolas tardo-romanas ou já de período alto-medieval.

Tal como referi no capítulo do estudo dos materiais e apesar da preponderância dos objectos datáveis do período indicado, este vale teve um longo

² Os fabricos grosseiros, considerados locais e regionais assumem preponderância a partir do período visigótico, nomeadamente a partir do século V/VI, mantendo as mesmas “características durante os primeiros tempos de presença muçulmana” (CATARINO, 1997/98, 785).

período de ocupação/exploração, que se transmite na organização parcelar actual. A extensa cronologia de ocupação humana é atestada pela presença de líticos, entre os materiais dos primeiros momentos ocupacionais, os vestígios que atravessam o período romano e, ainda, com as ocupações/explorações mais recentes, os testemunhos de faianças, vidrados e vestígios cerâmicos modernos e, mesmo, já contemporâneos.

O primeiro ponto pode também ser corroborado com a presença de um peso de lagar (Ilustração 2), semelhante ao proveniente de Casais Velhos e completando assim o tipo de exploração rural que se efectuava naquele local (GORGES, SALINAS, 1994, 216).

Tal como indica Catarina Mendes para o território de Alvaiázere, os casais encontram-se implantados em pequenas encostas suaves, ou em zonas ligeiramente aplanadas, tal como acontece na Várzea de Aljazedo. Os materiais normalmente encontrados neste tipo de propriedade também se encontram neste local, nomeadamente a cerâmica comum e de construção. Quanto à área de dispersão dos casais enumerados por esta autora, estes inserem-se em áreas entre os 2000 e 3000 m² (MENDES, 2008, 90). Esta área (2000 m²) corresponde à mancha central de ocupação localizada no cruzamento de caminhos, podendo assim pertencer a um antigo casal romano. As outras manchas mais pequenas poderão ser o que Catarina Mendes designa de pequenos sítios, ou seja, estabelecimentos anexos e de apoio às actividades decorrentes tanto na *villae* como nos casais. Servem assim como pontos de apoio às actividades agrícolas e produtivas. Os materiais aqui encontrados passam por vezes apenas por cerâmica de construção em áreas que rondam entre os 100 e 1000 m² (IBID, 93).

Quanto à segunda questão, relacionada com a possibilidade de localização neste vale de uma *mansio* é de difícil resposta, porque teria que colocar em questão a existência da indicada por Vasco Mantas perto da povoação da Póvoa. Este autor reforça a existência desta *mutatio* com a função de *mansio*, através dos indícios de estruturas soterradas patentes na fotografia aérea e pelos restos de cerâmica de

construção. Esta ideia é reforçada pela sua localização e também por perto desta zona persistir o topónimo Estalagem.



Imagem 4 - Localização da mansio/mutatio indicada por Vasco Gil Mantas

Prospectei a área indicada para a localização deste sítio, mas deparei-me com algumas dificuldades, nomeadamente devido à recente construção da estrada que dá acesso à central eléctrica e que modificou bastante a paisagem. Outro dos factores foi a presença de plantação de vinhas naquele local. A paisagem como vai sendo modificada ao longo dos anos, de um ano para outro pode apagar por completo os vestígios, neste caso foi a mudança humana que impediu a visualização deste sítio arqueológico.

Apresentados os fundamentos descritos por Vasco Mantas para a localização desta *mutatio/mansio* neste local, irei enumerar as possibilidades da presença de um local destes na Várzea de Aljazedo. A primeira razão que me leva a levantar esta possibilidade é a própria localização do sítio e a intercepção e desenvolvimento de duas vias importantes neste local, o que traria bastantes vantagens à implantação de

uma estalagem nesta área de passagem. A presença e diversidade de materiais arqueológicos, contendo também variados materiais de construção pode ser outro dos pontos para a possibilidade de ter existido aqui um tipo de estrutura referida. Estando também localizado a poucos metros do sítio enumerado por Vasco Mantas, pode-se utilizar as mesmas distâncias desenvolvidas por este autor para corroborar esta localização.

Tratando-se apenas de uma *mutatio* estes factores atrás enumerados não apresentam qualquer falta, não havendo nenhum outro agente que condicione a presença deste tipo de infra-estrutura. Mas sendo identificado como uma *mansio*, seria necessário corroborar esta ideia com a presença de materiais que defendessem a presença de termas e de um grande estabelecimento. Estes locais apesar de poderem estar integrados em *vici*, algumas vezes também se encontravam isolados na estrada. A única falta é não ter encontrado nenhum material que atestasse a presença de termas. Desta forma, verifico que a possibilidade de existência de uma *mutatio* neste local é apenas negada pela exequível existência de uma *mutatio/mansio* perto da povoação da Póvoa, mas que poderia também localizar-se neste sítio.

Quanto à terceira questão, de este sítio poder ter sido um aglomerado com importantes funções industriais e de escoamento de produtos, não pode ser posta de lado. A localização deste sítio numa importante concentração de estradas leva-nos a colocar esta questão. Um importante sítio comercial necessita de se localizar em áreas estratégicas que vão de encontro à importação de matérias e exportação de produtos. A grande concentração de estradas importantes neste local vem assim levantar a hipótese de aqui se poder ter encontrado um importante aglomerado industrial.

Para consolidar esta ideia há em primeiro lugar que referir o peso de lagar (Imagem 2) e é junto deste cruzamento de caminhos que se encontra a maior quantidade de vestígios cerâmicos. Para além da quantidade, verifiquei a repetição de variadas formas, essencialmente de fundos, asas e bordos semelhantes, sendo principalmente na parcela 5 que se verificam maiores repetições quanto à forma e às dimensões das peças. A permanência destes caminhos verifica-se ainda na actualidade o que demonstra a manutenção destas grandes linhas de comunicação e de troca de

produtos. Segundo Helena Catarino “foi a partir da rede viária estabelecida pelos Romanos que se criaram as grandes linhas de comunicação inter-regionais posteriores (CATARINO, 1997/98, 663). A presença do peso de lagar e destas vias é, assim, conjuntamente com os vestígios cerâmicos, a primeira ideia a avançar para a localização de um centro industrial de proporções locais/regionais de vinho ou azeite.

Outra questão a equacionar é a presença de uma grande quantidade de escória. Esta encontra-se em 21 das 71 parcelas prospectadas, correspondendo a 29,5% do total de terrenos. Há inclusivamente alguns pontos de concentração já referidos no capítulo dedicado ao estudo dos materiais. Para além de levantar a possibilidade de este ser um centro de produção agrícola, também poderei colocar a questão de ser um centro de produção metalúrgica.

A complexidade dos fornos e sistemas de fundição é também já referida no capítulo referente ao estudo dos materiais. Para este local defendo a existência de fornos não muito complexos a nível de produção local. Mas a existência da grande quantidade de escória também pode apontar para fundições mais complexas que a realização de escavações poderia responder. Com os dados fornecidos pela prospecção, apenas poderei avançar com os dados numéricos já apresentados e colocar algumas questões/suposições. A presença do topónimo Ferrarias perto deste local pode corroborar as hipóteses quanto à extensão deste local de produção que se poderia dispersar até perto do vale da *villa* de S. Simão.

Outra das questões que importa colocar é a da própria cronologia e extensão temporal da produção neste local. Estará a actividade metalúrgica associada ao período de funcionamento da *villa* de S. Simão, correspondendo a um centro de laboração da mesma. Segundo os dados obtidos a partir do método dos polígonos de Thiessen, esta área ainda pertenceria ao *fundus* da *villa* podendo esta possibilidade ser colocada. A actividade inicial pode ter começado na época romana, mas após o abandono da *pars urbana* da *villa*, os pequenos centros produtivos podem ter continuado. Este procedimento de abandono de *villae* e continuidade nos pequenos locais rurais é bastante usual, mantendo-se a sua acção durante a Idade Média. Neste

caso é difícil de precisar as balizas de actividade deste local em relação à produção metalúrgica.

Para a localização de um aglomerado com estas características industriais são necessários os factores enumerados, a variedade de vias, existindo para além da estrada principal o *diverticulum* que estabeleceria também o contacto desta área com a *villa* de Santiago da Guarda, podendo os produtos ser apenas de auto-consumo, ou ser exportados para ambas as *villae*. Estas particularidades são também observadas na Gália, em que pequenos, médios e grandes centros produtivos de cerâmica ocupavam posições de destaque na rede viária (*appud*, MENDES, 87).

No Cabeço da Ateanha também foram encontrados vestígios de materiais cerâmicos correspondendo ao período pré-romano. Para além destes vestígios descobri também materiais de construção romanos, nomeadamente *tegulae*. Assume-se assim desde logo uma continuidade podendo classificar-se à partida este castro de romanizado.

A ausência de cerâmica trás algumas dificuldades quanto à especificidade temporal deste local. Tal como indiquei atrás, poderá estar associado à falta de visibilidade e à vegetação densa deste cabeço. A simples presença de *tegulae* não pode por si só ser indicativo de ocupação durante o período romano. Estes vestígios podem denunciar apenas um processo de reutilização durante o período alto-medieval. Se isto aconteceu, a dinâmica habitacional pode ter-se transferido durante o período de ocupação para o vale e já em plena época Medieval, novamente voltou-se a povoar o local de altura. Desta forma teremos duas possibilidades de dinâmica paisagística:

- Ter existido uma continuidade de ocupação deste castro durante o período Romano, havendo uma ocupação contemporânea também no vale (Várzea de Aljazedo) ou possivelmente também nos Campos da Ateanha.
- Por outro lado pode ter havido um corte neste local e durante o período Romano a actividade ter-se deslocado para zonas de mais baixa altitude e de vale. A dinâmica teria sido reposta já em período medieval e mantida também

numa ocupação posterior (moderna/contemporânea), determinada pelas ruínas de um povoado antigo no cabeço.

Quanto aos Campos da Ateanha não poderei avançar com datações precisas, nem áreas de dispersão de materiais. Para além dos vestígios encontrados, que se assemelham aos descobertos na Várzea de Aljazedo patenteiam a possibilidade de uma ocupação contemporânea a esta. Contudo, seria importante que deste local tivessem surgido também materiais de construção e que tivesse havido melhor possibilidade de uma prospecção de carácter intensivo para o comprovar. Mas como o objectivo não foi explorar de forma geral esta área, apenas apresento algumas sugestões para este sítio. A fotografia aérea também não fornece muitas informações quanto à formação do parcelário, visto que este apenas se adapta ao desenvolvimento do terreno e às suas irregularidades.

Resumindo, para a época inicial de ocupação romana não existem muitas informações, sendo que apenas a existência de vias que atravessam este território apenas nos demonstram as primeiras modificações ao território, que assentam não em rupturas mas em transmissões através da adopção dos antigos caminhos indígenas. Por outro lado verificamos a possibilidade de continuidade de ocupação de antigos castros, confirmada no cabeço de Trás-de-Figueiró e existindo a possibilidade de se ter concretizado também no cabeço da Ateanha.

A mudança pode ter-se dado com a ocupação da Várzea de Aljazedo e a evolução para centros de produção dependentes e constituintes do *fundus* desta *villa*. Levantei assim as possibilidades de tipologias deste local: passando pela presença de uma *mansio*, de pequenos sítios de produção agrícola (casais ou outros pequenos sítios), ou de um aglomerado industrial. Verifico assim a variedade de possibilidades tipológicas para um curto espaço temporal e as diversas fases de ocupação a que este sítio pode ter sido sujeito.

7.3.2 O período Alto-Medieval

É difícil separar por balizas temporais a antiguidade tardia do período já alto-medieval, tanto pelas continuidades em termos de materiais como pelas transmissões que se dão tanto no seguimento do povoamento, como na manutenção das estruturas romanas. Estas são ainda mais evidentes na permanência de sítios rurais que não são influenciados directamente pelos grandes movimentos ocupacionais. O conflito declarado que se dá nos grandes centros políticos não é tão evidente no meio rural, não existindo as estruturas de defensibilidade desenvolvidas nos núcleos urbanos. A dinâmica ou solução mais usual dá-se na reocupação dos povoados proto-históricos e na preferência novamente por locais de altura. O abandono dos vales em detrimento de ocupação de cabeços já habitados em períodos pré-romanos torna-se um dos factores evidentes durante o período Alto-Medieval. Segundo Juan Quirós Castillo este fenómeno documenta-se em vários sectores europeus durante este período (QUIRÓS CASTILLO, 2006, 59). Tal como referi para a continuidade de povoamento no cabeço da Ateanha, este pode ter surtido um caso de abandono e reocupação. Por outro lado, as evidências materiais não dão certezas quanto à sua possível sequência.

Já da povoação actual da Ateanha, topónimo que, segundo José Pedro Machado, terá origem germânica relacionada com um antropónimo *Atilanes*, plural de *Átila* (MACHADO, 1993, 182), temos apenas informações tardias, a partir do século XII. No entanto, há algumas indicações em relação à sua possível ocupação durante o período romano, embora o único fragmento de *tegulae* encontrado na prospecção seja um elemento bastante isolado para podermos conectar aquele sítio a uma cronologia romana. Para além de ser um vestígio isolado e descontextualizado³, poderá ter sido deslocado do seu local de origem, nomeadamente do cabeço da Ateanha, ou mesmo da Várzea de Aljazedo, locais onde foram encontrados variados materiais semelhantes a este. Não há assim informações quanto à inicial fase de povoamento, remetendo-nos

³ Este encontrava-se por cima de um muro numa zona densa em termos habitacionais perto da capela da Ateanha.

as primeiras indicações a este sítio relacionadas com a torre de defesa que os documentos apontam para este local (ARNAUT, 1957, III).

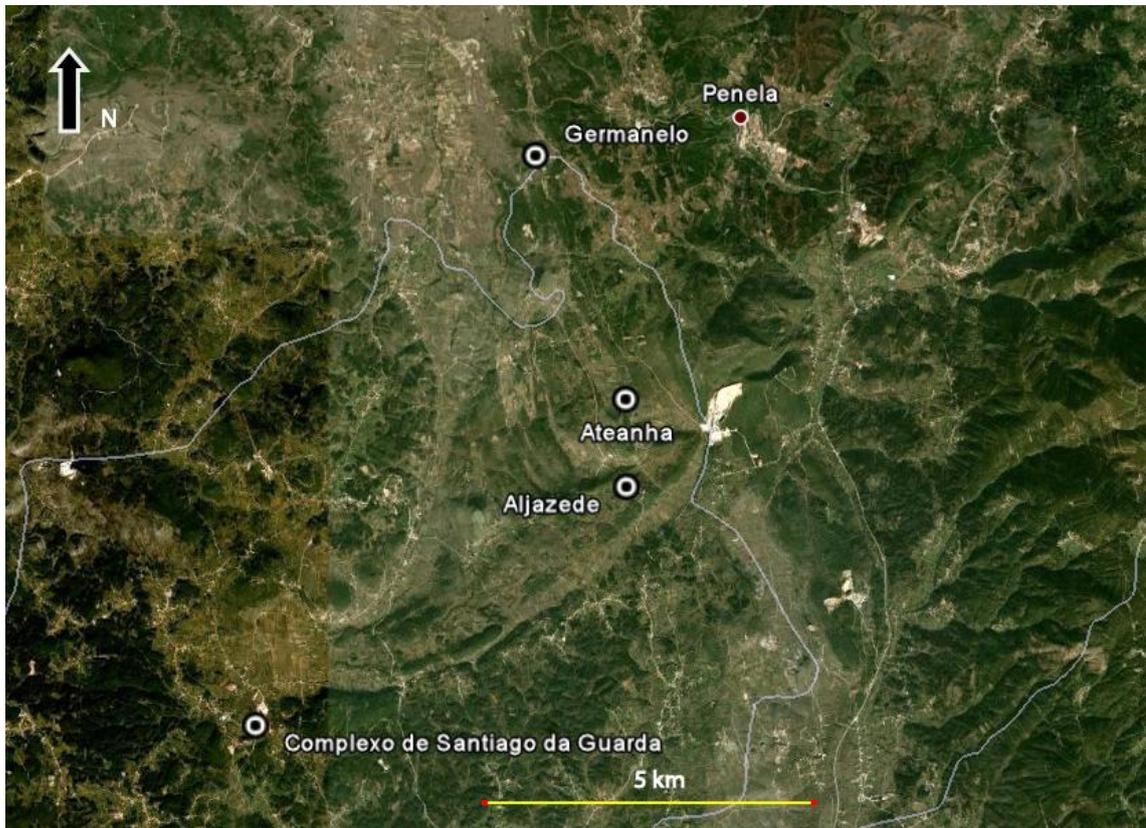


Imagem 5 - Principais locais defensivos durante a época medieval e localidades contemporâneas destes

Através da fotografia aérea consegui identificar na zona da Ateanha um traçado que assinalei a cor amarela, que é transmitido através da actual configuração e posicionamento das casas, e através de um alinhamento que se liga a este de arvoredo. Esta forma patente na paisagem poderá levantar algumas sugestões que pretendo colocar aqui embora não passem de questões e não afirmações definitivas.

- Poderá esta forma estar relacionada com uma antiga muralha que protegeria os primeiros habitantes desta área, numa época conturbada de cronologia em volta do século XII?
- Sendo possível a existência desta muralha, poderia esta ser um complemento à torre patente neste local durante o século XII, ou vice-versa?

- Devido ao tipo de materiais encontrados neste local, nomeadamente machados de pedra polida e fragmentos de cerâmica, poderia este sítio ter também uma ocupação mais antiga e esta muralha pertencer a um período anterior?

Não tendo a certeza da presença ou não deste sistema defensivo, apenas poderei avançar com algumas hipóteses que poderão ser lançadas para futuras perspectivas de investigação.

A continuidade de ocupação mantém-se até à contemporaneidade e a sua dinâmica ocupacional poderá ser atestada, ainda que indirectamente, pela capela da Ateanha, com orago a São Martinho de Tours⁴, representado numa escultura figurativa pertencente ao século XV. O povoamento concentrado actual deste local deveria ser semelhante ao decorrente durante a Idade Média. A partir da Reconquista estabeleceu-se “uma rede muito mais densa com o estabelecimento de centros paroquiais em oratórios fundados por iniciativa particular” (OLIVEIRA, 1950, 33).

Por outro lado, se a primeira documentação referente à Ateanha indica uma herdade, é bem provável que esta, inicialmente pertencente ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, tenha desenvolvido a sua fisionomia cristã através de iniciativas de particulares.

Quanto a Aljazedo, topónimo de provável origem germânica (MACHADO, 1993, 100), o tipo de povoamento, apesar da proximidade à Ateanha, é bastante distinto do encontrado nesta última. Apresenta um tipo de ocupação mais dispersa mantendo a configuração do caminho que a atravessa. Este caminho surge directamente relacionado com a antiga estrada romana que atravessa a Várzea de Aljazedo, mantendo com esta uma ligação directa. Resta colocar algumas questões em relação a estes três sítios já enumerados:

- Houve algum período de tempo em que as povoações de Aljazedo/Ateanha tenham sido contemporâneas da ocupação patente na Várzea de Aljazedo?

⁴ Esta igreja apresenta uma planta longitudinal, simples, com volumetria disposta na horizontalidade. Encontra-se virada a sul e o seu interior apresenta apenas uma única nave. Do Altar-mor destaca-se o Menino Jesus no centro, S. José à direita e no lado oposto S. Martinho de Tours.

- Poderão as povoações de Aljazedo e Ateanha ter surgido devido ao abandono da várzea que lhes é vizinha por serem locais mais protegidos?
- Em que altura terá sido abandonado o povoamento da Várzea de Aljazedo, mantendo-se apenas a sua função agrícola?

Tudo me leva a crer e pelos vestígios encontrados que apontam para uma cronologia entre os séculos IV e VI/VII, que após este período o vale tenha sido abandonado a favor de sítios menos expostos, eventualmente a partir da transição da Antiguidade Tardia/Alta Idade Média, se considerarmos a hipótese de estes topónimos de origem germânica se reportarem à ocupação suevo/visigótica nesta região. Segundo Juan Quirós Castillo durante os séculos V-VII, possivelmente em toda a Península Ibérica existiria uma hierarquia de povoamento baseada na existência de fortes poderes territoriais. Aqui destaca o papel desempenhado pelos *castella* tardo-antigos na assimilação deste poder. A existir uma primeira fortificação na Ateanha, poderia estar associado a este tipo de poder patente durante estes séculos. Perante o abandono das cidades, ou a perda do seu carácter urbano a partir de 550 (QUIRÓS CASTILLO, 2006, 61-62).

Por outro lado, estando esta região localizada a sul de Coimbra, que tem a primeira reconquista cristã em 878 por Hermegildo Guterres, a “linha” fronteiriça entre finais do século IX e o século XI, com os avanços e recuos da reconquista, pode ter contribuído para as possíveis alterações topográficas no povoamento rural. Segundo Helena Catarino, “no espaço de influência do Baixo Mondego, o povoamento rural terá continuado a estruturar-se nas anteriores povoações visigóticas, ou nas suas proximidades (CATARINO, 2002, 135). Esta autora salienta a sul de Conimbriga a presença do topónimo Alcalamouque, sugerindo “a existência de uma *qal’a*, onde podem ter estacionado tropas muçulmanas da conquista” (IBID, 136).

Se a organização rural romana se tivesse mantido estável durante os séculos subsequentes à queda do império e aos vários períodos de invasões (germânicas e muçulmanas), não haveria razões para o abandono da Várzea de Aljazedo. Mas a ocupação deste local parece apenas patenteada pelos materiais romanos-tardios e que apontam para uma ocupação até aos séculos VI - VII. Após este período, parece ter-se

verificado uma ruptura no povoamento de vale e é possível que tenha surgido a ocupação dos sítios de altura próximos, ou seja as actuais povoações de Aljazede e Ateanha, em particular a reocupação no cabeço de Ateanha cuja origem estará num povoado fortificado pré-romano. Segundo Helena Catarino “a população rural, maioritariamente autóctone, ter-se-á distribuído em pequenos núcleos de *habitat*, herdeiros de *villae* tardo-romanas, em defesas comunitárias isoladas, aproveitando os *castra* de época visigótica e em penhascos rochosos (IBID, 142).

Neste contexto e apenas como complemento a esta dinâmica dada durante a Reconquista, poderei destacar o topónimo Chão de Ourique, que visto não estar fechado o debate quanto à localização da batalha com o mesmo nome, ocorrida em 1139, e associando o local a um achado isolado de uma espada (informação oral), este facto não deverá ser negligenciado. José Mattoso não defende a interpretação tradicional de situar a Batalha de Ourique na vila que hoje tem o mesmo nome situada a sul de Beja e de Castro Verde. “A batalha deu-se numa região que os cronistas do século XII mal sabiam identificar e que por isso designaram como a campina de Ourique, vasta região da transumância bem para além do Tejo” (MATTOSO, 2006, 117-118). Por não ter mais informações quanto a este assunto deixo também este ponto como uma perspectiva de investigação.

Não tendo muitas informações quanto ao período Alto-Medieval, poderei indicar as vias como as principais transmissões efectuadas do período anterior. Tal como refere Helena Catarino, “quando os Árabes chegaram à Península Ibérica encontraram, pois, uma boa rede viária deixada pelos Romanos, a qual se manteve como eixo principal de comunicações, quase sempre sem grandes alterações nos séculos seguintes. Mas a criação de novos núcleos urbanos e o desenvolvimento rural, assim como a necessidade de escoamento de produtos para as cidades, determinaram a construção de novas estradas e caminhos secundários que continuaram a ser utilizados mesmo muitos séculos depois da Reconquista” (CATARINO, 1997/98, 665). Os novos núcleos rurais, essencialmente formados por aldeias, tornam-se assim factores determinantes para a evolução do parcelário agrícola correlacionado com eixos viários, que são herdados do parcelário já existente nos *fundi* das *villae* durante o período Tardo-Romano.

No vale do rio Dueça identifiquei também um povoamento bastante disperso que se relaciona directamente com o tipo de organização parcelar e a morfologia do vale. Embora não detenha informações sobre a continuidade da *villa* de S. Simão durante o período Alto-Medieval e não tendo conseguido realizar uma prospecção em condições que possa avançar para este tipo de conclusões, é bastante provável que à semelhança de outras *villae* esta também tenha mantido ocupação não só durante a Antiguidade Tardia mas ainda se mantendo ocupada até à actualidade conforme patenteia a localização da capela directamente assente sobre as ruínas romanas.

8. Conclusão

Nesta dissertação de mestrado procurei um estudo dinâmico da leitura da paisagem, a integração do povoamento neste espaço escolhido como temática arqueológica e as continuidades e descontinuidades dadas no preenchimento ocupacional desta área. Tal como referi, o meu intuito não foi balizar em termos cronológicos este objecto de estudo, mas ter uma visão abrangente dos sítios contribuindo para uma análise global deste.

Os dados obtidos neste estudo são o fruto, no global, dos resultados das prospecções, tanto extensivas como intensivas da área escolhida para investigação. De forma a obter uma amostra direccionada do local de estudo e contribuir para o complemento das lacunas histórico-arqueológicas deste sítio. Os estudos, ou análises deste género podem originar uma vertente não tão completa, por me limitar apenas aos vestígios de superfície o que resulta nalgumas questões de foro tipológico. Desta forma, todo este estudo não pode ser encarado como completo, estando sempre sujeito a sucessivas mudanças e reformulações nas diversas conclusões obtidas. Estará sempre em aberto o discurso interpretativo e as propostas para futuras investigações.

Através da análise territorial, utilizando como método os polígonos de Thiessen para uma tentativa de análise territorial dos *fundus* das três *villae*, verifiquei que a área de estudo durante os séculos IV e V se encontrava inserida no território da *villa* de S. Simão e incluindo-se na área de influência da *civitas* de Conimbriga. Mas realço também a proximidade desta área como zona de fronteiras entre o conjunto das *villae*.

Nesta análise global não pude deixar de referir a importância que as vias tiveram no desenvolvimento deste território, principalmente a via que ligava *Olisipo-Bracara* e que atravessava a Várzea de Aljazedo e o *diverticulum* que por aqui passava em direcção a Santiago da Guarda.

Os resultados obtidos no estudo de materiais revelaram a contemporaneidade da actual Várzea de Aljazedo em relação aos Campos da Ateanha e às *villae* romanas do Rabaçal, S. Simão e Santiago da Guarda. Para além desta datação sincrónica destes

vários sítios, avancei com três possibilidades tipológicas para o primeiro. A Várzea de Aljazedo pode ter-se tratado de uma pequena propriedade agrícola, um pequeno casal, ou constituída por pequenos sítios rurais pertencentes à *villa* de S. Simão. Estes determinados pelos materiais de construção associados a cerâmicas comuns e que se distribuem de forma aglomerada em certos sítios do vale.

Esta poderia também tratar-se de uma *mutatio*, devido à sua implementação num local de conjugação de diversas vias, e pela sua proximidade a uma *mansio* indicada por Vasco Gil Mantas e que se poderia localizar neste vale.

Por fim, poderei também associar este local a um aglomerado com importantes funções industriais e de escoamento de produtos, relacionado com a presença do peso de lagar e pela grande dispersão de escória ao longo desta área.

Avançadas as conclusões quanto às possibilidades tipológicas deste local, balizei em termos cronológicos o período de ocupação deste sítio entre os séculos IV e meados dos séculos VI/VII, propondo o abandono deste vale em termos ocupacionais a partir deste período. Tendo em conta os topónimos de Aljazedo e da Ateanha de origem germânica, se poderem reportar à ocupação suevo/visigótica nesta região, este vale pode ter sido desocupado em detrimento destes locais de altura, menos expostos ao período agitado que se segue.

Tudo me leva a crer e pelos vestígios encontrados que apontam para uma cronologia entre os séculos IV e VI/VII, que após este período o vale tenha sido abandonado em favor de sítios menos expostos, eventualmente a partir da transição da Antiguidade Tardia/Alta Idade Média, se considerarmos a hipótese de estes topónimos de origem germânica se reportarem à ocupação suevo/visigótica nesta região.

Durante esta fase alto-medieval existe uma manutenção das antigas vias romanas que já tinham sido transmitidas através dos caminhos indígenas. Através da análise da morfologia rural, verifiquei a continuidade e influência que estas vias devem ter assumido no desenvolvimento do parcelário, esta intervenção está ainda patente nos dias de hoje com uma organização agrícola em volta destas antigas vias. Para o

vale do rio Dueça verifiquei que a dinâmica se estabeleceu em volta de factores naturais, tais como a presença do rio que atravessa este vale.

A dinâmica ocupacional mantém-se ainda nas povoações da Ateanha e Aljazedo, e também no local da *pars urbana* da *villa* do vale do rio Dueça, actual S. Simão e a localização da capela por cima das ruínas. Na Várzea de Aljazedo o povoamento foi interrompido, mas manteve-se a ocupação e exploração dos campos agrícolas, que provavelmente foi ininterrupta desde os tempos romanos, atestado pelos materiais modernos e contemporâneos.

Tal como referi, este é um livro deixado em aberto, havendo temáticas e antigas lacunas tal como a ocupação romana inicial e a época altomedieval, que apesar do contributo deste estudo não foram totalmente preenchidas e que necessitarão de uma futura investigação. Também não era o meu objectivo chegar a conclusões ou leituras definitivas, mas apresentar alguns traços deste povoamento e levantar algumas questões que poderão ser analisadas por mim num trabalho futuro ou por outros investigadores.

Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de, 1974 - *Portugal Romano*, Verbo, Lisboa
- ALARCÃO, Jorge de, 1974 – *Cerâmica Comum Local e Regional de Conímbriga*, Suplemento de Biblos, 8, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra
- ALARCÃO, Jorge de, 1988 - *O Domínio Romano em Portugal*, Vol.2, Fasc. 2, Publicações Europa-América, Lisboa
- ALARCÃO, J., ÉTIENNE, R. e MAYET, F., 1990 – *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Vol. 1, E. de Boccard, Paris
- ALARCÃO, Jorge de, 1995 - “Aglomerados urbanos secundários de Entre Douro e Minho”, *Biblos*, 71, p.387-401
- ALARCÃO, Jorge de, 1998 - “A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal”, *Conimbriga*, XXXVII, p.89-119
- ARNAUT, Salvador Dias, 1939 – “Ladeia e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique, *XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Coimbra
- ARNAUT, Salvador Dias, 1957 – “*Novas achegas para a história da Ladeia*”, XXIII Congresso Luso-Espanho, 7ª Secção (Coimbra 1956)
- ARNAUT, Salvador Dias, 1982 – “*O castelo do Germanelo*”, *Anais Academia Portuguesa da História*, Vol. 28, p. 231-256
- BANGO GARCÍA, Clara, LÓPEZ QUIROGA, Jorge, 2004 – “*Los edificios de culto como elemento morfogenético de transformación del paisaje rural en la Antigüedad Tardía y la Edad Media*”, *Cuadernos de PreHistoria y Arqueología*, Universidad Autónoma de Madrid
- BARROCA, Mário Jorge, 1994 – *Do castelo da Reconquista ao Castelo Românico (Séc. IX a XII)*, Comissão Portuguesa de História Militar, Lisboa
- CARVALHO, José, 1996 - *Espinhal 800 anos de História*, Câmara Municipal de Penela
- CARVALHO, Pedro, 2007 – *Cova da Beira Ocupação e exploração do território na época romana*, Fundão, Coimbra

- CATARINO, Helena, 1997/98 – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*. In Al-’Uliã, nº 6, 3 vols., Câmara Municipal de Loulé
- CATARINO, Helena, 2002 – “*A marca inferior em Portugal na época de Almansor: hipóteses de trabalho e os exemplos de Viseu e Coimbra*”, La Península Ibérica al filo del año 1000, Congresso Internacional Almansor y su época, Córdoba (separata)
- CHOUQUER, Gérard, 2003 – “*Crise et recomposition des objets: les enjeux de l’archéogéographie*”, Études rurales, nº 167-168, Editions de L’EHESS
- CORREIA, Virgílio Hipólito, CRUZ, Maria das Dores, 2007 – *Cerâmica Utilitária Normas de Inventário*, Instituto dos Museus e da Conservação
- CORTESÃO, Luísa, MARQUES, Rodrigo, TRINDADE, Luísa, 2006 – “*Um sedimento, uma ruína, um projecto O paço dos Vasconcelo, em Santiago da Guarda*”, Revista Monumentos, 25, Lisboa, p. 214-225
- COSTA, Avelino, RODRIGUES, Manuel, 1999 – *Livro Preto Cartulário da Sé de Coimbra*, Arquivo da Universidade de Coimbra, Coimbra
- COUTINHO, José Eduardo Reis, 1986 – *Ansião. Perspectiva global da Arqueologia, História e Arte da Vila e do Concelho*, Coimbra
- COUTINHO, José Eduardo Reis, 1988 – “*Jóia Arquitectónica Manuelina em Santiago da Guarda*”, Munda, 15, GAAC, Coimbra
- COUTINHO, José Eduardo Reis, 1990 – *Qualificação histórica da Antiga Estrada Real de Coimbra*, Coimbra (policopiado)
- COUTINHO, José Eduardo Reis, 1995 - *Qualificação Histórica da antiga estrada real de Tomar-Ansião-Coimbra*, Coimbra
- CRAVO, Manuel, FERNANDES, Luís, 2008 - *Relatório de Estágio em Arqueologia e História 2007/2008*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado)
- CRAVO, Manuel, Fernandes, Luís, 2008 – *Trabalho de seminário em Arqueologia e História 2007/2008*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado)

- CRIADO BOADO, Felipe, 1999 – *Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje*, CAPA 6. Criterios y convenciones en arqueología del paisaje, Universidad de Santiago de Compostela
- CUNHA, Lúcio, 1990 – *As Serras Calcárias de Condeixa-Sicó-Alvaiázere – Estudo de Geomorfologia*, Coimbra
- DE MAN, Adriaan, 2004 – “*Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense*”, Revista Portuguesa de Arqueologia, volume 7, número 2, p. 459-471
- DE MAN, Adriaan, 2004 – *Conimbriga Tardo-Antiga*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, área de especialização em Arqueologia Regional, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Policopiado)
- ENCARNAÇÃO, José d', MONTEIRO, António J. Nunes, 1993-1994 – “*A propósito de uma inscrição latina em Santiago da Guarda (Ansião)*”, Conimbriga, 32/33, p. 303-311
- GONZALES VILLAESCUSA, Ricardo, 2002 – *Las formas de los paisajes mediterráneos*, Universidad de Jaen
- GORGES, Jean-Gérard, SALINAS, Manuel, 1994 - *Les campagnes de Lusitanie Romaine : occupation du sol et habitats*, table ronde internationale (Salamanque, 29 et 30 janvier 1993), Casa de Velázquez,
- LOPES, Maria do Carmo Rosa, 2001 – *A flora e vegetação das Terras de Sicó*, Lisboa (policopiado)
- MACHADO, José Pedro, 1968 – *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, Sociedade de Língua Portuguesa e Círculo David Lopes, Lisboa
- MACHADO, José Pedro, 1993 – *Dicionário Onomástico etimológico da língua portuguesa*, Livros Horizonte, Lisboa (2ª Edição)
- MANTAS, Vasco Gil, 1990 – “*A rede viária do convento escalabitano*” – Sep. de las Actas del Simposio sobre La rede viária en la Hispania Romana, Zaragoza, p. 219-239
- MANTAS, Vasco Gil, 1993 – “*A rede viária romana do território português*”, História de Portugal da Pré-História aos nossos Dias, II, (Dir. João Medina), Amadora

- MANTAS, Vasco Gil, 1996 – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra (policopiado)
- MENDES, Catarina, 2008 - *Dinâmica de povoamento da área de Alvaiázere: da pré-história à alta Idade Média*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra (policopiado)
- MATTOSO, José, 2006 – *D. Afonso Henriques*, Círculo de Leitores e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Lisboa
- OLIVEIRA, P. Miguel de, 1950 – *As paróquias rurais portuguesas sua origem e formação*, Lisboa
- PESSOA, Miguel, 1998 – *Villa Romana do Rabaçal um objecto de arte na paisagem*, Câmara Municipal de Penela
- PESSOA, Miguel, 2000 – *Villa Romana do Rabaçal Um centro na periferia?*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra
- PESSOA, Miguel, RODRIGO, Lino, SANTOS, Sandra, 2001 – *Roteiro Rabaçal Aldeia Cultural*, Câmara Municipal de Penela
- PESSOA, Miguel, VICENTE, Sónia, 2004 - “Relatório das escavações arqueológica da vila romana de S. Simão 2004”
- PESSOA, Miguel, 2005 – “*Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território da civitates de Aeminium e de Conimbriga, Portugal*, Revista Portuguesa de Arqueologia, Volume 8, nº2, 2005, p. 363-401
- QUIRÓS CASTILLO, Juan, 2006 – “*La génesis del paisaje medieval en Álava: la formación de la red aldeana*”, Arqueología y Territorio Medieval, ISBN 1134-3184, Nº 13.1, 2006, pags. 49-94
- ROBERT, SANDRINE, 2003 – “*Comment les formes du passé se transmettent-elles ?*”, Études Rurales, nº 167-168, Éditions de l’EHESS
- SAA, Mário, 1959 : *As Grandes Vias da Lusitânia o Itinerário de Antonino Pio*, Vol.II, 1959, p.195
- VIEIRA, Marina Afonso, 2004 – *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*, Trabalhos de Arqueologia, 36, M.C./IPA, Lisboa

Anexo I

Fichas de Campo

Fichas de Campo

Parcela nº	1
------------	---

Data	11-12-2009
------	------------

Localização Geográfica

X	550695
---	--------

Y	4425670
---	---------

Z	250
---	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira.

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Disperso ao longo do terreno
-------------------	------------------------------

Quantificação	Materiais pouco abundantes
---------------	----------------------------

Visibilidade	Visibilidade limitada pela vegetação
--------------	--------------------------------------

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum, materiais de construção, peso de lagar já referido em bibliografia anterior
-------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, medieval?
---------------------------	-------------------

Estruturas	Antigo poço, pequena pia, antigo poste de electricidade e sebes divisórias de propriedade
------------	---

Observações	No ano de 2008 sensivelmente no dia 11 de Agosto quando visitei o local pela primeira vez no contexto do seminário da licenciatura de Arqueologia e História, este apresentava algumas <i>tegulae</i> , bastantes materiais de construção e cerâmica comum. Deve relacionar-se com a visibilidade, que neste dia está indicada como bastante boa.
-------------	---

Fichas de Campo



Imagem 1 - Antigo Poço



Imagem 2 - Peso de Lagar

Fichas de Campo

Parcela nº	2
------------	---

Data	11-12-2009
------	------------

Localização Geográfica

X	550735
---	--------

Y	4425669
---	---------

Z	256
---	-----

Contexto Geomorfológico

Parcela agricultada

Contexto Hidrológico

Poço antigo entre o limite deste campo e parcela nº 1

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
-------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Razoável
--------------	----------

Descrição dos Materiais	Cerâmica e materiais de construção
-------------------------	------------------------------------

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
---------------------------	-------------------

Estruturas	Poço
------------	------

Observações	Pequena parcela com por volta de 3 m quadrados e que se encontrava agricultada neste dia.
-------------	---

Fichas de Campo



Imagem 3 - Pia localizada na parcela nº 2



Imagem 4 – Vista Geral da Várzea de Aljazedo

Fichas de Campo

Parcela nº	3
------------	---

Data	11-12-2009
------	------------

Localização Geográfica

X	550739
---	--------

Y	4425688
---	---------

Z	258
---	-----

Contexto Geomorfológico

Plantação de vinhas, algumas oliveiras e vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	
-------------------	--

Quantificação	Não foram encontrados materiais
---------------	---------------------------------

Visibilidade	Razoável
--------------	----------

Descrição dos Materiais	
-------------------------	--

Classificação Cronológica	
---------------------------	--

Estruturas	Não existem estruturas
------------	------------------------

Observações	Na prospecção de 2008 este campo apresentava um aspecto completamente diferente do actual. Havia uma abundância de materiais à superfície. Foram encontrados nesta zona durante a prospecção de 2008 bastantes materiais de construção, <i>tegulae</i> e inúmeros fragmentos de cerâmica comum.
-------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	4
------------	---

Data	11-12-2009
------	------------

Localização Geográfica

X	550774
---	--------

Y	4425659
---	---------

Z	257
---	-----

Contexto Geomorfológico

Manto de vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Poço de pequenas dimensões

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
-------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Reduzida
--------------	----------

Descrição dos Materiais	Alguma cerâmica de construção, cerâmica comum
-------------------------	---

Classificação Cronológica	Tardo-romano?
---------------------------	---------------

Estruturas	Poço
------------	------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	5
------------	---

Data	11-12-2009
------	------------

Localização Geográfica

X	550814
---	--------

Y	4425686
---	---------

Z	257
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado com oliveiras ao longo deste
--

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Mais concentrados na zona central deste terreno
--------------------------	---

Quantificação	Grande número de materiais
----------------------	----------------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Muita Cerâmica comum, nomeadamente asas, bordos e fundos.
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval, Moderno?
----------------------------------	----------------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	6
------------	---

Data	11-12-2009
------	------------

Localização Geográfica

X	550758
---	--------

Y	4425698
---	---------

Z	260
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de plantação de oliveiras, pequeno declive no início da encosta

Contexto Hidrológico

Pequeno poço

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Materiais mais abundantes junto à parcela 7
-------------------	---

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Boa
--------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum
-------------------------	----------------

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
---------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
------------	-------------

Observações	No local mais alto desta parcela encontram-se alguns aglomerados de pedras, que devem estar ligados à limpeza dos terrenos. Na prospecção de 2008 o número de materiais era mais abundante.
-------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	7
------------	---

Data	11-12-2009
------	------------

Localização Geográfica

X	550779
---	--------

Y	4425707
---	---------

Z	260
---	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Poço, revelando mais uma vez a riqueza hidrológica desta várzea

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
-------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Quase nula
--------------	------------

Descrição dos Materiais	Materiais de construção, fundos semelhantes aos que apareceram na parcela 5, bordos, asas.
-------------------------	--

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
---------------------------	-------------------

Estruturas	Poço
------------	------

Observações	Também em 2008 esta área foi estudada, mas nesse momento foram encontrados bastantes materiais de construção e muito cerâmica comum, facto que se deve relacionar com o terreno se encontrar lavrado durante o momento de prospecção.
-------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	8
------------	---

Data	22-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550683
---	--------

Y	4425707
---	---------

Z	260
---	-----

Contexto Geomorfológico

Este terreno encontra-se num pequeno declive, com vegetação rasteira
--

Contexto Hidrológico

Na zona próxima do cabeço verificamos a existência de um antigo poço de grandes proporções
--

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Materiais ao longo da parcela
--------------------------	-------------------------------

Quantificação	Pouca abundância de materiais
----------------------	-------------------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Materiais de construção (<i>tegulae</i>), cerâmica comum, bordos, cerâmica alaranjada fina e cerâmica fina cinzenta, faianças
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval, Contemporâneo?
----------------------------------	----------------------------------

Estruturas	Antigo poço
-------------------	-------------

Observações	Neste dia ao contrário do último dia de prospecção, foram utilizados quatro prospectores e não dois, mas o método manteve-se igual. Havendo uma distribuição regular de 2 prospectores por parcela.
--------------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	9
------------	---

Data	22-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550727
---	--------

Y	4425615
---	---------

Z	256
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terrenos cobertos por oliveiras

Contexto Hidrológico

Não há

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
-------------------	---------------------

Quantificação	Alguns materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Boa visibilidade
--------------	------------------

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum (bordos e arranques de asas) e materiais de construção tais como <i>tegulae</i> . Predomina a cerâmica alaranjada
-------------------------	--

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
---------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
------------	-------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	10
------------	----

Data	22-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550646
---	--------

Y	4425561
---	---------

Z	264
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno agricultado, mas na sua zona mais a noroeste encontram-se pequenos montículos de pedra.

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
-------------------	---------------------

Quantificação	Alguns materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Boa
--------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica de construção e cerâmica comum
-------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
---------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
------------	-------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	11
------------	----

Data	22-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550674
---	--------

Y	4425540
---	---------

Z	261
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno agricultado, alguma vegetação rasteira
--

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
-------------------	---------------------

Quantificação	Alguns materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Normal
--------------	--------

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum e materiais de construção, grande concentração de escória, líticos (pequenas lamelas).
-------------------------	---

Classificação Cronológica	Pré-História, Romano, Medieval?
---------------------------	---------------------------------

Estruturas	Pequena cabana na parte frontal à estrada, sebes limitadoras de terreno
------------	---

Observações	Escória numa área por volta dos 50 m ²
-------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	12
------------	----

Data	22-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550614
---	--------

Y	4425543
---	---------

Z	159
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno coberto por plantação de vinhas

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo do terreno
-------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Boa
--------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum
-------------------------	----------------

Classificação Cronológica	Medieval?
---------------------------	-----------

Estruturas	Não existem
------------	-------------

Observações	Informação oral sobre a existência de uma epígrafe que se encontrava nos muros do campo 1
-------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	13
------------	----

Data	22-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550606
---	--------

Y	44255529
---	----------

Z	261
---	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira e plantação de oliveiras

Contexto Hidrológico

Não há

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo do terreno
-------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Má
--------------	----

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum e materiais de construção
-------------------------	--

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
---------------------------	---------------------

Estruturas	Não existem
------------	-------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	14
------------	----

Data	22-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550645
---	--------

Y	4425518
---	---------

Z	259
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado, algumas oliveiras ao longo da parcela
--

Contexto Hidrológico

Não há

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo do terreno
-------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Boa
--------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica de construção e cerâmica comum (bordos), escória
-------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
---------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
------------	-------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	15
------------	----

Data	22-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550572
---	--------

Y	4425478
---	---------

Z	261
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado com oliveiras

Contexto Hidrológico

Não há

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
-------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Boa
--------------	-----

Descrição dos Materiais	Escassos fragmentos cerâmicos
-------------------------	-------------------------------

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
---------------------------	---------------------

Estruturas	Não existem
------------	-------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	16
------------	----

Data	12-01-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550559
---	--------

Y	4425478
---	---------

Z	261
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado com algumas oliveiras

Contexto Hidrológico

Não há

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	0
-------------------	---

Quantificação	Não foram encontrados materiais
---------------	---------------------------------

Visibilidade	Boa
--------------	-----

Descrição dos Materiais	
-------------------------	--

Classificação Cronológica	
---------------------------	--

Estruturas	Pequena cabana
------------	----------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	17
------------	----

Data	11-03-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550912
---	--------

Y	44257741
---	----------

Z	257
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno com oliveiras, suave encosta

Contexto Hidrológico

Pequeno tanque, 50 por 50 cm

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Materiais relacionados com terreno 5
-------------------	--------------------------------------

Quantificação	Escassos materiais
---------------	--------------------

Visibilidade	Razoável
--------------	----------

Descrição dos Materiais	Bordos, cerâmica comum e de construção (<i>tegulae</i>)
-------------------------	---

Classificação Cronológica	Período Romano, Medieval
---------------------------	--------------------------

Estruturas	Muros divisores de propriedades
------------	---------------------------------

Observações	Aglomerado de pequenas rochas no final da inclinação, na zona mais alta desta parcela
-------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	18
------------	----

Data	11-03-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	561001
---	--------

Y	4425755
---	---------

Z	257
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado, com algumas oliveiras, terreno remexido
--

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Materiais dispersos ao longo da parcela
--------------------------	---

Quantificação	Alguns materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa visibilidade
---------------------	------------------

Descrição dos Materiais	Material de construção, asas, bordos, cadinhos de escória ao longo do terreno
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Muros divisores de propriedade
-------------------	--------------------------------

Observações	Possível relação com terreno 5
--------------------	--------------------------------

Fichas de Campo

Parcela nº	19
------------	----

Data	11-03-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	351064
---	--------

Y	4425809
---	---------

Z	255
---	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno com erva rasteira, presença de oliveiras na zona sul do terreno

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Materiais ao longo da parcela
-------------------	-------------------------------

Quantificação	Número reduzido de materiais
---------------	------------------------------

Visibilidade	Razoável
--------------	----------

Descrição dos Materiais	Bordos, fundos cerâmica comum, cadinhos de escória, <i>tegulae</i>
-------------------------	--

Classificação Cronológica	Romano, Medieval, Moderno?
---------------------------	----------------------------

Estruturas	Inexistentes
------------	--------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	20
-------------------	----

Data	11-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550989
----------	--------

Y	4425805
----------	---------

Z	250
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de plantação de vinhas

Contexto Hidrológico

Pequeno Poço

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Reduzida
--------------------------	----------

Quantificação	Materiais quase nulos
----------------------	-----------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Materiais de construção, cerâmica comum
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Estruturas relacionadas com plantação de vinhas
-------------------	---

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	21
------------	----

Data	11-03-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550940
---	--------

Y	4425788
---	---------

Z	258
---	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira, árvores de pequenas dimensões

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	0
-------------------	---

Quantificação	Nenhuns materiais encontrados
---------------	-------------------------------

Visibilidade	Quase nula
--------------	------------

Descrição dos Materiais	
-------------------------	--

Classificação Cronológica	?
---------------------------	---

Estruturas	Muros divisores de propriedades
------------	---------------------------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	22
-------------------	----

Data	11-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550878
----------	--------

Y	4425824
----------	---------

Z	257
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira, pinheiros

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	0
--------------------------	---

Quantificação	Não encontrei cerâmicas nesta parcela
----------------------	---------------------------------------

Visibilidade	Quase nula
---------------------	------------

Descrição dos Materiais	Escória e fósseis
--------------------------------	-------------------

Classificação Cronológica	?
----------------------------------	---

Estruturas	Sebes divisórias de terrenos
-------------------	------------------------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	23
------------	----

Data	11-03-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	5509479
---	---------

Y	4425840
---	---------

Z	258
---	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Poço de grandes dimensões

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	0
-------------------	---

Quantificação	Não foram encontrados materiais
---------------	---------------------------------

Visibilidade	Quase nula
--------------	------------

Descrição dos Materiais	
-------------------------	--

Classificação Cronológica	?
---------------------------	---

Estruturas	Duas antigas pias
------------	-------------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo



Imagem 6 - Tipo de vegetação densa



Imagem 5 - Poço e duas pias

Fichas de Campo

Parcela nº	24
------------	----

Data	11-03-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550977
---	--------

Y	4425818
---	---------

Z	256
---	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteiras

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Nula
-------------------	------

Quantificação	Não foram encontrados materiais
---------------	---------------------------------

Visibilidade	Quase nula
--------------	------------

Descrição dos Materiais	
-------------------------	--

Classificação Cronológica	?
---------------------------	---

Estruturas	Muros delimitadores de propriedade
------------	------------------------------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	25
-------------------	----

Data	11-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551071
----------	--------

Y	4425860
----------	---------

Z	256
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno com oliveiras, vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Dispersos ao longo da parcela
--------------------------	-------------------------------

Quantificação	Reduzida quantidade
----------------------	---------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Faianças, cerâmica comum, fósil
--------------------------------	---------------------------------

Classificação Cronológica	Medieval?
----------------------------------	-----------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	Caminho adjacente que finda num terreno de vinha
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	26
-------------------	----

Data	11-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	220901
----------	--------

Y	4425889
----------	---------

Z	256
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de vinhas

Contexto Hidrológico

Terreno em parte alagado (centro)

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da vinha
--------------------------	-------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	<i>Tegulae</i> , escória, cerâmica de construção e comum
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	27
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551022
----------	--------

Y	4425883
----------	---------

Z	257
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira, menos abundante perto da estrada e no início do cabeço.

Contexto Hidrológico

Não existe.

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Concentrado perto do caminho e disperso ao longo da parcela
--------------------------	---

Quantificação	Grande quantidade de materiais
----------------------	--------------------------------

Visibilidade	Reduzida na zona central e boa nos extremos
---------------------	---

Descrição dos Materiais	Bastante cerâmica de construção, cerâmica alaranjada fina
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Muro no final do terreno, no início do cabeço
-------------------	---

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	28
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551040
----------	--------

Y	4425890
----------	---------

Z	254
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno pousio, preenchido com árvores - choupal
--

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Média
--------------------------	-------

Quantificação	Razoável
----------------------	----------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Grande quantidade de materiais de construção, cerâmica comum e escória.
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	29
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551076
----------	--------

Y	4425912
----------	---------

Z	256
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Pousio

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Razoável
---------------------	----------

Descrição dos Materiais	Material de construção
--------------------------------	------------------------

Classificação Cronológica	Romano?
----------------------------------	---------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	30
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551013
----------	--------

Y	4425995
----------	---------

Z	243
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de vinha

Contexto Hidrológico

Pequeno Poço

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Materiais espalhados ao longo de toda a parcela
--------------------------	---

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Essencialmente material de construção
--------------------------------	---------------------------------------

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem.
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	31
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550979
----------	--------

Y	44259013
----------	----------

Z	248
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Presença de oliveiras com vegetação rasteira
--

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Material disperso ao longo da parcela
--------------------------	---------------------------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Mediana
---------------------	---------

Descrição dos Materiais	Cerâmica alaranjada fina (bojos) e cerâmica de construção
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Medieval, Moderno?
----------------------------------	--------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	32
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551070
----------	--------

Y	4425914
----------	---------

Z	258
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Oliveiras e vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Alguns materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Bordos, cerâmica fina alaranjada, material de construção, faianças-
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval, Moderno?
----------------------------------	----------------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	33
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551079
----------	--------

Y	4425930
----------	---------

Z	252
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de vinha

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Bastante dispersos, ao longo do terreno
--------------------------	---

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Essencialmente material de construção
--------------------------------	---------------------------------------

Classificação Cronológica	Medieval, Moderno?
----------------------------------	--------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	34
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550975
----------	--------

Y	4425921
----------	---------

Z	262
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Presença de oliveiras, vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Reduzida
--------------------------	----------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Materiais de construção, bordo com decoração digitada
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	35
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551061
----------	--------

Y	4425939
----------	---------

Z	454
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira densa

Contexto Hidrológico

Pequena bacia artificial

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Dispersão ao longo da parcela
--------------------------	-------------------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Metade do terreno com pouca vegetação
---------------------	---------------------------------------

Descrição dos Materiais	Cerâmica de construção, faiança, escória, cerâmica alaranjada
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval, Moderno?
----------------------------------	----------------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	36
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551065
----------	--------

Y	4425953
----------	---------

Z	254
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Campo de pousio e vinha

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Disperso ao longo da parcela
--------------------------	------------------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa na parte da vinha e má na parte de pousio
---------------------	---

Descrição dos Materiais	Cerâmica Comum
--------------------------------	----------------

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	37
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551030
----------	--------

Y	4425985
----------	---------

Z	261
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Oliveiras, vegetação rasteira escassa

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo do terreno
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Alguma escória concentrada na área central do terreno, cerâmica de construção.
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	38
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551124
----------	--------

Y	4425983
----------	---------

Z	256
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de plantação de vinha

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Bastante dispersos ao longo da parcela
--------------------------	--

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Material de construção, cerâmica comum, líticos e escória
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	39
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551131
----------	--------

Y	4425995
----------	---------

Z	253
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de plantação de vinha

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Maior concentração de materiais no centro
--------------------------	---

Quantificação	Alguns materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Faianças, bordos, escória
--------------------------------	---------------------------

Classificação Cronológica	Moderno?
----------------------------------	----------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	40
-------------------	----

Data	12-03-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551132
----------	--------

Y	4425995
----------	---------

Z	253
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de pousio

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Bastante disperso ao longo da parcela
--------------------------	---------------------------------------

Quantificação	Muito poucos materiais
----------------------	------------------------

Visibilidade	Razoável
---------------------	----------

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum
--------------------------------	----------------

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	41
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551328
----------	--------

Y	4426368
----------	---------

Z	268
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação alta, oliveiras junto ao cabeço

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Dispersos ao longo da parcela
--------------------------	-------------------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Má
---------------------	----

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum, alguns bordos
--------------------------------	-------------------------------

Classificação Cronológica	Medieval, Moderno?
----------------------------------	--------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	42
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551344
----------	--------

Y	4426493
----------	---------

Z	266
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado, com presença de vinhas

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Pouca dispersão, materiais quase inexistentes
--------------------------	---

Quantificação	Quase nulos
----------------------	-------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum, material de construção
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Medieval, Moderno?
----------------------------------	--------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	43
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551362
----------	--------

Y	4426543
----------	---------

Z	270
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Disperso ao longo do terreno
--------------------------	------------------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Bordo decorado, cerâmica comum
--------------------------------	--------------------------------

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	44
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	551349
----------	--------

Y	4426576
----------	---------

Z	268
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira, algumas oliveiras

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Disperso ao longo do terreno
--------------------------	------------------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum
--------------------------------	----------------

Classificação Cronológica	Moderno? Contemporâneo? Difícil de precisar
----------------------------------	---

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	45
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550835
----------	--------

Y	4425626
----------	---------

Z	268
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Pequeno poço

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Muito dispersos ao longo da parcela
--------------------------	-------------------------------------

Quantificação	Alguns materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum, escória ao longo do terreno
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	46
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550827
----------	--------

Y	4425619
----------	---------

Z	267
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado, revolvido

Contexto Hidrológico

Possível existência de um paleocanal

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Excelente
---------------------	-----------

Descrição dos Materiais	Faianças (bordos), escória, fosséis
--------------------------------	-------------------------------------

Classificação Cronológica	Moderno?
----------------------------------	----------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	Concentração de escória junto ao caminho existente
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	47
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550789
----------	--------

Y	4425648
----------	---------

Z	263
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado

Contexto Hidrológico

Nenhum

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Nula
--------------------------	------

Quantificação	Nenhuns materiais encontrados
----------------------	-------------------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	48
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550694
----------	--------

Y	4425704
----------	---------

Z	461
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Alguma vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Quase nula
--------------------------	------------

Quantificação	Pouquíssimos materiais
----------------------	------------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Poucas cerâmicas de construção
--------------------------------	--------------------------------

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	49
------------	----

Data	06-05-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550694
---	--------

Y	4425716
---	---------

Z	263
---	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação densa rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	0
-------------------	---

Quantificação	Não foram encontrados materiais arqueológicos à superfície
---------------	--

Visibilidade	Má visibilidade
--------------	-----------------

Descrição dos Materiais	
-------------------------	--

Classificação Cronológica	?
---------------------------	---

Estruturas	Não existem
------------	-------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	50
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550710
----------	--------

Y	4425696
----------	---------

Z	263
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação muito densa

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	?
--------------------------	---

Quantificação	Não foram encontrados materiais arqueológicos
----------------------	---

Visibilidade	Nula
---------------------	------

Descrição dos Materiais	
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	?
----------------------------------	---

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	Devido à vegetação ser bastante densa não pudemos prospectar esta parcela
--------------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	51
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550807
----------	--------

Y	4425583
----------	---------

Z	259
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Cobertura vegetal

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Alguns materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Escória, cerâmica comum, cerâmica verde vidrada
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Medieval, Moderno?
----------------------------------	--------------------

Estruturas	Não existentes
-------------------	----------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	52
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550807
----------	--------

Y	4425577
----------	---------

Z	260
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Espalham-se pela parcela
--------------------------	--------------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Excelente
---------------------	-----------

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum
--------------------------------	----------------

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	53
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550757
----------	--------

Y	4425596
----------	---------

Z	259
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Não apareceram materiais à superfície
--------------------------	---------------------------------------

Quantificação	0 materiais
----------------------	-------------

Visibilidade	Má
---------------------	----

Descrição dos Materiais	
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	?
----------------------------------	---

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	54
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550680
----------	--------

Y	4425692
----------	---------

Z	262
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação média e rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Alguns materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Grande quantidade de escória, cerâmica de construção, cerâmica alaranjada fina e líticos
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Predominantemente Romano ou Medieval?
----------------------------------	---------------------------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	55
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550772
----------	--------

Y	4425586
----------	---------

Z	259
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno de plantação de vinhas

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Materiais espalham-se por toda a parcela
--------------------------	--

Quantificação	Alguns materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica de construção, escoria, cerâmica comum e líticos
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano e Medieval?
----------------------------------	--------------------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	56
-------------------	----

Data	06-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550668
----------	--------

Y	4425674
----------	---------

Z	261
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Olival, vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Pequeno poço

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	Cerâmica de construção (alguns fragmentos)
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Romano?
----------------------------------	---------

Estruturas	Existência de um poço
-------------------	-----------------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	57
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550642
----------	--------

Y	4425655
----------	---------

Z	258
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado, suave encosta

Contexto Hidrológico

Pequeno poço

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Área bastante reduzida de materiais
--------------------------	-------------------------------------

Quantificação	Quase inexistentes
----------------------	--------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum
--------------------------------	----------------

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Não existem
-------------------	-------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	58
------------	----

Data	23-06-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550597
---	--------

Y	4425645
---	---------

Z	257
---	-----

Contexto Geomorfológico

Eucaliptos, árvores variadas, vegetação média

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Não foram encontrados materiais à superfície
-------------------	--

Quantificação	0 materiais
---------------	-------------

Visibilidade	Quase nula
--------------	------------

Descrição dos Materiais	
-------------------------	--

Classificação Cronológica	?
---------------------------	---

Estruturas	Pequena mesa de piquenique
------------	----------------------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	59
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550793
----------	--------

Y	4425566
----------	---------

Z	259
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado com vinhas, fundo do terreno com plantação de oliveiras

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica castanha vidrada e faianças, apresentam poucas formas
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Moderno?
----------------------------------	----------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	Terreno dividido em duas partes, uma pela plantação de vinha e outra com oliveiras
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	60
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550749
----------	--------

Y	4425558
----------	---------

Z	259
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação alta

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Não foram encontrados materiais
--------------------------	---------------------------------

Quantificação	0 materiais
----------------------	-------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	?
----------------------------------	---

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	Terreno dividido entre vegetação alta e plantação de vinha
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	61
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550744
----------	--------

Y	4425526
----------	---------

Z	260
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno com oliveiras, pequena parcela com vinhas

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo do terreno
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica comum, escória, lítico, faiança
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Romano, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	62
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550690
----------	--------

Y	4425508
----------	---------

Z	255
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno com plantação de vinhas e também plantação de milho

Contexto Hidrológico

Inexistente

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Não encontramos materiais à superfície
--------------------------	--

Quantificação	0 materiais
----------------------	-------------

Visibilidade	Razoável
---------------------	----------

Descrição dos Materiais	
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	?
----------------------------------	---

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	63
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550673
----------	--------

Y	4425482
----------	---------

Z	257
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação rasteira, com alguma densidade
--

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Não foram encontrados materiais
--------------------------	---------------------------------

Quantificação	0 materiais
----------------------	-------------

Visibilidade	Má
---------------------	----

Descrição dos Materiais	
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	?
----------------------------------	---

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	64
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550650
----------	--------

Y	4425490
----------	---------

Z	257
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno lavrado, bastante revolvido

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Poucos fragmentos de cerâmica comum
--------------------------------	-------------------------------------

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	65
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550636
----------	--------

Y	4425467
----------	---------

Z	259
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno com oliveiras, lavrado

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Cerâmica contemporânea, cerâmica comum, faiança, cerâmica de construção e vidro castanho
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	Moderno, Contemporâneo?
----------------------------------	-------------------------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	66
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550626
----------	--------

Y	4425445
----------	---------

Z	260
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Milheiral

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo do terreno
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Terreno repleto de escória, alguma cerâmica comum
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	67
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550639
----------	--------

Y	4425396
----------	---------

Z	261
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação alta

Contexto Hidrológico

Inexistente

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da parcela
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Razoável
---------------------	----------

Descrição dos Materiais	Alguma escória, cerâmica fina alaranjada, fundo
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romana, Medieval?
----------------------------------	-------------------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	68
------------	----

Data	23-06-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550645
---	--------

Y	4425362
---	---------

Z	262
---	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação muito densa

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Materiais não encontrados à superfície
-------------------	--

Quantificação	0 materiais
---------------	-------------

Visibilidade	Nula
--------------	------

Descrição dos Materiais	
-------------------------	--

Classificação Cronológica	?
---------------------------	---

Estruturas	
------------	--

Observações	Os materiais são inexistentes à superfície, devido às condições encontradas no terreno no decorrer da prospecção, a vegetação era muito cerrada, tornando quase impossível a prospecção
-------------	---

Fichas de Campo

Parcela nº	69
-------------------	----

Data	23-05-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550625
----------	--------

Y	4425357
----------	---------

Z	263
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação quase inexistente

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo do terreno
--------------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Alguns bordos e escória
--------------------------------	-------------------------

Classificação Cronológica	Difícil de precisar
----------------------------------	---------------------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	70
-------------------	----

Data	23-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	550613
----------	--------

Y	4425360
----------	---------

Z	263
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Terreno com plantação de vinhas

Contexto Hidrológico

Inexistente

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Não foram encontrados materiais à superfície
--------------------------	--

Quantificação	0 materiais
----------------------	-------------

Visibilidade	Média
---------------------	-------

Descrição dos Materiais	
--------------------------------	--

Classificação Cronológica	?
----------------------------------	---

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Fichas de Campo

Parcela nº	71
------------	----

Data	23-06-2010
------	------------

Localização Geográfica

X	550545
---	--------

Y	4425377
---	---------

Z	263
---	-----

Contexto Geomorfológico

Olival, milheiral e alguma vegetação rasteira

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo do terreno
-------------------	---------------------

Quantificação	Poucos materiais
---------------	------------------

Visibilidade	Média
--------------	-------

Descrição dos Materiais	Cerâmica decorada, escória, alguns bordos e material de construção
-------------------------	--

Classificação Cronológica	Medieval, Moderno?
---------------------------	--------------------

Estruturas	Pequena cabana em ruínas
------------	--------------------------

Observações	
-------------	--

Fichas de Campo

Exemplos da variedade de contextos geomorfológicos encontrados nesse dia



Imagem 7 - Parcela nº 57 com plantação de oliveiras



Imagem 8 - Parcela nº 58 vegetação rasteira e árvores variadas

Fichas de Campo



Imagem 9 - Parcela nº 63 terreno bastante revolvido



Imagem 10 - Parcela nº 60 repleta de vegetação média e alta

Fichas de Campo



Imagem 11 - Interior de Algar existente na Várzea de Aljazedo



Imagem 12 - Outra perspectiva do Algar

Fichas de Campo

S. Simão	Terreno a sul da Capela da N. Sra. Da Graça
----------	---

Data	24-06-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	553254
----------	--------

Y	4427898
----------	---------

Z	203
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Pequena parcela lavrada

Contexto Hidrológico

Rio Dueça que passa junto desta parcela

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Ao longo da pequena parcela
--------------------------	-----------------------------

Quantificação	Muitos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Boa
---------------------	-----

Descrição dos Materiais	Tecelas (brancas), material de construção (<i>Imbrex e tegulae</i>), cerâmica comum muito fragmentada
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano
----------------------------------	--------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	Este terreno localiza-se a sul do outro lado da estrada da capela. É provável que a <i>villa</i> se desenvolva para este lado, comprovado também pelo surgimento de tecelãs.
--------------------	--

Fichas de Campo



Imagem 13 - S. Simão Rio Dueça



Imagem 14 - Vista geral do vale do Rio Dueça

Fichas de Campo

S. Simão	Terrenos a sul da capela
----------	--------------------------

Data	14-07-2010
-------------	------------

Localização Geográfica

X	553256
----------	--------

Y	4427899
----------	---------

Z	206
----------	-----

Contexto Geomorfológico

Vegetação densa na maior parte dos terrenos, parcelas de plantação de milho, girassóis, entre outros
--

Contexto Hidrológico

Rio Dueça, pequenos poços e canais artificiais
--

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão	Bastante dispersos ao longo dos terrenos
--------------------------	--

Quantificação	Poucos materiais
----------------------	------------------

Visibilidade	Quase nula e impossível de prospectar na maioria dos terrenos
---------------------	---

Descrição dos Materiais	Antiga mó, cerâmica comum, faianças, cerâmica mais recente junto às casas
--------------------------------	---

Classificação Cronológica	Romano
----------------------------------	--------

Estruturas	Inexistentes
-------------------	--------------

Observações	Neste dia, muitos dos terrenos não puderam ser prospectados devido à vegetação alta, foi prospectado até à pequena estrada que corta o vale antes de chegar à cortada para Chão de Ourique
--------------------	--

Fichas de Campo



Imagem 15 - Exemplo de pias que foram aparecendo ao longo do vale



Imagem 16 - Rio Dueça que atravessa todo o vale

Fichas de Campo

Cabeço da Ateanha

Data 02-08-2010

Localização Geográfica

X 550056

Y 4427018

Z 396

Contexto Geomorfológico

Afloramentos rochosos e vegetação densa, poucos campos de cultivo

Contexto Hidrológico

Não existe

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão Ao longo do cabeço

Quantificação Poucos materiais

Visibilidade Má visibilidade

Descrição dos Materiais *Tegulae* (ao longo de quase todo o cabeço) e material de construção. Número quase nulo de cerâmica

Classificação Cronológica Romano, Moderno?

Estruturas Muros divisores de propriedades, antiga povoação no cimo do cabeço, casas desabitadas e destruídas

Observações A norte deste cabeço encontra-se o Juromelo, destacado na paisagem. As *tegulae* encontradas, situavam-se ao longo dos muros, ou inseridas em conjuntos de pedras derivados da limpeza de terrenos

Fichas de Campo



Imagem 17- Vista do Juromelo a partir do Cabeço da Ateanha

Fichas de Campo



Imagem 18 - Exemplo do contexto do surgimento de *tegulae*

Fichas de Campo

Campos da Ateanha (a este do cabeço da Ateanha)

Data 02-08-2010

Localização Geográfica

X 550708

Y 4426930

Z 290

Contexto Geomorfológico

Alguns terrenos lavrados e plantação de vinha e oliveiras

Contexto Hidrológico

Alguns carreiros relacionados com sistemas de rega

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão Ao longo do vale

Quantificação Poucos materiais

Visibilidade Média e por vezes nula nalguns sítios

Descrição dos Materiais Essencialmente cerâmica comum

Classificação Cronológica Romano, Medieval?

Estruturas Pequenas cabanas que servem de apoio à plantação das parcelas

Observações Este pequeno vale, foi prospectado extensivamente, apenas com o intuito de estabelecer uma relação directa com a povoação do cabeço vizinho (Ateanha) tanto em termos de povoação como de materiais

Fichas de Campo



Imagem 19 - Campos da Ateanha com vista de pedreira ao fundo

Fichas de Campo

S. Simão (sul, depois de estrada que corta vale)

Data 03-08-2010

Localização Geográfica

X 552967

Y 4427332

Z 201

Contexto Geomorfológico

Alguns terrenos lavrados (poucos), vegetação muito densa

Contexto Hidrológico

Poços, tanques, canais de irrigação, Rio Dueça

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão Pequena

Quantificação Quase nenhuns materiais

Visibilidade Nula, excepto em pequenas parcelas agricultadas

Descrição dos Materiais Essencialmente cerâmica comum

Classificação Cronológica Romano, Medieval?

Estruturas Casas que se localizam perto da estrada

Observações Vale começa a estreitar a partir desta zona, a partir de Olivais do Duque (zona mais a sul).

Fichas de Campo

S. Simão (norte da capela)

Data 04-08-2010

Localização Geográfica

X 553365

Y 4428566

Z 196

Contexto Geomorfológico

Vegetação alta e muito densa (silvas)

Contexto Hidrológico

Poços, tanques, canais de irrigação, Rio Dueça

Vestígios Arqueológicos

Área de Dispersão Difícil de precisar

Quantificação Quase nenhuns materiais

Visibilidade Nula em quase todos os sítios

Descrição dos Materiais Essencialmente cerâmica comum, escória nos terrenos perto da capela.

Classificação Cronológica ?

Estruturas Casas que se localizam perto da estrada

Observações Área impossível de prospectar devido à vegetação bastante densa

Fichas de Campo



Imagem 20 - S. Simão a norte da capela, exemplo do tipo de vegetação densa encontrada



Imagem 21 - S. Simão norte da capela, terrenos impossíveis de prospectar devido a vegetação

Anexo II

Fichas de Materiais

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	1
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada média
------------------	---------------------------

Morfologia	Alguidar? Ombros arredondados sugerem um bojo ovóide baixo e largo.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	33
-----------------------------	----

Altura	4
---------------	---

Espessura	Lábio: 1,3	Colo: 0,7	Ombro: 0,5
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada 352
--------------	-------------

Foto nº	1
----------------	---

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	É lisa e predomina a cor alaranjada, tanto no interior como no exterior.
--------------------	--

Pasta	A pasta é compacta e homogénea, apresentando a mesma cor que as superfícies.
--------------	--

Decoração	Incisa ondulada no lábio e estampilhada no ombro.
------------------	---

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Período Moderno?
----------------------------------	------------------

Observações	Destacam-se os dois tipos de decorações (incisa e brunida) na mesma peça. Estampa 2
--------------------	---

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	1
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica calcítica
------------------	--------------------

Morfologia	Pote. Bojo barrilóide, bordo em forma de aba, horizontal na sobeira, rampante no dorso.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	15
-----------------------------	----

Altura	2,4
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1,7	Colo: 1,9	Ombro: 1,7
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada 1019
--------------	--------------

Foto nº	2
----------------	---

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjada, mais escura nalgumas zonas, rugosa com pequenas inclusões de calcíte.
--------------------	---

Pasta	Pouco homogénea, pouco compacta. Inclusões de calcíte de médias dimensões.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Redutora
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-Romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 1



Foto nº 2

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	3
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Prato covo. Fundo raso, paredes evasadas quase rectas.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	120
-----------------------------	-----

Altura	2,8
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,9	Ombro: 0,5
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 632
--------------	------------

Foto nº	3
----------------	---

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjada, um pouco rugosa, com pequenos grãos de mica e feldspato. Notam-se as estrias tanto no interior como no exterior da peça.
--------------------	--

Pasta	Grosseira, com inclusões de pequenos grãos de mica e quartzo.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	3
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Forma em tronco de cone.
-------------------	-------------------------------------

Diâmetro de abertura	8
-----------------------------	---

Altura	2,5
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,6	Colo: 0,8	Ombro: 0,7
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 628
--------------	------------

Foto nº	4
----------------	---

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, mas com cor escura no interior, laranja acizentado. Inclusões de calcite e feldspato.
--------------------	--

Pasta	Bastante homogénea, de cor laranja acizentado.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romana?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 3

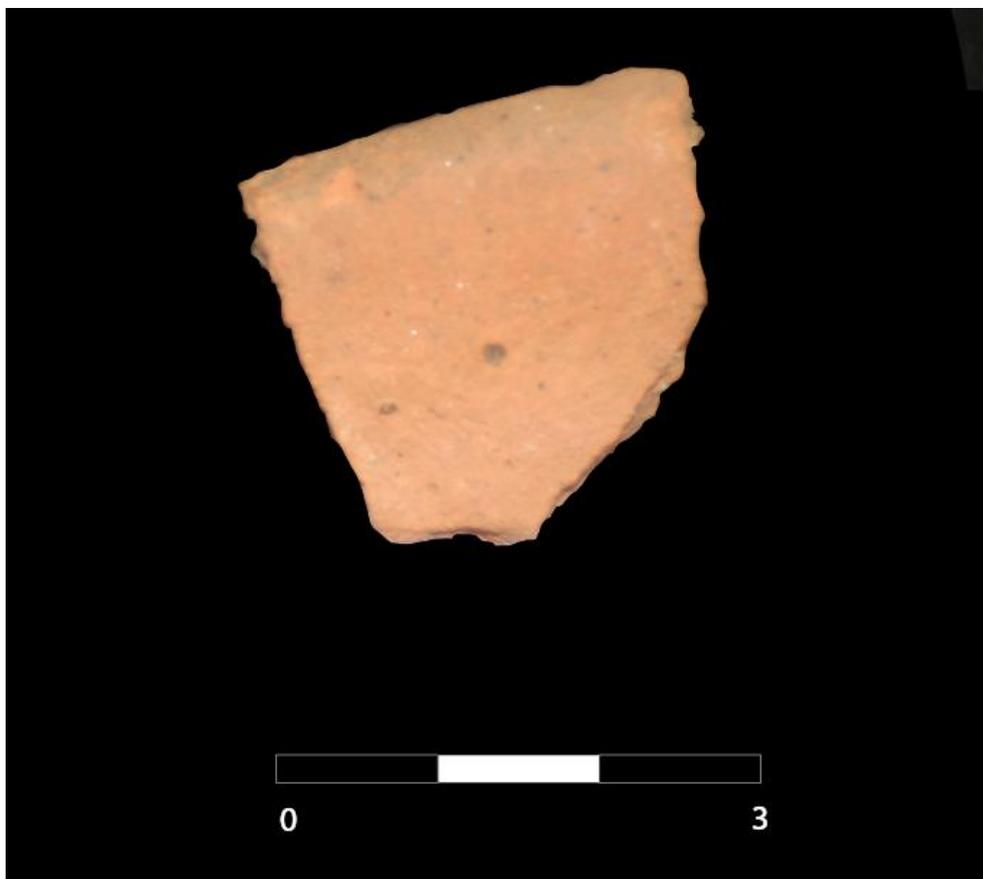


Foto nº 4

Local	Várzea de Aljazedede
--------------	----------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	3
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Copa hemisférica, assente em pé anelar, bordo engrossado em rolo.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	14
-----------------------------	----

Altura	3
---------------	---

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,5	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 611
--------------	------------

Foto nº	5
----------------	---

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, tanto no interior como no exterior, alisada, as estrias são patentes em ambas as faces. Esta é inçada de pequenos grãos de mica e feldspato
--------------------	--

Pasta	Bastante homogénea, de cor laranja escuro acizentado.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-Romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	3
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Grés
------------------	------

Morfologia	Asa de grande dimensões, provavelmente o recipiente em que esta constava, deveria ter duas asas, uma de cada lado. A asa encontra-se fragmentada a meio.
-------------------	--

Altura	6,7
---------------	-----

Espessura da asa	1,7 na zona exterior e 0,7 no interior
-------------------------	--

Forma	Asa com forma aproximada à 865
--------------	--------------------------------

Foto nº	6
----------------	---

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Alaranjadas e cobertas por pequenos grãos de feldepató e mica e alguns fragmentos de calcíte. A superfície não é alisada apresentando alguma rugosidade.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, de cor laranja acinzentado, o laranja da pasta é mais escuro que o das superfícies
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	
----------------------------------	--

Observações	O recipiente seria elaborado e posteriormente eram aplicadas as asas.
--------------------	---



Foto nº 5



Foto nº 6

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	3
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica vidrada verde
------------------	------------------------

Morfologia	Pote. Bordo revirado para fora, em forma de aba ligeiramente arqueada
-------------------	---

Diâmetro de abertura	13
-----------------------------	----

Altura	2,8
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1	Colo: 1,3	Ombro: 0,9
------------------	-----------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada, a forma deve assemelhar-se à 478.
--------------	--

Foto nº	7
----------------	---

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Vidrado verde na parte interior, o exterior também deveria conter o mesmo tipo de composição, mas encontra-se bastante desgastado.
--------------------	--

Pasta	Pasta de cor acastanhada clara.
--------------	---------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Medieval, Moderno?
----------------------------------	--------------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 7

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	4
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada média
------------------	---------------------------

Morfologia	O recipiente de que fazia parte esta asa, deveria ser um púcaro, localizando-se esta junto da abertura.
-------------------	---

Altura	
---------------	--

Espessura da asa	1,5
-------------------------	-----

Espessura do lábio	0,4
---------------------------	-----

Forma	Asa com forma aproximada à 998
--------------	--------------------------------

Foto nº	8
----------------	---

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Alaranjadas, bastante rugosas, estão patentes grãos médios e grandes de feldspato e mica e alguma calcíte.
--------------------	--

Pasta	Laranja acinzentado escuro, não muito compacta.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 8



Foto nº 7



Foto nº 8

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Depósito. Bojo barrilóide, com vertedor em forma de cano. Poderia encontrar-se na parte inferior
-------------------	--

Diâmetro	2,8
-----------------	-----

Altura	2,9
---------------	-----

Espessura	0,7
------------------	-----

Forma	Forma de vertedor semelhante à encontrada na 862.
--------------	---

Foto nº	9
----------------	---

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Cor alaranjada clara, alisada.
--------------------	--------------------------------

Pasta	Compacta de cor alaranjada.
--------------	-----------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Existe um paralelo, encontrado nas escavações realizadas na zona do anfiteatro de 2007 pelo Doutor Adriaan De Man, com o nº de Inventário GXVII 07/1251. (CRAVO, FERNANDES, 2008, 153). Estampa 3
--------------------	---

Ficha nº 9

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Copa hemisférica, bordo em forma de aba curta e horizontal.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	9
-----------------------------	---

Altura	2,6
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1	Colo: 0,5	Ombro: 0,3
------------------	-----------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 610
--------------	------------

Foto nº	10
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, alisadas, com pequenos grãos de calcite. Notam-se as estrias na superfície interna.
--------------------	--

Pasta	Pasta homogénea de cor alaranjada.
--------------	------------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 9

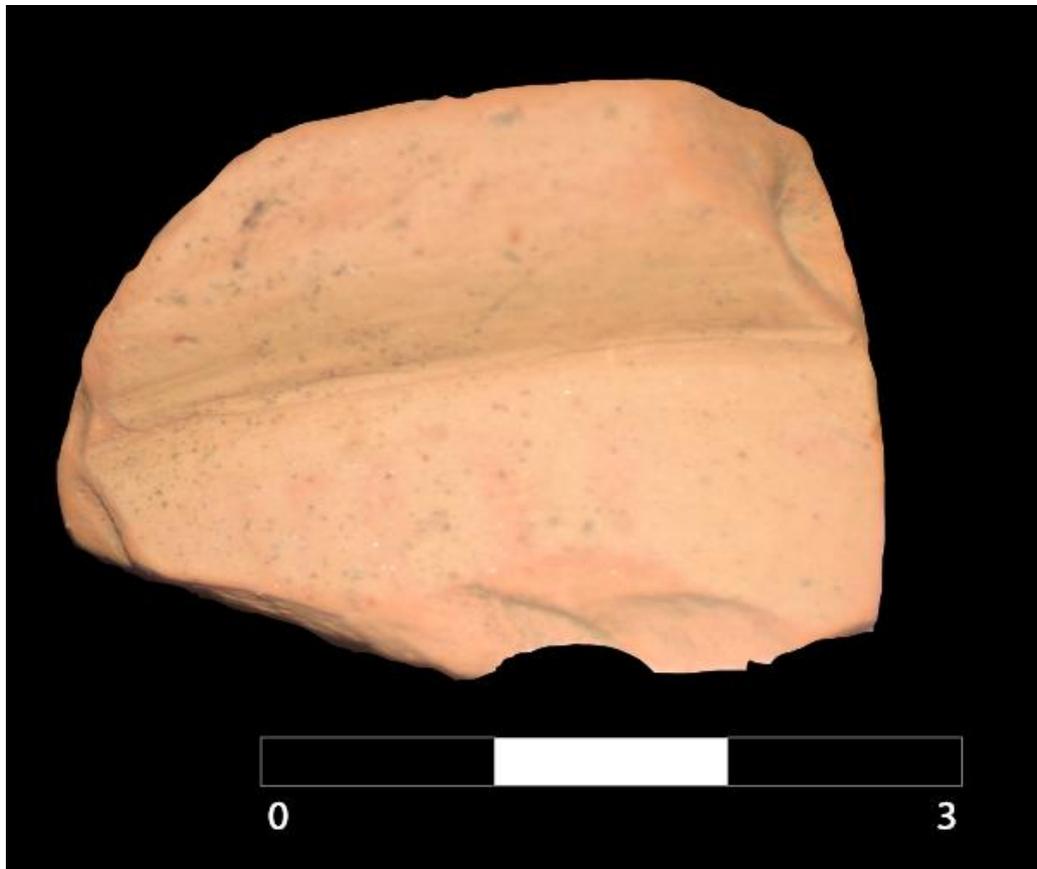


Foto nº 10

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Pratel. Fundo provavelmente raso, parede arqueada, bordo em forma de aba ligeiramente derrubada
-------------------	---

Diâmetro de abertura	14
-----------------------------	----

Altura	1,7
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,6	Colo: 0,4	Ombro: 0,3
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 629
--------------	------------

Foto nº	11
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, com pequenos grãos de feldspato e mica.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, de cor laranja acizentado.
--------------	---------------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romana
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica fina cinzenta
------------------	------------------------

Morfologia	Taça. Fundo côncavo, copa angulosa, troncocónica na parte fundeira, com colo alto e esvasado.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	9
-----------------------------	---

Altura	2,2
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,6	Colo: 0,8	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, forma do bordo semelhante à 244.
--------------	--

Foto nº	12
----------------	----

Fabrico	Molde ou torno?
----------------	-----------------

Superfícies	Rugosas, de cor cinzento claro amarelado, a cor é irregular, sendo a face exterior mais escura. Contem pequenos grãos de mica e também feldspato e calcite.
--------------------	---

Pasta	Mais escura que as superfícies e apresenta o mesmo tipo de componentes que as mesmas.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Romano?
----------------------------------	---------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 11



Foto nº 12

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Fundo raso, copa em ângulo obtuso, moldurada na articulação.
-------------------	--

Diâmetro do fundo	5
--------------------------	---

Altura	2,1
---------------	-----

Espessura da base	0,6	Espessura do bojo	0,5
--------------------------	-----	--------------------------	-----

Forma	Aberta, fundo semelhante à forma 626.
--------------	---------------------------------------

Foto nº	13
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, fundo impregnado de pequenos e grandes grãos de mica, feldspato e calcite.
--------------------	---

Pasta	Homogénea, mais escura que as superfícies
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Copa hemisférica, bordo em forma de aba curta e horizontal.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	6
-----------------------------	---

Altura	1,3
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,5	Colo: 0,4	Ombro: 0,3
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 610
--------------	------------

Foto nº	14
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas claras, inclusões de pequenos grãos de feldspato, mica e calcite.
--------------------	---

Pasta	Pasta homogénea de cor mais escura.
--------------	-------------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 13

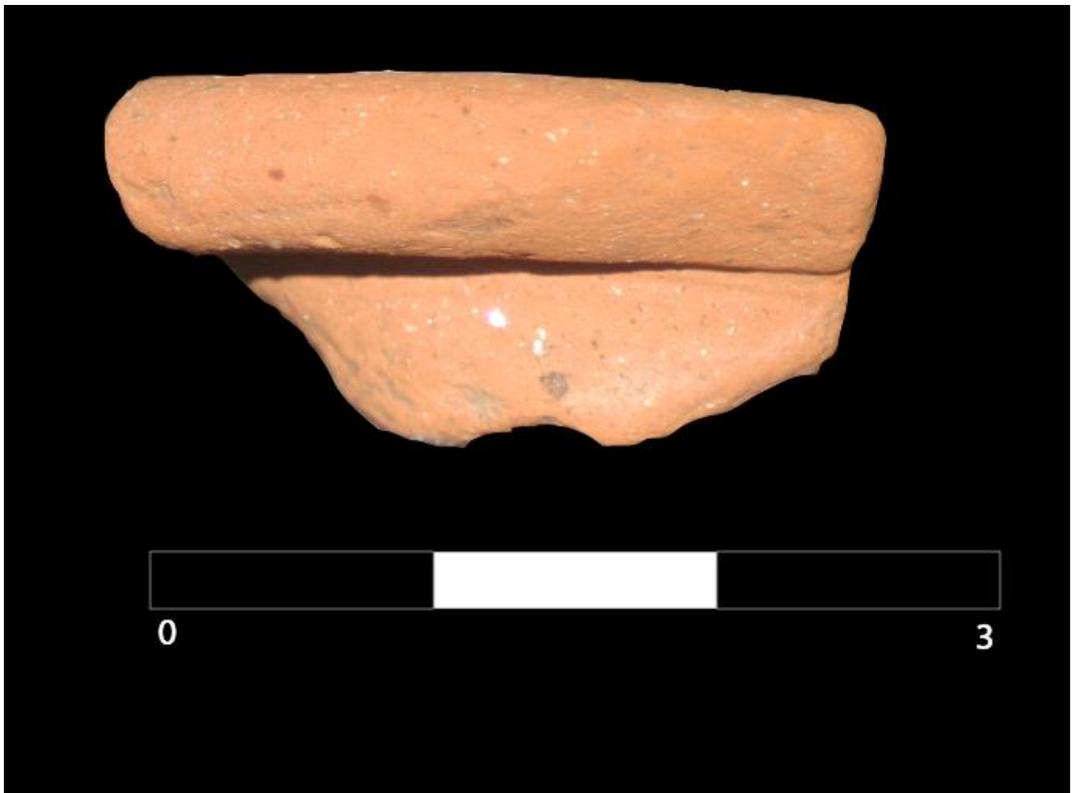


Foto nº 14

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Potinho. Bojo talvez ovóide, ombros achatados, bordo revirado para fora e horizontal.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	6
-----------------------------	---

Altura	2,9
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,2	Colo: 0,3	Ombro: 0,2
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada 511
--------------	-------------

Foto nº	15
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro e alisadas, notando-se as estrias tanto no interior como no exterior. Pequenos grãos de quartzo, que tornam a peça mais brilhante.
--------------------	--

Pasta	Pasta homogénea de cor laranja acinzentado.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Jarro. Bocal apertado, com bordo em rolo.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	2
-----------------------------	---

Altura	3,6
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,9	Colo: 0,5	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada, forma semelhante à 582.
--------------	----------------------------------

Foto nº	16
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro nas duas faces, pequenos grãos de mica e feldspato.
--------------------	---

Pasta	Homogénea de cor acinzentada.
--------------	-------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 15



Foto nº 16

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada média
------------------	---------------------------

Morfologia	Unguentário? Colo cilíndrico, bordo revirado para fora.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	4
-----------------------------	---

Altura	2,3
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,6	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, forma semelhante à 524
--------------	--------------------------------

Foto nº	17
----------------	----

Fabrico	Manual?
----------------	---------

Superfícies	Bastante rugosas, sem alisamento, de cor alaranjada e com bastantes grãos médios e pequenos de mica e feldspato.
--------------------	--

Pasta	Não homogénea, inclusões semelhantes à superfície.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano, medieval?
----------------------------------	-------------------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 17

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Bordo em forma de aba horizontal ligeiramente arqueado.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	44
-----------------------------	----

Altura	3,1
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,3	Colo: 0,6	Ombro: 0,6
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 625
--------------	------------

Foto nº	18
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro, notam-se estrias tanto no interior como no exterior da peça, pequenas inclusões de feldspato e mica, quase não visíveis a olho nu.
--------------------	---

Pasta	Homogéneas, de cor laranja acinzentado.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Estampa 1
--------------------	-----------

Ficha nº 18



Foto nº 17



Foto nº 18

Local	Várzea de Aljazedede
--------------	----------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica cinzenta fina
------------------	------------------------

Morfologia	Tigelinha. Bordo em forma de aba curta e horizontal.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	7
-----------------------------	---

Altura	2,7
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,9	Colo: 0,2	Ombro: 0,15
------------------	-------------------	------------------	--------------------

Forma	Fechada, forma de bordo semelhante a 489
--------------	--

Foto nº	19
----------------	----

Fabrico	Oxidante
----------------	----------

Superfícies	Cinzento claro alaranjado, estrias bastante evidentes nas duas faces, grãos pequenos de quartzo.
--------------------	--

Pasta	Homogénea da mesma cor que as superfícies.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Não encontrei paralelos na cerâmica fina cinzenta, encontrei sim um bordo semelhante na forma 489 da cerâmica siltosa.
--------------------	--

Ficha nº 19

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada (grosseira)
------------------	---------------------------------

Morfologia	Pote. Bojo ovóide ou barrilóide, colo e bordo na contracurva do bojo.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	7
-----------------------------	---

Altura	3,6
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1,6	Colo: 1,2	Ombro: 1,1
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada forma semelhante a 334
--------------	--------------------------------

Foto nº	20
----------------	----

Fabrico	Manual?
----------------	---------

Superfícies	Alaranjadas (ferruginosas), rugosas, impregnadas por pequenos grãos de mica e feldspato e alguma calcíte.
--------------------	---

Pasta	De cor mais escura que superfícies mas de composição semelhante
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Romana?
----------------------------------	---------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 19



Foto nº 20

Local	Várzea de Aljazedede
--------------	----------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada média
------------------	---------------------------

Morfologia	Tigela. Fundo raso, copa em ângulo obtuso, moldurada na articulação.
-------------------	--

Diâmetro do fundo	6,5
--------------------------	-----

Altura	5,4
---------------	-----

Espessura da base	0,6	Espessura do bojo	1,1
--------------------------	-----	--------------------------	-----

Forma	Aberta, fundo semelhante à 626
--------------	--------------------------------

Foto nº	21
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro, alisadas no exterior, notam-se estrias no interior.
--------------------	--

Pasta	Pasta homogénea alaranjada.
--------------	-----------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	
----------------------------------	--

Observações	Nesta parcela, foram encontrados uma série de fundos semelhantes ao descrito. Os diâmetros variam entre os 5 cm, 6 cm e 6,5 cm. A fotografia 22 representa este conjunto de fundos de forma semelhante.
--------------------	---

Ficha nº 21

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Copa em dois lanços muito desproporcionais, ambos convexos.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	20
-----------------------------	----

Altura	3,9
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1	Colo: 0,5	Ombro: 0,4
------------------	-----------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 621
--------------	------------

Foto nº	23
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro em ambas as superfícies, notam-se as estrias em ambas as faces, pequenos grãos de feldspato e mica.
--------------------	---

Pasta	Homogénea, cinzenta clara.
--------------	----------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 21



Foto nº 22



Foto nº 23

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	5
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Grés
------------------	------

Morfologia	Asa de grande dimensões, provavelmente o recipiente em que esta constava, deveria ter duas asas, uma de cada lado.
-------------------	--

Altura	7,5
---------------	-----

Espessura da asa	1,2 na zona exterior e 0,4 no interior
-------------------------	--

Forma	Asa com forma aproximada à 865
--------------	--------------------------------

Foto nº	24
----------------	----

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Laranja claro e cobertas por pequenos e médios grãos de feldespato e mica e alguns fragmentos de calcíte. A superfície não é alisada apresentando alguma rugosidade.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, de cor laranja acinzentado, o laranja da pasta é mais escuro que o das superfícies
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	Nesta parcela, foram encontradas uma série de asas semelhantes a esta, mas de diversos tamanhos, encontram-se patentes na foto nº 25.
--------------------	---

Ficha nº 23

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	6
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Copa hemisférica, bordo em forma de aba curta e horizontal.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	4,5
-----------------------------	-----

Altura	2,3
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,4	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, semelhante à forma 610
--------------	--------------------------------

Foto nº	26
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, laranja acinzentado e mais escuro na face exterior. Esta última é mais rugosa.
--------------------	---

Pasta	Bastante homogénea, laranja clara.
--------------	------------------------------------

Decoração	Alguns traços talvez não planeadas que se aproximam da decoração brunida.
------------------	---

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 24



Foto nº 24



Foto nº 25



Foto nº 26

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	6
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica calcítica
------------------	--------------------

Morfologia	Pote. Fundo raso, bojo ovóide, colo e bordo arqueados na contracurva dos ombros.
-------------------	--

Diâmetro do fundo	Difícil de precisar
--------------------------	---------------------

Altura	10,6
---------------	------

Espessura da base	1,2	Espessura do bojo	1,1
--------------------------	-----	--------------------------	-----

Forma	Fundo semelhante à forma 403
--------------	------------------------------

Foto nº	27
----------------	----

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Laranja avermelhado, próximo do castanho, a zona interna da peça tem partes cinzentas escuras. Grãos médios e grandes de calcíte, mica e feldspato. Superfícies bastante rugosas.
--------------------	---

Pasta	Nada homogénea, com grãos médios e grandes semelhante às superfícies, cor laranja acinzentado.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Uma atmosfera redutora no final da cozedura tornou algumas partes cinzentas escuras. Conserva ainda fuligem da sua exposição directa ao fogo
-----------------	--

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 25

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	7
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Pé de bolacha, copa arqueada, com moldura a marcar a raiz do bordo apurado.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	9
-----------------------------	---

Altura	6,7
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,6	Colo: 1	Ombro: 0,9
------------------	-------------------	----------------	-------------------

Forma	Fechada, semelhante à 548
--------------	---------------------------

Foto nº	28
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro em ambas as superfícies, inclusões de mica e feldspato.
--------------------	---

Pasta	Apresenta alguma homogeneidade, de cor acizentada.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

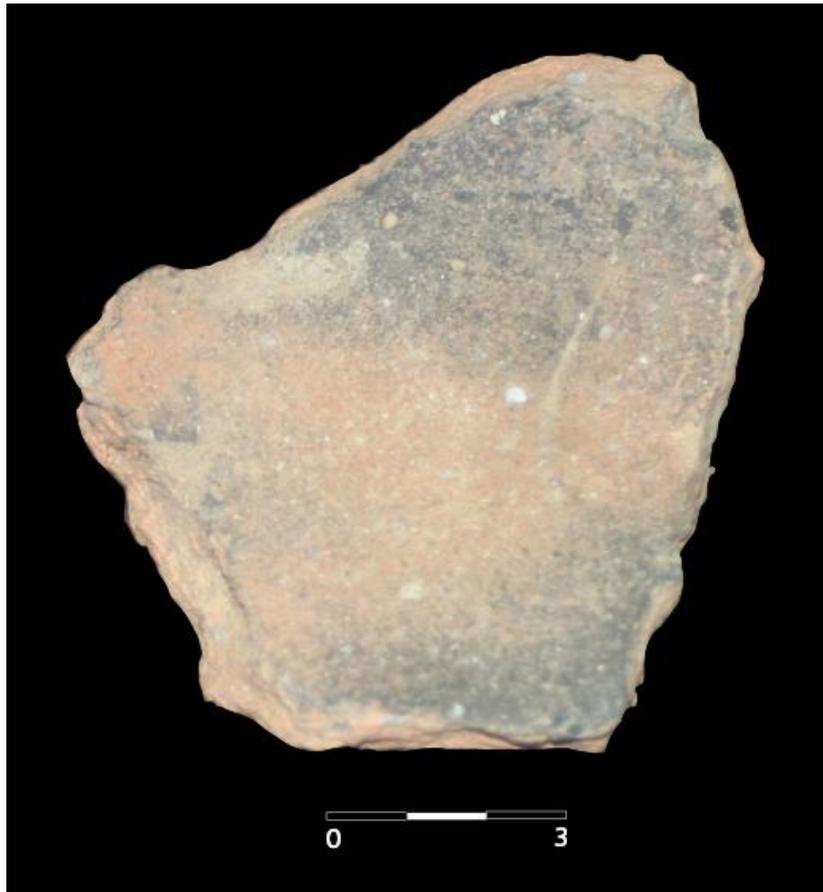


Foto nº 27



Foto nº 28

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	7
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada grosseira
------------------	-------------------------------

Morfologia	Tacho. Parede arqueada, convexa, bordo em forma de aba.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	16
-----------------------------	----

Altura	2,8
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,9	Colo: 0,9	Ombro: 0,6
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada 332
--------------	-------------

Foto nº	29
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas ferruginosas, impregnadas por pequenos grãos de quartzo e também de mica. Superfícies rugosas, sem qualquer tipo de polimento.
--------------------	--

Pasta	De cor laranja acinzentado, com grãos médios semelhantes às superfícies.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	7
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica calcítica
------------------	--------------------

Morfologia	Pote. Bojo barrilóide, bordo em forma de aba, horizontal na sobeira, rampante no dorso.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	15
-----------------------------	----

Altura	2,3
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1,1	Colo: 1,2	Ombro: 1,2
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada 1019
--------------	--------------

Foto nº	30
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjada, mais escura nalgumas zonas o que denota o contacto com fumos ou no final da cozedura, ou durante o período de utilização. Bastante rugosa com pequenas inclusões de calcíte.
--------------------	--

Pasta	Pouco homogénea, pouco compacta. Inclusões de calcíte de médias dimensões.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante/Redutora
-----------------	-------------------

Classificação cronológica	Tardo-Romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Forma semelhante à ficha nº2 (Parcela nº 1), correspondendo à imagem 2.
--------------------	---



Foto nº 29



Foto nº 30

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	7
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Hemisférica, com uma canelura a sublinhar o bordo pelo exterior.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	14
-----------------------------	----

Altura	2
---------------	---

Espessura	Lábio: 1	Colo: 0,7	Ombro: 0,4
------------------	-----------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 545
--------------	------------

Foto nº	31
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, tendendo para o laranja mais escuro, pequenos grãos de feldspato e mica.
--------------------	---

Pasta	Cinzenta, bastante homogénea
--------------	------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romana?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-12-2009
-------------	------------

Parcela nº	7
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Copa sobre o hemisférico, bordo ligeiramente revirado para fora
-------------------	---

Diâmetro de abertura	15
-----------------------------	----

Altura	1,4
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,5	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, semelhante à forma 612
--------------	--------------------------------

Foto nº	32
----------------	----

Fabrico	Oxidante
----------------	----------

Superfícies	Laranja claro em ambas as superfícies, grãos minúsculos de quartzo.
--------------------	---

Pasta	Bastante homogénea de cor laranja acizentado.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 31



Foto nº 32

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-10
-------------	----------

Parcela nº	8
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica fina cinzenta
------------------	------------------------

Morfologia	Taça. Arqueada e com ligeiro esvasamento no colo.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	10
-----------------------------	----

Altura	2,1
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,3	Colo: 0,5	Ombro: 0,3
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, semelhante à 245
--------------	--------------------------

Foto nº	33
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	De cor cinzenta em ambas as superfícies, mais clara no exterior. Pequenos grãos de feldspato e mica. Notam-se estrias em ambas as faces.
--------------------	--

Pasta	De cor amarelada e bastante homogénea.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	8
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Copa em dois lanços, ambos convexos.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	15
-----------------------------	----

Altura	2,3
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,8	Colo: 0,6	Ombro: 0,5
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 547
--------------	------------

Foto nº	34
----------------	----

Fabrico	Torno rápido?
----------------	---------------

Superfícies	Laranja escuro, algumas partes pretas no interior da peça, patenteando o contacto com fumos.
--------------------	--

Pasta	Homogéneas, de cor mais escura que as superfícies
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 33



Foto nº 34

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	8
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Copa hemisférica, bordo em forma de aba curta e horizontal.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	9
-----------------------------	---

Altura	2,1
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,7	Ombro: 0,5
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 610
--------------	------------

Foto nº	35
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro amarelado em ambas as superfícies, inclusões de pequenos grãos de mica e feldspato.
--------------------	---

Pasta	Com grãos semelhantes à superfície, com alguma homogeneidade.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-Romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	9
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada média
------------------	---------------------------

Morfologia	Pote. Ombros arredondados, bordo apumado e biselado pelo lado de fora
-------------------	---

Diâmetro de abertura	25
-----------------------------	----

Altura	4
---------------	---

Espessura	Lábio: 0,8	Colo: 0,8	Ombro: 0,7
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada, forma de bordo semelhante à 357
--------------	--

Foto nº	36
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, polidas e com pequenos grãos de feldspato e mica.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, mais escura que as superfícies.
--------------	--

Decoração	Duas linhas com decoração semelhante com o brunido ao longo do bordo.
------------------	---

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 34

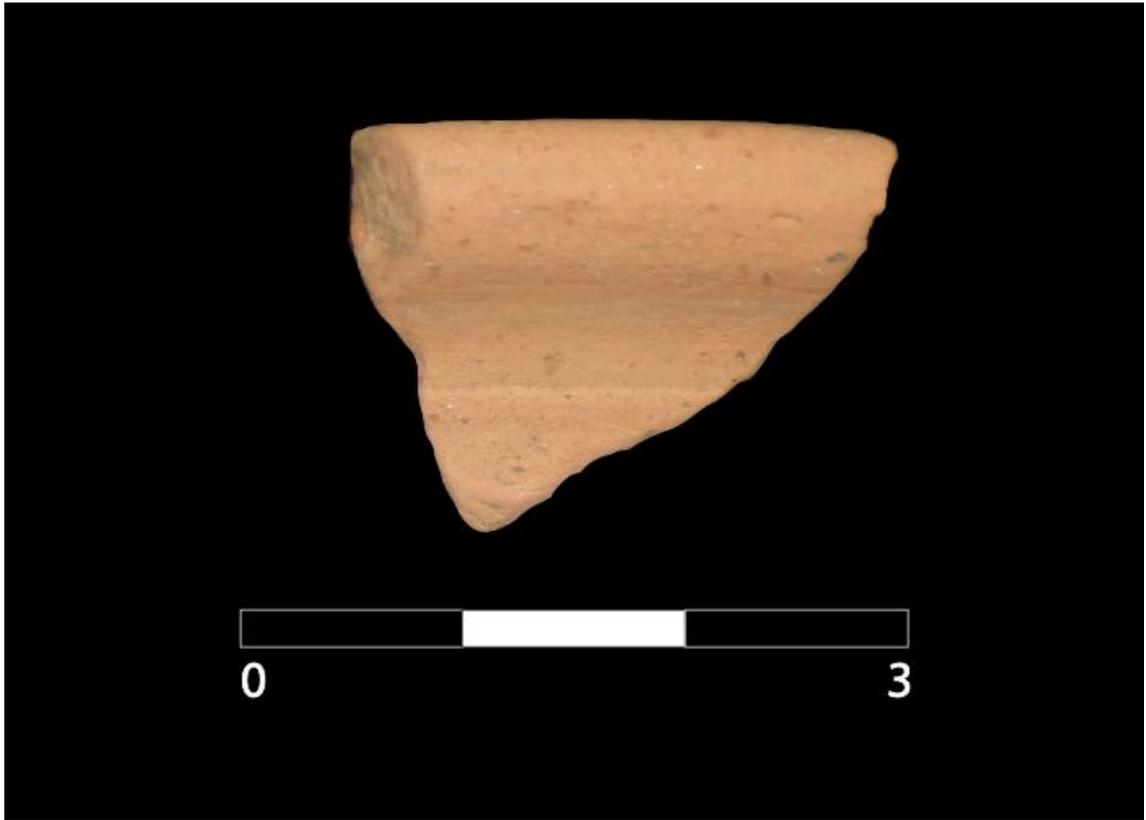


Foto nº 35

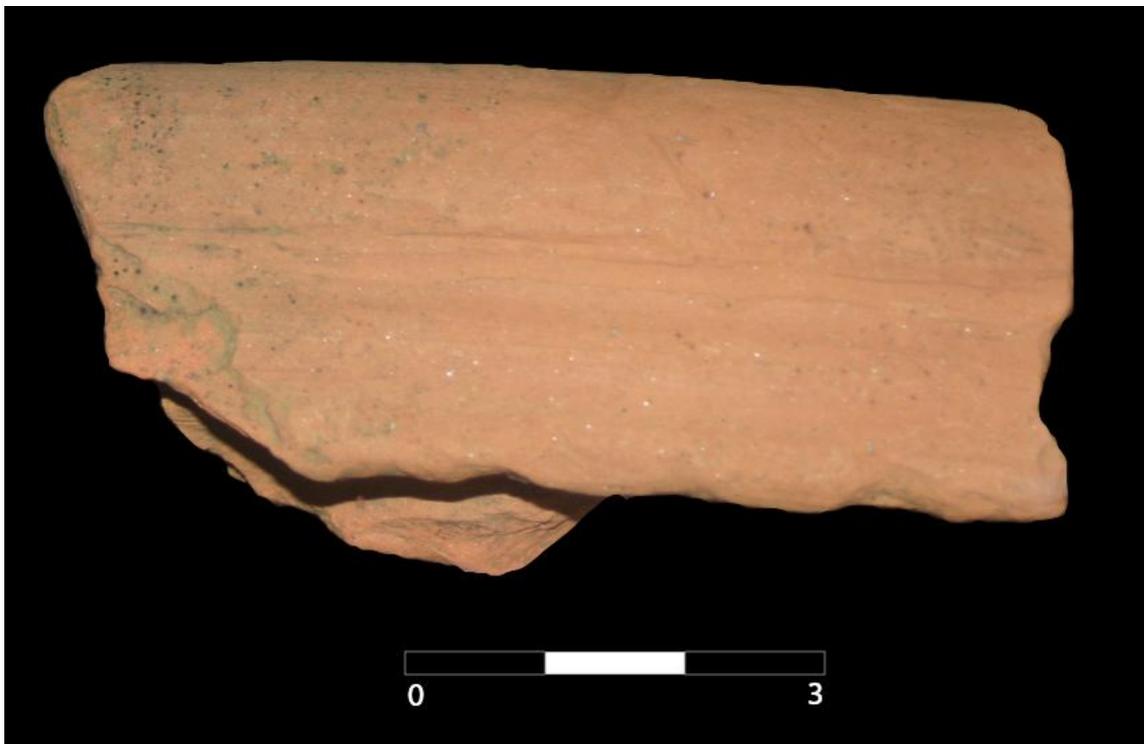


Foto nº 36

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-10
-------------	----------

Parcela nº	9
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Potinho. Bojo talvez ovóide, ombros achatados, bordo revirado para fora e horizontal.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	10
-----------------------------	----

Altura	1,6
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,2	Colo: 0,4	Ombro: 0,3
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada 511
--------------	-------------

Foto nº	37
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro em ambas as superfícies, grãos minúsculos de quartzo.
--------------------	---

Pasta	Homogénea, laranja acinzentado.
--------------	---------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	9
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Fundo raso arredondado, poderá corresponder ao fundo de uma tigelinha.
-------------------	--

Diâmetro do fundo	2
--------------------------	---

Altura	4,3
---------------	-----

Espessura da base	0,7	Espessura do bojo	0,7
--------------------------	-----	--------------------------	-----

Forma	Fundo semelhante talvez à forma 548
--------------	-------------------------------------

Foto nº	38
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, alisadas.
--------------------	------------------------

Pasta	Pasta homogénea alaranjada.
--------------	-----------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 37



Foto nº 38

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	9
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Grés (ferruginoso)
------------------	--------------------

Morfologia	Frigideira. Fundo raso, parede encurvada como popa de barco
-------------------	---

Diâmetro de abertura	21
-----------------------------	----

Altura	3
---------------	---

Espessura	Lábio: 1	Colo: 0,8	Ombro: 0,8
------------------	-----------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 716
--------------	------------

Foto nº	39
----------------	----

Fabrico	Manual?
----------------	---------

Superfícies	Alaranjadas ferruginosas, algo rugosas. Pequenos grãos de mica e de feldspato.
--------------------	--

Pasta	Com alguma homogeneidade e com inclusões de grãos semelhantes às superfícies
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	9
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Copa hemisférica, assente em pé anelar, bordo engrossado em rolo.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	14
-----------------------------	----

Altura	2,1
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,3	Ombro: 0,2
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 611
--------------	------------

Foto nº	40
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja amarelado claro nas duas faces, grãos minúsculos difíceis de ser classificados a olho nu, faces polidas.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, mais escura que as superfícies
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 39



Foto nº 40

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	9
-------------------	---

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Copa em dois lanços, ambos convexos.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	17
-----------------------------	----

Altura	2,5
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,7	Ombro: 0,6
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, bordo semelhante ao 547
--------------	---------------------------------

Foto nº	41
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, mais escura a superfície interior, alisadas, grãos minúsculos de calcite.
--------------------	--

Pasta	Homogénea de cor escura (cinzento alaranjado).
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	11
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada média
------------------	---------------------------

Morfologia	Panela. Ombros arredondados sugerem um bojo ovóide baixo e largo. Bordo em forma de rim
-------------------	---

Diâmetro de abertura	19
-----------------------------	----

Altura	2,4
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,7	Ombro: /
------------------	-------------------	------------------	-----------------

Forma	Aberta 352
--------------	------------

Foto nº	42
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas em ambas as faces, notam-se as estrias no interior, a superfície é lisa, minúsculas partículas de quartzo quase imperceptíveis.
--------------------	---

Pasta	Bastante compacta, de cor semelhante às superfícies.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

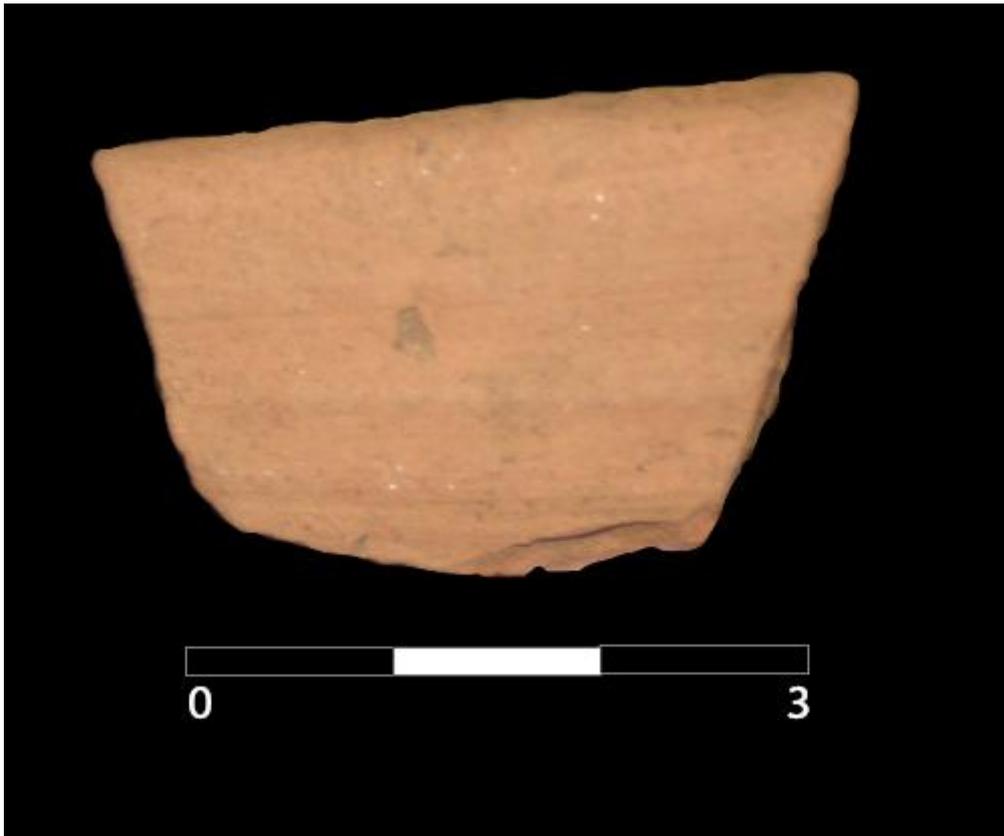


Foto nº 41

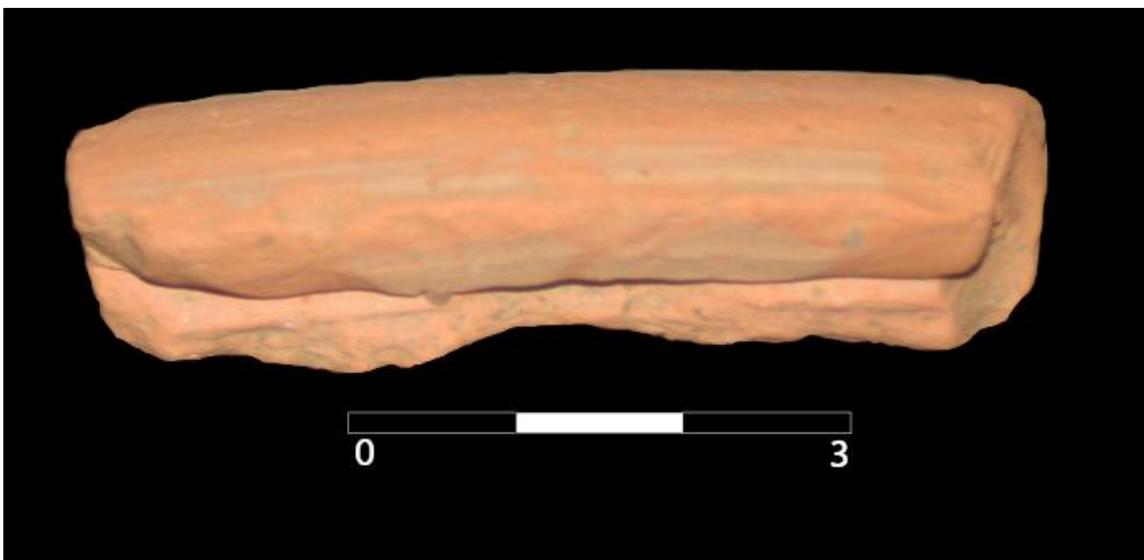


Foto nº 42

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	11
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Grés
------------------	------

Morfologia	Pote. Os ombros quase direitos, corridos por uma canelura, sugerem um perfil barrilóide. Bordo soerguido e envasado como para receber testo.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	11
-----------------------------	----

Altura	2,4
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 1	Ombro: 0,9
------------------	-------------------	----------------	-------------------

Forma	Fechada 116
--------------	-------------

Foto nº	43
----------------	----

Fabrico	Torno rápido?
----------------	---------------

Superfícies	Cinzentas amareladas, rugosas mas não muito grosseiras, pequenos grãos de feldspato e mica.
--------------------	---

Pasta	Pouco compacta, grãos médios de feldspato e mica e alguns grandes. Pasta de cor cinzento escuro
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante, mas a peça foi também sujeita a um ambiente redutor.
-----------------	--

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Apesar de considerar esta cerâmica tardo-romana, este tipo de cerâmica costuma constar na cerâmica torneada de tradição indígena.
--------------------	---

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	11
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica siltosa ou cerâmica alaranjada fina
------------------	--

Morfologia	Tigelinha. Copa correspondente a um sector mediano da esfera, bordo em forma de aba curta e horizontal.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	8
-----------------------------	---

Altura	1,7
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,5	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 489
--------------	------------

Foto nº	44
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja pálido, mais escuro na parte exterior, pequenos grãos de feldspato e mica, que torna a peça brilhante.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, com o tipo de inclusões semelhantes às superfícies.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Apesar de o bordo corresponder na íntegra à forma 489, tal como refere o Doutor Jorge de Alarcão, a distinção entre cerâmicas siltosas e alaranjadas nem sempre é fácil (ALARCÃO, 1974, 90).
--------------------	--



Foto nº 43



Foto nº 44

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	11
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada grosseira
------------------	-------------------------------

Morfologia	Pote. Ombros arredondados, colo largo, bordo amendoado.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	13
-----------------------------	----

Altura	3,3
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1,2	Colo: 1,3	Ombro: 1
------------------	-------------------	------------------	-----------------

Forma	Fechada 707
--------------	-------------

Foto nº	45
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas de cor clara, impregnadas por pequenos e médios grãos de mica e feldspato. As superfícies são de rugosidade média.
--------------------	--

Pasta	Pouco compactas, apresentando inclusões de grãos que vão desde pequenos a grandes semelhantes às superfícies.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	11
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada com engobe?
------------------	---------------------------------

Morfologia	Tacho. Paredes ligeiramente convexas, bordo em forma de aba um pouco soerguida.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	Difícil de precisar
-----------------------------	---------------------

Altura	2,3
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,5	Colo: 0,7	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 359
--------------	------------

Foto nº	46
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	As superfícies estariam cobertas por um engobe acastanhado claro, mas o fragmento encontra-se na sua grande parte descascado.
--------------------	---

Pasta	Mediamente compacta com inclusões de pequenos grãos de calcíte.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	No catálogo pertence às cerâmicas alto-imperiais.
--------------------	---



Foto nº 45

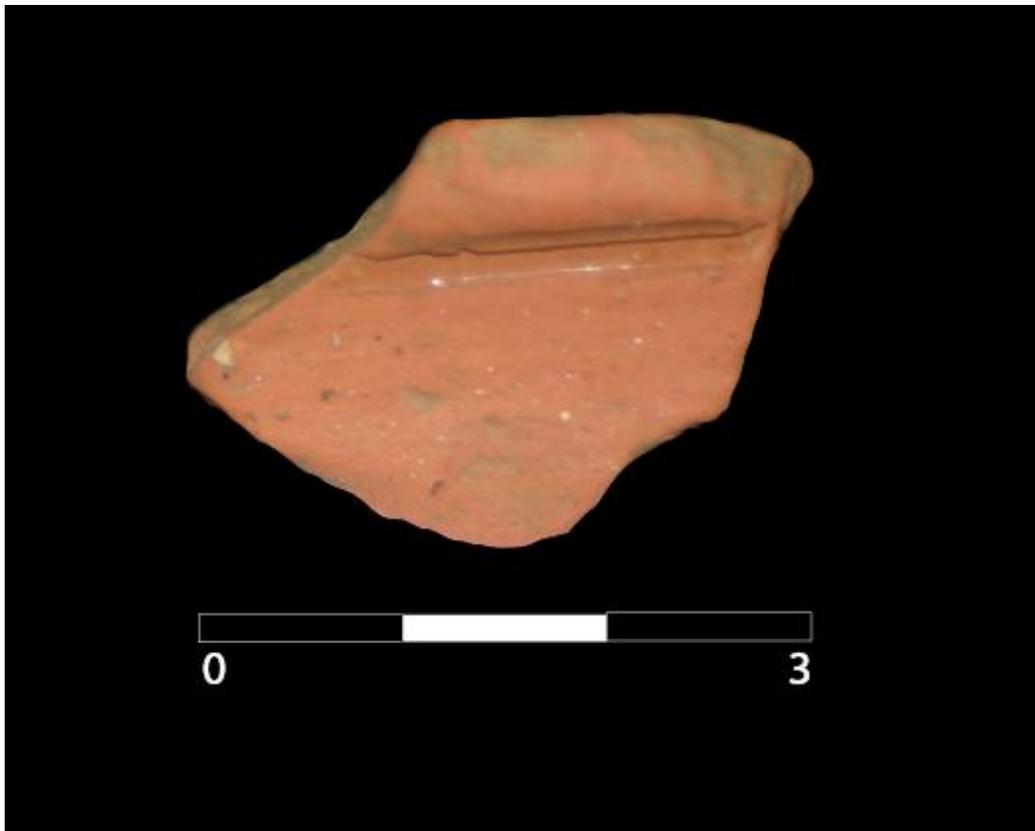


Foto nº 46

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	11
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Púcaro? Colo largo e vertical, bordo em pérola.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	Difícil de precisar
-----------------------------	---------------------

Altura	2,4
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,3	Ombro: 0,3
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada, bordo semelhante à forma 574
--------------	---------------------------------------

Foto nº	47
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro em ambas as superfícies, mas a parte superior do bordo é de cor cinzenta escura.
--------------------	--

Pasta	Cinzenta escura, homogénea
--------------	----------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Salientar a diferença de cor entre o bordo e o colo e ombro. Líticos encontrados nesta parcela presentes nas imagens 75 e 76.
--------------------	---

Ficha nº 45

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	11
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Copa? Asa de fita, é provável que fosse formado por duas.
-------------------	---

Altura	3
---------------	---

Espessura da asa	0,9
-------------------------	-----

Espessura do lábio	0,3
---------------------------	-----

Forma	Asa semelhante à forma 550
--------------	----------------------------

Foto nº	48
----------------	----

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Alaranjadas com pequenos fragmentos de calcíte e quartzo.
--------------------	---

Pasta	Homogénea, da mesma cor das superfícies.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 46



Foto nº 47



Foto nº 48

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-10
-------------	----------

Parcela nº	11
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	
-------------------	--

Largura	3,6
----------------	-----

Altura	1,6
---------------	-----

Espessura	0,6
------------------	-----

Forma	Por estar fragmentada na parte superior é difícil de precisar
--------------	---

Foto nº	49
----------------	----

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Alaranjadas, alisadas com decoração na parte exterior
--------------------	---

Pasta	Bastante homogénea
--------------	--------------------

Decoração	Esta peça deveria servir para aplicar noutro recipiente e assim formar a sua decoração (decoração plástica descontínua). A incisão está bem patente neste objecto, principalmente nas zonas exteriores.
------------------	---

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 47

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-10
-------------	----------

Parcela nº	12
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Hemisférica, com uma canelura a sublinhar o bordo pelo exterior
-------------------	---

Diâmetro de abertura	10
-----------------------------	----

Altura	1,6
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,3	Colo: 0,1	Ombro: /
------------------	-------------------	------------------	-----------------

Forma	Aberta, forma semelhante à 545
--------------	--------------------------------

Foto nº	50
----------------	----

Fabrico	Torno-rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, de um laranja escuro, alisadas, com grãos pequenos de calcíte.
--------------------	---

Pasta	Compacta, com inclusões de grãos minúsculos de quartzo.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 49



Foto nº 50

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	14
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Prato covo. Bordo levemente recolhido e arqueamento da articulação entre o fundo e a parede.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	Difícil de precisar
-----------------------------	---------------------

Altura	1,5
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,3	Ombro: 0,2
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 635A
--------------	-------------

Foto nº	51
----------------	----

Fabrico	Torno-rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja acinzentado em ambas as faces, alisadas.
--------------------	--

Pasta	Cinzenta e bastante compacta.
--------------	-------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-10
-------------	----------

Parcela nº	14
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Copa em dois lanços muito desproporcionados, ambos convexos.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	16
-----------------------------	----

Altura	2,2
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,5	Colo: 0,6	Ombro: 0,7
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, forma semelhante à 621
--------------	--------------------------------

Foto nº	52
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro amarelado em ambas as superfícies, estrias evidentes nas duas faces. Pequenos grãos de quartzo pouco visíveis.
--------------------	--

Pasta	Compactidade média, com pequenos grãos de calcíte, feldspato e mica.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

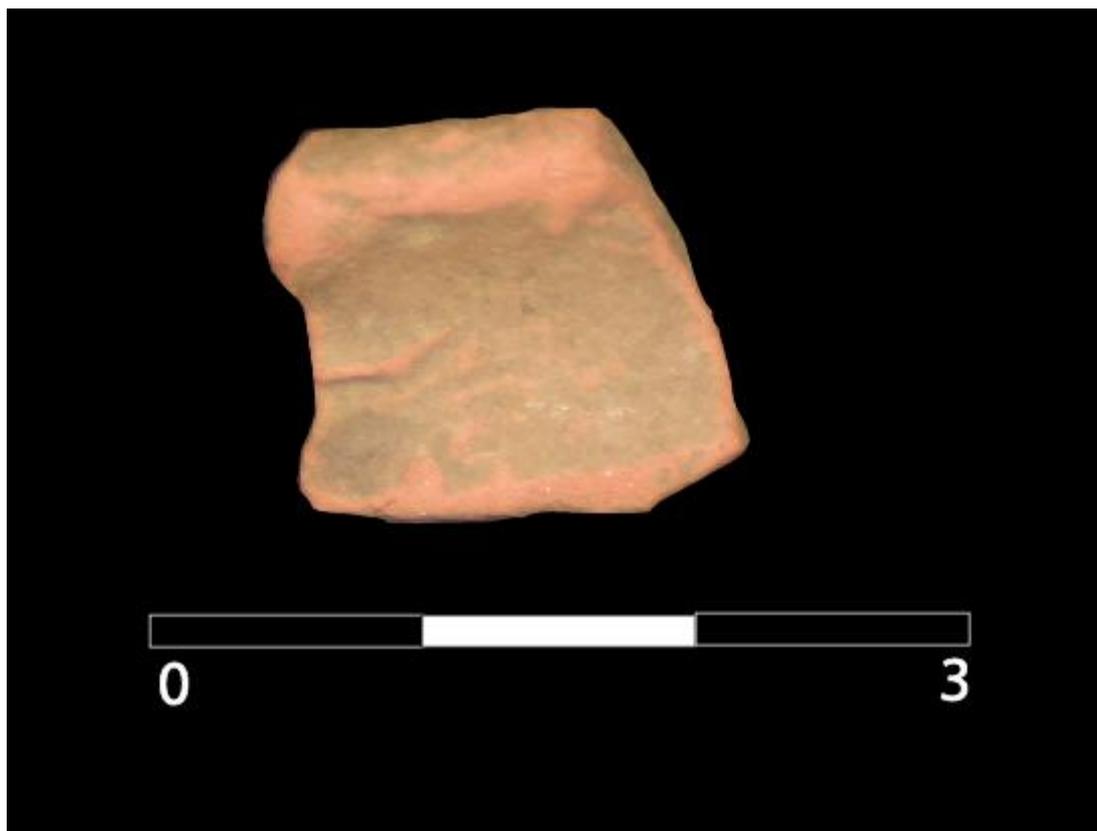


Foto nº 51

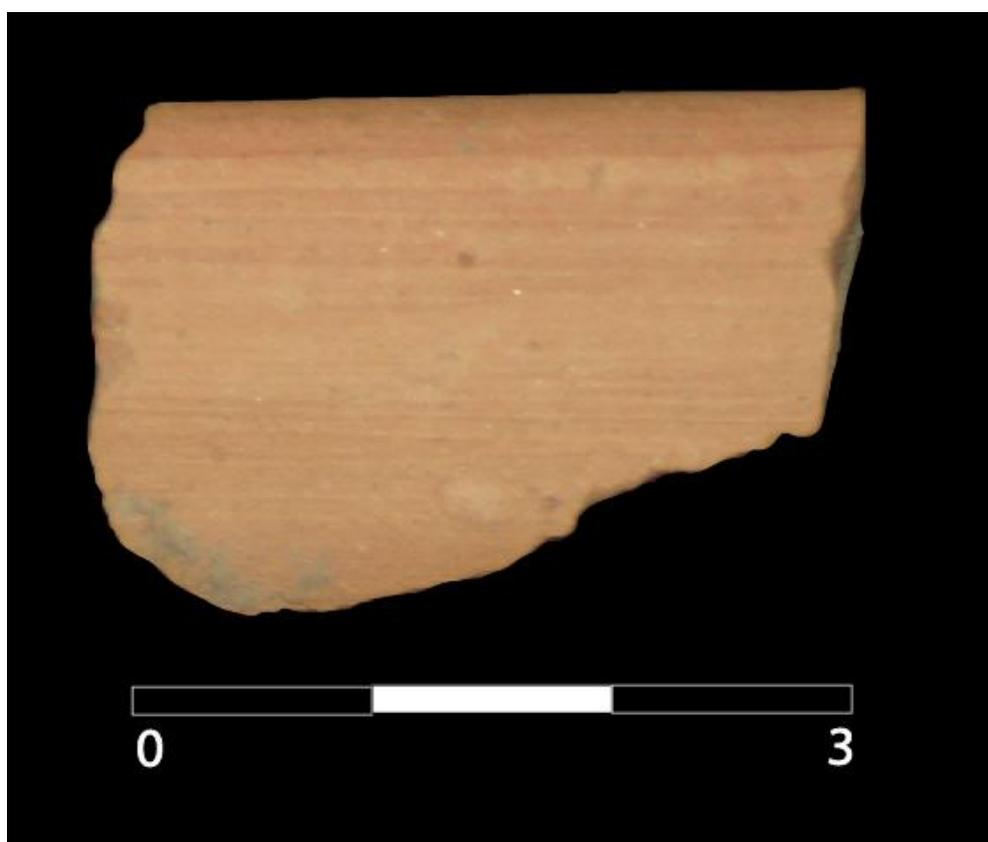


Foto nº 52

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-10
-------------	----------

Parcela nº	14
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Copa hemisférica em forma de aba curta e horizontal.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	7
-----------------------------	---

Altura	1,5
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,8	Ombro: 0,5
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 610
--------------	------------

Foto nº	53
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, havendo zonas mais escuras. Notam-se as estrias principalmente no exterior.
--------------------	--

Pasta	Compacta, de cor cinzento escuro.
--------------	-----------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-10
-------------	----------

Parcela nº	14
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Taça. Copa campanular, pé cilíndrico, largo e vazado.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	18
-----------------------------	----

Altura	2,8
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,8	Colo: 1,3	Ombro: 0,9
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, 562
--------------	-------------

Foto nº	54
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro, alisadas, notando-se as estrias principalmente no exterior. Pequenos grãos de mica e feldspato.
--------------------	--

Pasta	Bastante homogénea, assumindo a mesma cor das superfícies.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 53

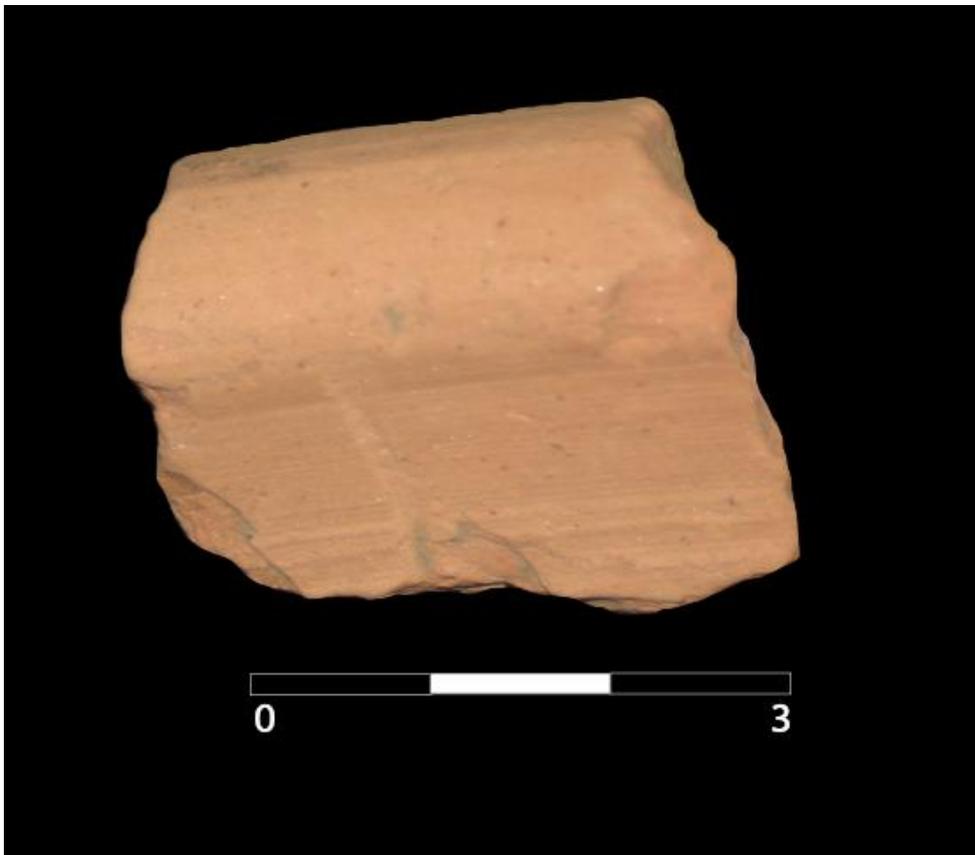


Foto nº 54

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	22-01-2010
-------------	------------

Parcela nº	15
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Púcaro. Bordo em pérola.
-------------------	--------------------------

Diâmetro de abertura	7
-----------------------------	---

Altura	1,9
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,2	Ombro: 0,2
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada, semelhante à forma 574
--------------	---------------------------------

Foto nº	55
----------------	----

Fabrico	Torno rápido.
----------------	---------------

Superfícies	Laranja amarelado claro em ambas as faces. Notam-se as estrias no interior da peça. Dificuldade em visualizar o tipo de grãos patentes nestas partes da peça.
--------------------	---

Pasta	Mais escura que as superfícies, compacta.
--------------	---

Decoração	Linha ténue em relevo que acompanha o bordo.
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-03-10
-------------	----------

Parcela nº	17
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Grés
------------------	------

Morfologia	Alguidar. Troncocónico, bordo triangular.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	24
-----------------------------	----

Altura	2,9
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1,5	Colo: 0,9	Ombro: 0,7
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 804
--------------	------------

Foto nº	56
----------------	----

Fabrico	Torno rápido?
----------------	---------------

Superfícies	Rugosas, laranja escuro, tornando-se mais escuro na parte do lábio. Pequenos grãos de feldspato e mica.
--------------------	---

Pasta	Não muito compacta, de cor cinzento escuro, com grãos médios de mica e feldspato.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante com alguma exposição a fumos.
-----------------	--

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 55



Foto nº 56

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-03-10
-------------	----------

Parcela nº	18
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Copa hemisférica, bordo em forma de aba curta horizontal.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	7
-----------------------------	---

Altura	1,9
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,3	Ombro: /
------------------	-------------------	------------------	-----------------

Forma	Aberta 610
--------------	------------

Foto nº	57
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, pouco alisadas, com pequenos grãos de calcíte.
--------------------	---

Pasta	Da mesma cor que as superfícies, bastante homogénea.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	Foto nº 78 é tirada ao grande pedaço de minério.
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-03-10
-------------	----------

Parcela nº	18
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada grosseira.
------------------	--------------------------------

Morfologia	Tacho. Parede arqueada, convexa, bordo em gancho.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	25
-----------------------------	----

Altura	2,6
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,9	Colo: 1,3	Ombro: 1
------------------	-------------------	------------------	-----------------

Forma	Fechada 333
--------------	-------------

Foto nº	58
----------------	----

Fabrico	Manual?
----------------	---------

Superfícies	Laranja escuro, rugosas, com grãos pequenos e médios de quartzo, mica e feldspato.
--------------------	--

Pasta	Pouco homogénea, com inclusões de grãos pequenos e médios de feldspato e mica.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 57



Foto nº 58

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-03-10
-------------	----------

Parcela nº	18
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Hemisférica, com uma canelura a sublinhar o bordo pelo exterior.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	15
-----------------------------	----

Altura	
---------------	--

Espessura	Lábio:	Colo:	Ombro:
------------------	---------------	--------------	---------------

Forma	Aberta 545
--------------	------------

Foto nº	59
----------------	----

Fabrico	Torno rápido?
----------------	---------------

Superfícies	Alaranjadas, um pouco alisadas, mas impregnadas de pequenos grãos de calcíte, mica e feldspato.
--------------------	---

Pasta	Não muito homogéneas, com grãos minúsculos de calcíte.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	11-03-10
-------------	----------

Parcela nº	19
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica com engobe castanho
------------------	------------------------------

Morfologia	Tigela? Bordo revirado para fora.
-------------------	-----------------------------------

Diâmetro de abertura	Difícil de precisar
-----------------------------	---------------------

Altura	4,5
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1	Colo: 0,5	Ombro: 0,6
------------------	-----------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, bordo semelhante à forma 612
--------------	--------------------------------------

Foto nº	60
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Cobertas por engobe castanho avermelhado.
--------------------	---

Pasta	Alaranjadas com pequenas inclusões de calcíte.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Altomedieval?
----------------------------------	---------------

Observações	Imagem nº 79, pedaços de ferro.
--------------------	---------------------------------

Ficha nº 58



Foto nº 59



Foto nº 60

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	12-03-10
-------------	----------

Parcela nº	30
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada grosseira
------------------	-------------------------------

Morfologia	Bacia? Paredes arqueadas e convexas, bordo em rolo.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	Difícil de precisar
-----------------------------	---------------------

Altura	3,2
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1,1	Colo: 0,9	Ombro: 0,7
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, bordo semelhante à forma 712
--------------	--------------------------------------

Foto nº	61
----------------	----

Fabrico	Manual?
----------------	---------

Superfícies	Laranja ferruginoso, superfícies impregnadas em grãos desde pequenos a grandes de calcíte e feldspato.
--------------------	--

Pasta	Grosseira, com grãos médios e pequenos de calcíte, mica e feldspato.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Imagem nº 81 - Fóssil.
--------------------	------------------------

Ficha nº 59

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	12-03-10
-------------	----------

Parcela nº	34
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Grés
------------------	------

Morfologia	Pote. Bordo triangular decorado com dedadas no remate.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	20
-----------------------------	----

Altura	3,6
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,7	Colo: 0,6	Ombro: 0,6
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada, bordo semelhante a forma 906.
--------------	--

Foto nº	62
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, apesar das superfícies serem de certa forma alisadas, são bastante irregulares.
--------------------	--

Pasta	Mediamente homogénea.
--------------	-----------------------

Decoração	Cordão digitado no remate do bordo.
------------------	-------------------------------------

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 60

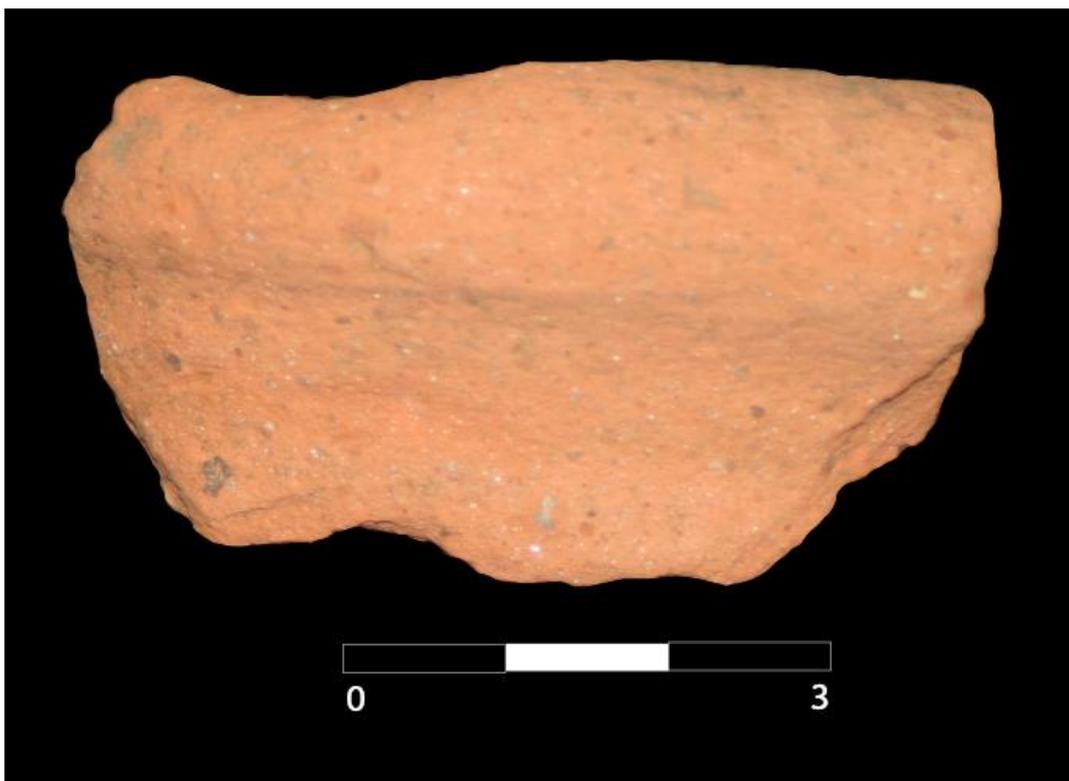


Foto nº 61



Foto nº 62

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	12-03-10
-------------	----------

Parcela nº	35
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica fina cinzenta
------------------	------------------------

Morfologia	Taça? Arqueada e com ligeiro esvasamento no colo, pequeno lábio virado para fora.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	9
-----------------------------	---

Altura	2,1
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,6	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, semelhante à forma 245
--------------	--------------------------------

Foto nº	63
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Cinzento claro, algo rugosas, pequenos grãos de calcíte e feldspato.
--------------------	--

Pasta	Medianamente homogénea, com inclusões de pequenos grãos de mica e feldspato
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Foto nº 77 - fotografia de lítico.
--------------------	------------------------------------

Ficha nº 61

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	12-03-10
-------------	----------

Parcela nº	39
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Copa hemisférica, bordo em forma de aba curta horizontal.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	9
-----------------------------	---

Altura	1,6
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,6	Ombro: 0,3
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, 610
--------------	-------------

Foto nº	64
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, alisadas, com pequenos fragmentos de quartzo.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, de cor semelhante às superfícies.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 63



Foto nº 64

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	12-03-10
-------------	----------

Parcela nº	39
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Prato covo. Fundo raso, paredes evasadas quase rectas.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	19
-----------------------------	----

Altura	2,4
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,6	Colo: 0,5	Ombro: 0,45
------------------	-------------------	------------------	--------------------

Forma	Aberta 632
--------------	------------

Foto nº	65
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, de cor ferruginosa, notam-se as estrias na face interna, apesar das superfícies serem alisadas está patente alguma rugosidade. Pequenos grãos de mica e feldspato.
--------------------	---

Pasta	Algo homogénea, com grãos semelhantes às superfícies.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	12-03-10
-------------	----------

Parcela nº	39
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Arranque de asa (parte de cima), asa de fita.
-------------------	---

Altura	2,5
---------------	-----

Espessura da asa	0,6
-------------------------	-----

Espessura do lábio	0,4
---------------------------	-----

Forma	Asa com forma semelhante à 575
--------------	--------------------------------

Foto nº	66
----------------	----

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Alaranjadas, não muito rugosas, estão patentes pequenos grãos de quartzo
--------------------	--

Pasta	Laranja acinzentado escuro, compacta.
--------------	---------------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 64

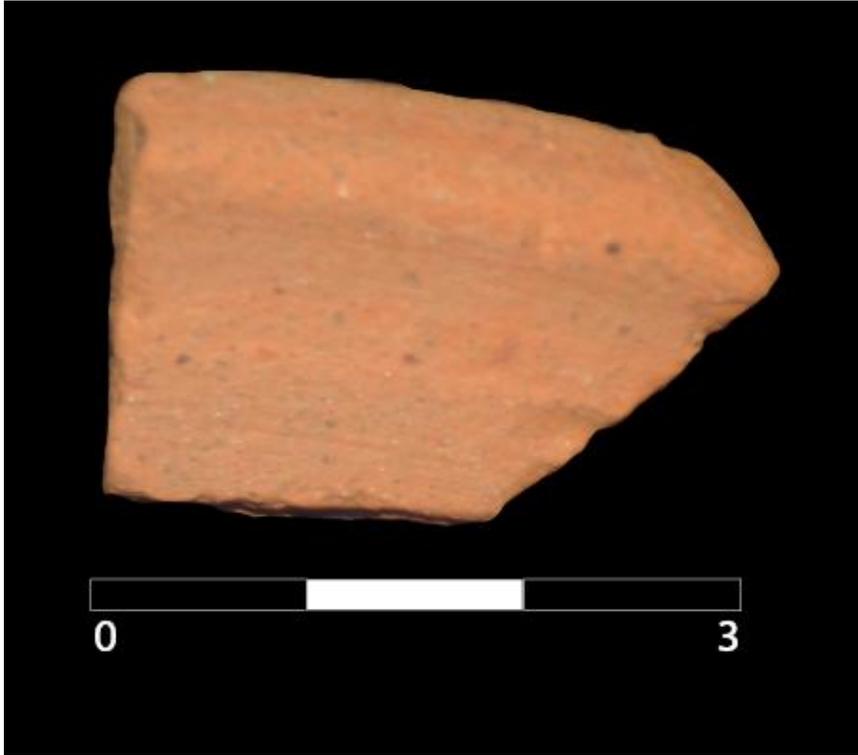


Foto nº 65



Foto nº 66

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	12-03-10
-------------	----------

Parcela nº	40
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica fina cinzenta
------------------	------------------------

Morfologia	Tigela? Copa angulosa, com a carena em calote esférica e o sobrelanço alto, recto, com ligeiro esvasamento.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	14
-----------------------------	----

Altura	1,7
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,35	Ombro: 0,25
------------------	-------------------	-------------------	--------------------

Forma	Aberta 214
--------------	------------

Foto nº	67
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Cinzentas clara, estrias evidentes tanto na face interior, como na face exterior. Grãos minúsculos, difíceis de detectar a olho nu.
--------------------	---

Pasta	Bastante homogénea, cinzento alaranjado.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	06-05-10
-------------	----------

Parcela nº	41
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada grosseira
------------------	-------------------------------

Morfologia	Tacho. Parede arqueada como popa de embarcação.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	21
-----------------------------	----

Altura	3,7
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1,1	Colo: 1,25	Ombro: 1
------------------	-------------------	-------------------	-----------------

Forma	Fechada 992
--------------	-------------

Foto nº	68
----------------	----

Fabrico	Torno?
----------------	--------

Superfícies	Alaranjadas, rugosas, com pequenos e médios grãos de mica e feldspato.
--------------------	--

Pasta	Grosseira, não homogénea, grão grande de calcíte, acinzentada.
--------------	--

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 67

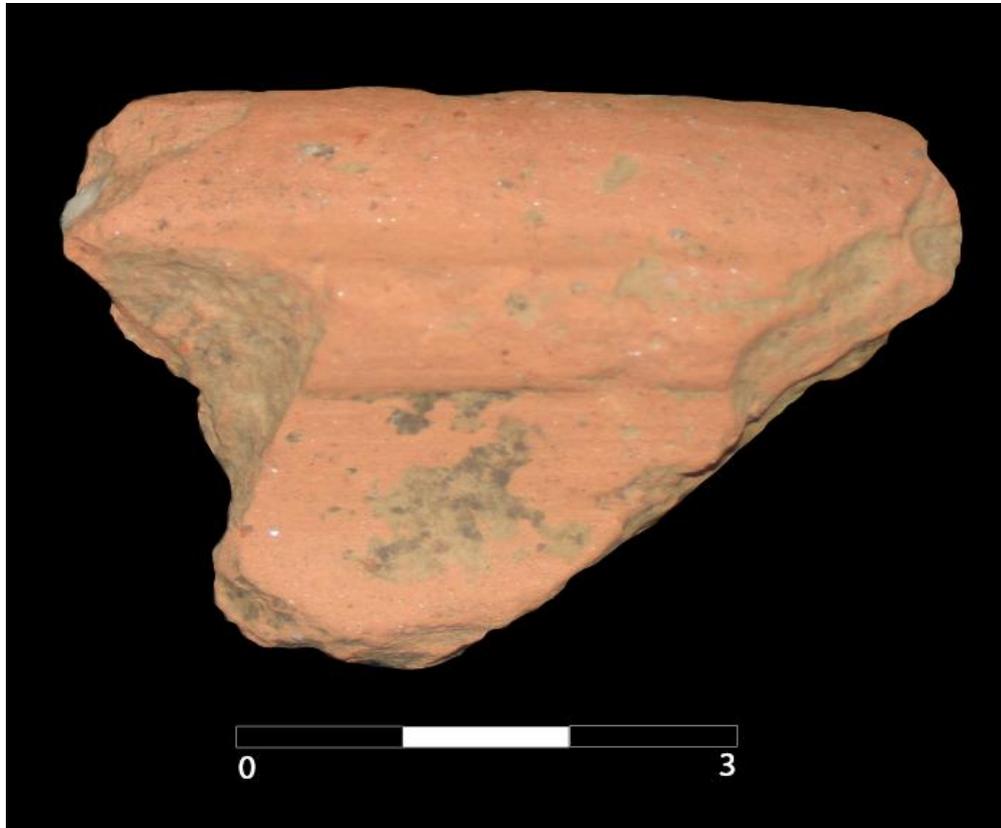


Foto nº 68

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	06-05-10
-------------	----------

Parcela nº	41
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela? Hemisférica, com uma canelura a sublinhar o bordo pelo exterior.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	8
-----------------------------	---

Altura	2,1
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,9	Colo: 0,5	Ombro: 0,4
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta, semelhante à forma 545.
--------------	---------------------------------

Foto nº	69
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, alisadas, notando-se as estrias principalmente na face exterior. Pequenos grãos de calcíte ao longo de toda a superfície.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, semelhante às superfícies, predominando os grãos de calcíte.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-Romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	06-05-10
-------------	----------

Parcela nº	46
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada grosseira
------------------	-------------------------------

Morfologia	Tacho? Parede arqueada, convexa, bordo em forma de aba.
-------------------	---

Diâmetro de abertura	16
-----------------------------	----

Altura	2,5
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1,1	Colo: 1,2	Ombro: 0,6
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Fechada, forma semelhante a 332
--------------	---------------------------------

Foto nº	70
----------------	----

Fabrico	Torno?
----------------	--------

Superfícies	Alaranjadas, com cor de ferrugem, rugosas, com grãos de quartzo e de calcíte.
--------------------	---

Pasta	Pouco homogénea, com cor mais escura que superfícies.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	Fóssil – Foto nº 82.
--------------------	----------------------

Ficha nº 68

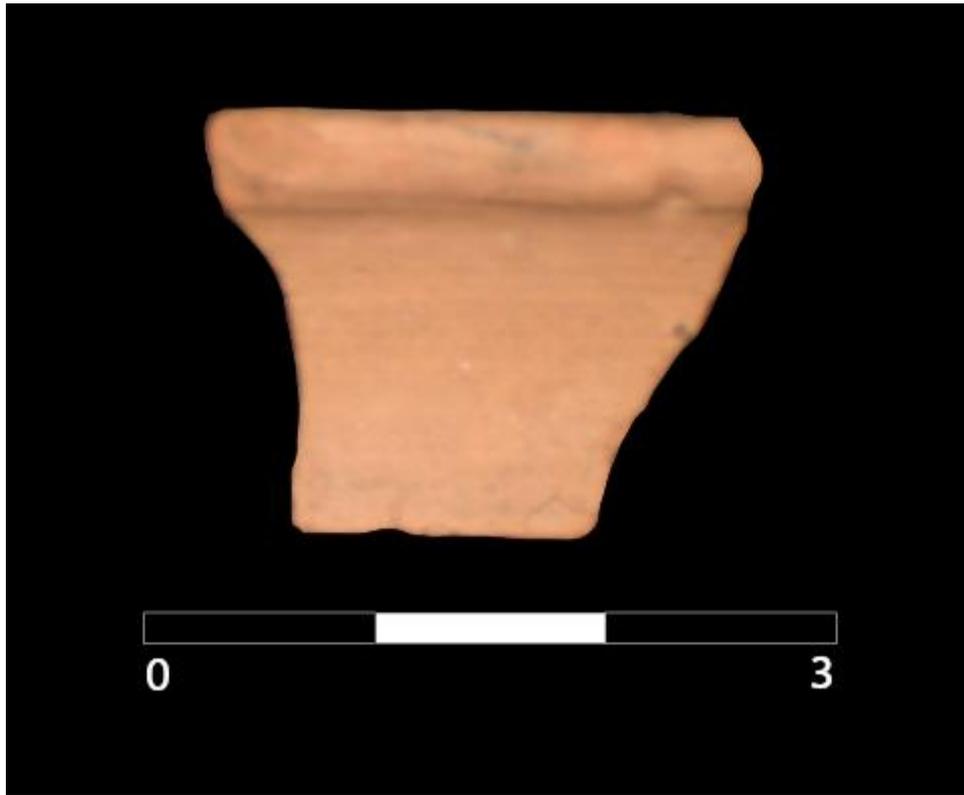


Foto nº 69



Foto nº 70

Local	Várzea de Aljazedo
--------------	--------------------

Data	06-05-10
-------------	----------

Parcela nº	46
-------------------	----

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigela. Paredes evasadas, quase rectas, com o bordo ligeiramente engrossado.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	16
-----------------------------	----

Altura	3,2
---------------	-----

Espessura	Lábio: 1	Colo: 0,9	Ombro: 0,65
------------------	-----------------	------------------	--------------------

Forma	Aberta 615
--------------	------------

Foto nº	71
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, notando-se as estrias na zona exterior. Grãos de calcíte e quartzo.
--------------------	--

Pasta	Homogénea, laranja acinzentado
--------------	--------------------------------

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano
----------------------------------	--------------

Observações	
--------------------	--

Local	S. Simão (lado norte capela)
--------------	------------------------------

Data	14-07-10
-------------	----------

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada fina
------------------	--------------------------

Morfologia	Tigelinha. Copa hemisférica, bordo em forma de aba curta e horizontal.
-------------------	--

Diâmetro de abertura	6
-----------------------------	---

Altura	1,8
---------------	-----

Espessura	Lábio: 0,4	Colo: 0,3	Ombro: 0,1
------------------	-------------------	------------------	-------------------

Forma	Aberta 610
--------------	------------

Foto nº	72
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Alaranjadas, alisadas, notando-se estrias principalmente na face interior. Pequenos grãos de quartzo.
--------------------	---

Pasta	Bastante homogénea, de cor mais escura que superfícies.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--



Foto nº 71



Foto nº 72

Local	S. Simão (lado norte capela)
--------------	------------------------------

Data	14-07-2010
-------------	------------

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada grosseira
------------------	-------------------------------

Morfologia	O recipiente de que fazia parte esta asa, deveria ser um púcaro, localizando-se esta junto do bordo.
-------------------	--

Altura	4,6
---------------	-----

Espessura da asa	1
-------------------------	---

Espessura do lábio	0,7
---------------------------	-----

Forma	Asa com forma aproximada à 998
--------------	--------------------------------

Foto nº	73
----------------	----

Fabrico	Manual
----------------	--------

Superfícies	Alaranjadas, bastante rugosas, estão patentes grãos médios e grandes de feldspato e mica e alguma calcíte.
--------------------	--

Pasta	Cor semelhante às superfícies, pasta pouco compacta, com inclusões de diversos grãos, com várias dimensões de: mica, feldspato e calcíte.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 71

Local	S. Simão (lado norte capela)
--------------	------------------------------

Data	14-07-2010
-------------	------------

Material	Cerâmica
-----------------	----------

Tipologia	Cerâmica alaranjada média
------------------	---------------------------

Morfologia	Tigelinha. Forma em tronco de cone, fundo raso.
-------------------	---

Diâmetro do fundo	7
--------------------------	---

Altura	2,4
---------------	-----

Espessura da base	0,4	Espessura do bojo	0,7
--------------------------	-----	--------------------------	-----

Forma	Aberta, fundo semelhante à 628
--------------	--------------------------------

Foto nº	74
----------------	----

Fabrico	Torno rápido
----------------	--------------

Superfícies	Laranja claro no exterior e mais escuro no interior. Pequenos e médios grãos de quartzo.
--------------------	--

Pasta	Pasta homogénea alaranjada acinzentada.
--------------	---

Decoração	
------------------	--

Cozedura	Oxidante
-----------------	----------

Classificação cronológica	Tardo-romano?
----------------------------------	---------------

Observações	
--------------------	--

Ficha nº 72



Foto nº 73



Foto nº 74



Foto nº 75 – Líticos encontrados na parcela 11



Foto nº 76 – Outro exemplo de lítico encontrado na parcela nº 11

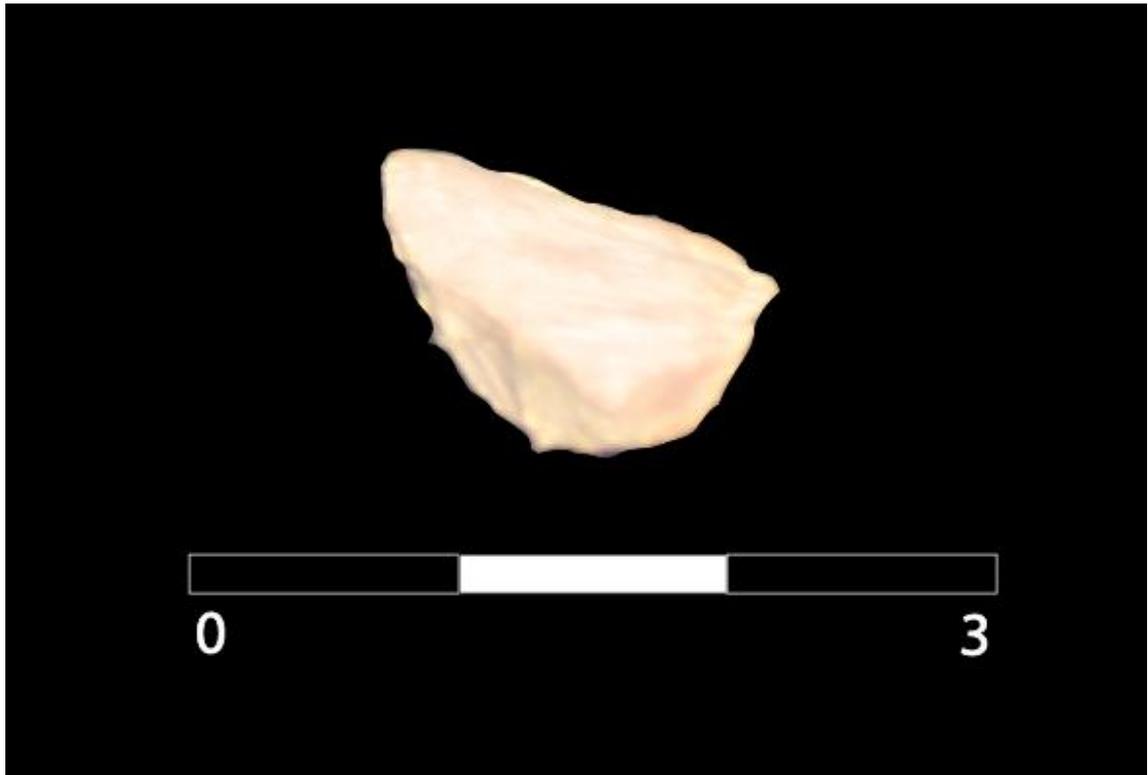


Foto nº 77 – Este lítico foi encontrado na parcela nº 35



Foto nº 78 – Grande pedaço de minério encontrado na parcela nº18



Foto nº 79 - Pedacos de minério com forma arredondada, encontrados na parcela nº19



Foto nº 80 – Tesselas encontradas no terreno a sul da capela da N. Sra. Da Graça



Foto nº 81 – Fóssil encontrado na parcela nº 30



Foto nº 82 – Fóssil encontrado na parcela nº 46

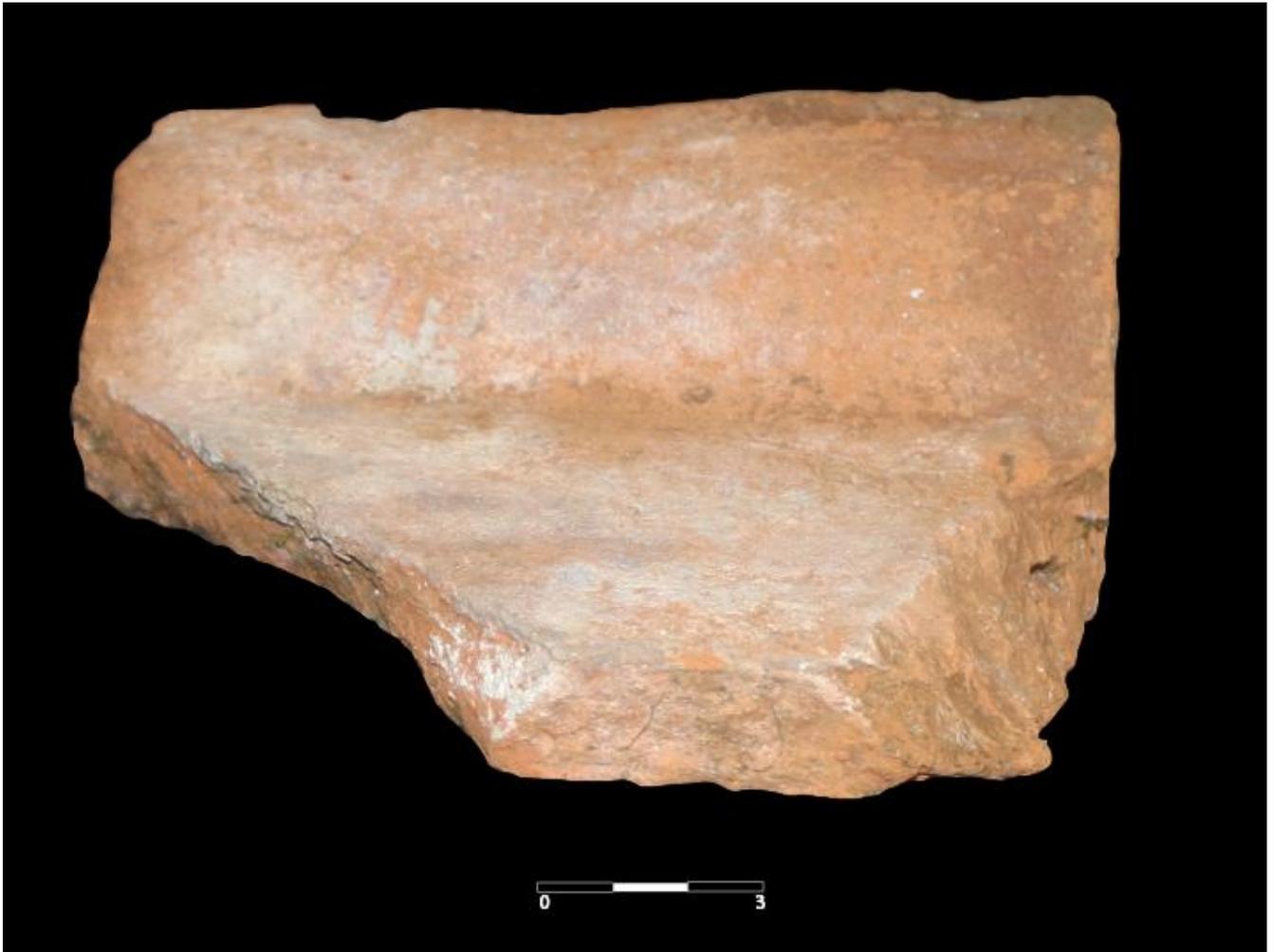


Foto nº 83 – Exemplo de *tegulae* encontrada no Cabeço da Ateanha

Anexo III

Vestígios da Várzea de Aljazedo

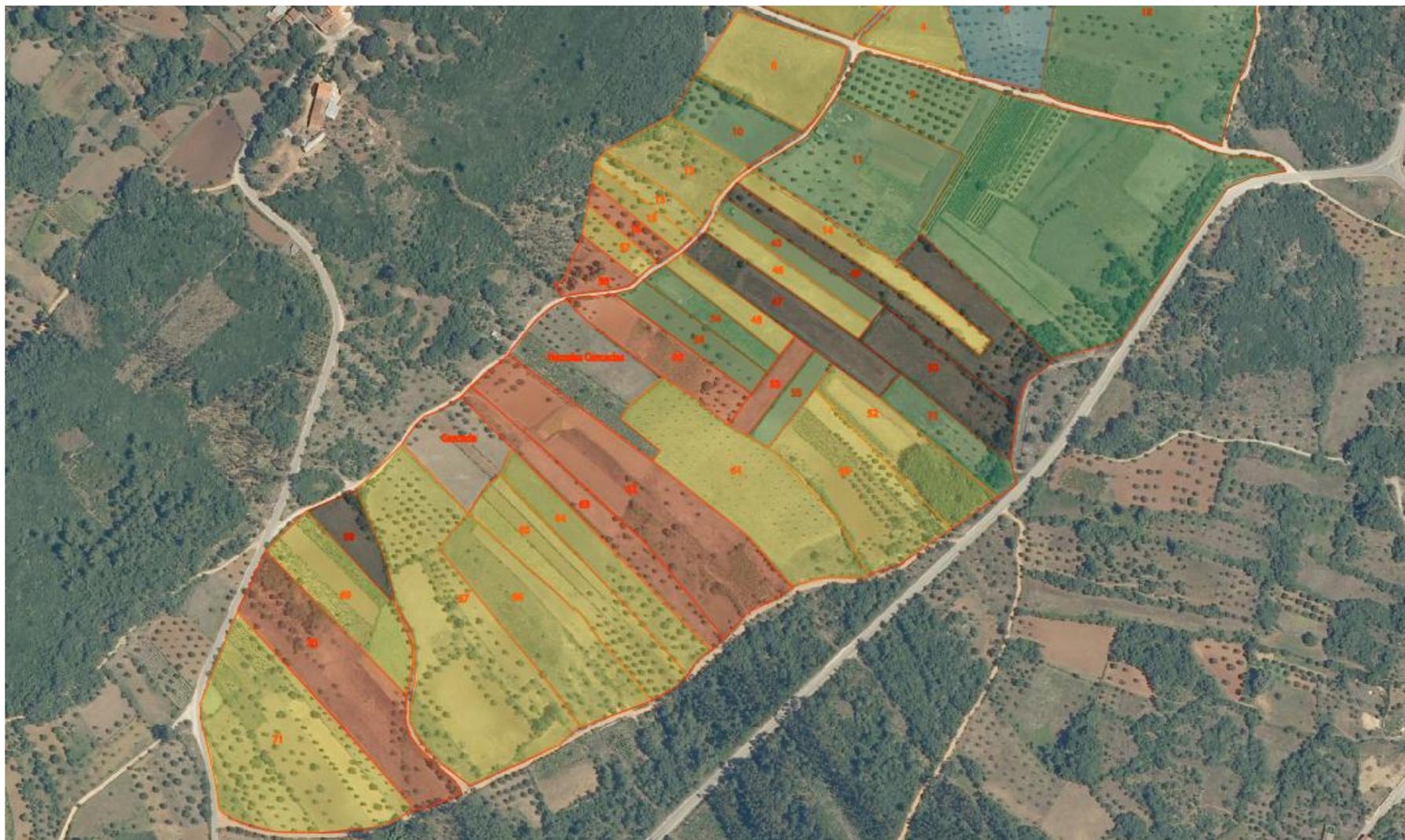


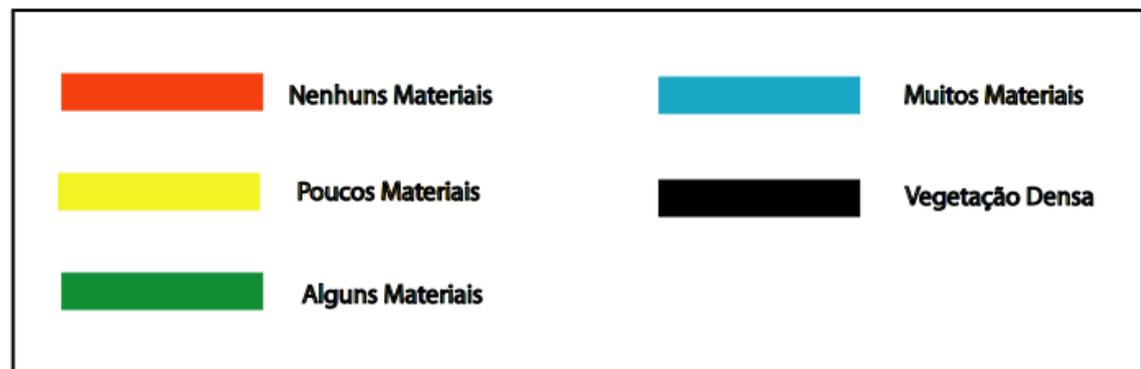
Ilustração 1 - Várzea de Aljazedes materiais a sudoeste do caminho central



Ilustração 2 - Várzea de Aljazed materiais a nordeste do caminho central



Ilustração 3 - Várzea de Aljazed de materiais na ponta nordeste¹



¹ Todas as fotografias aqui elaboradas estão orientadas a norte.

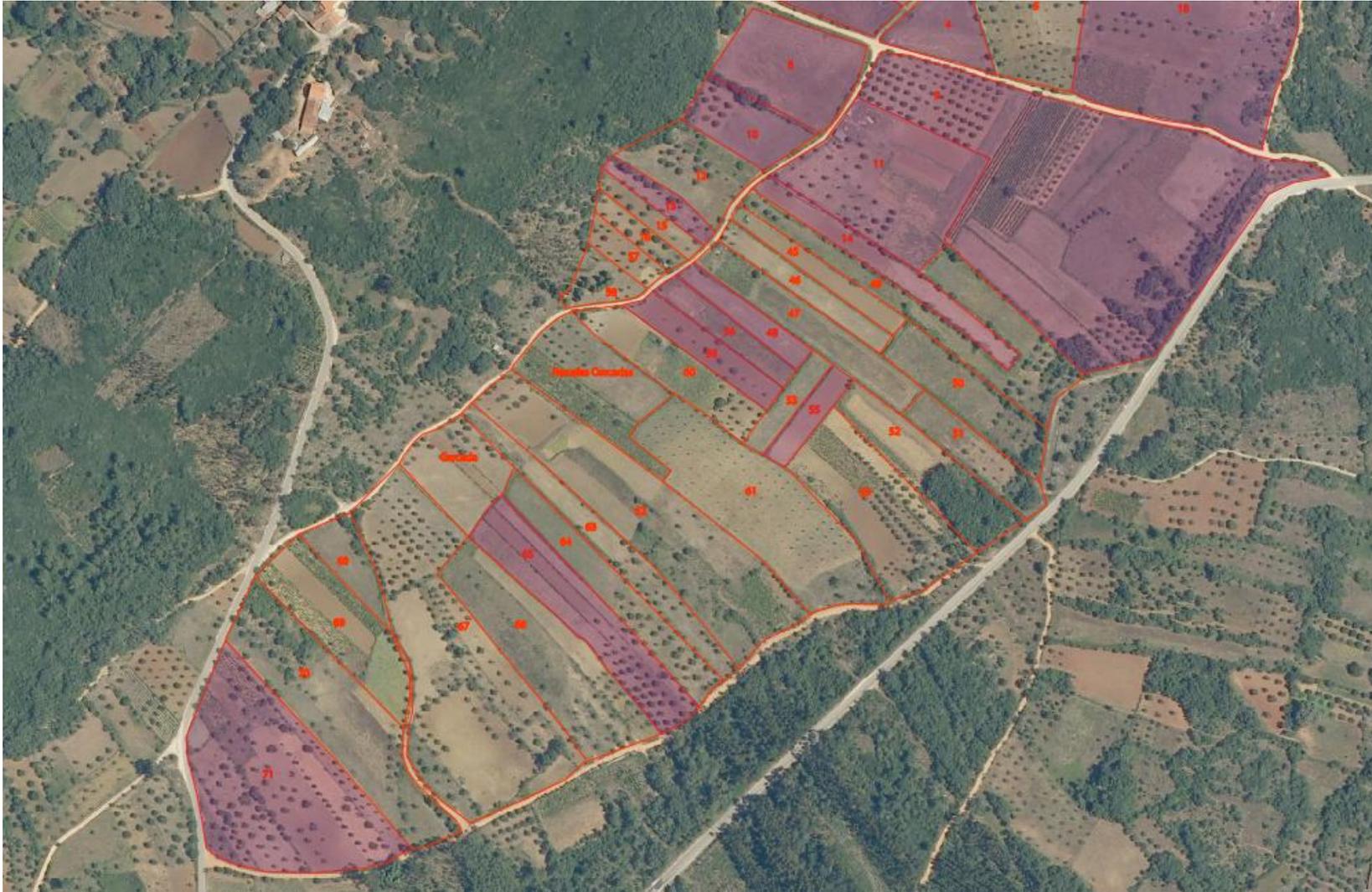


Ilustração 4 - Várzea de Aljazed de materiais de construção a sudoeste do caminho central



Ilustração 5 - Várzea de Aljazeera materiais de construção a nordeste do caminho central



Ilustração 6 - Várzea de Aljazed de materiais de construção ponta nordeste





Ilustração 7 - Várzea de Aljazedes líticos a sudoeste do caminho central



Ilustração 8 - Várzea de Aljazedo a nordeste do caminho central



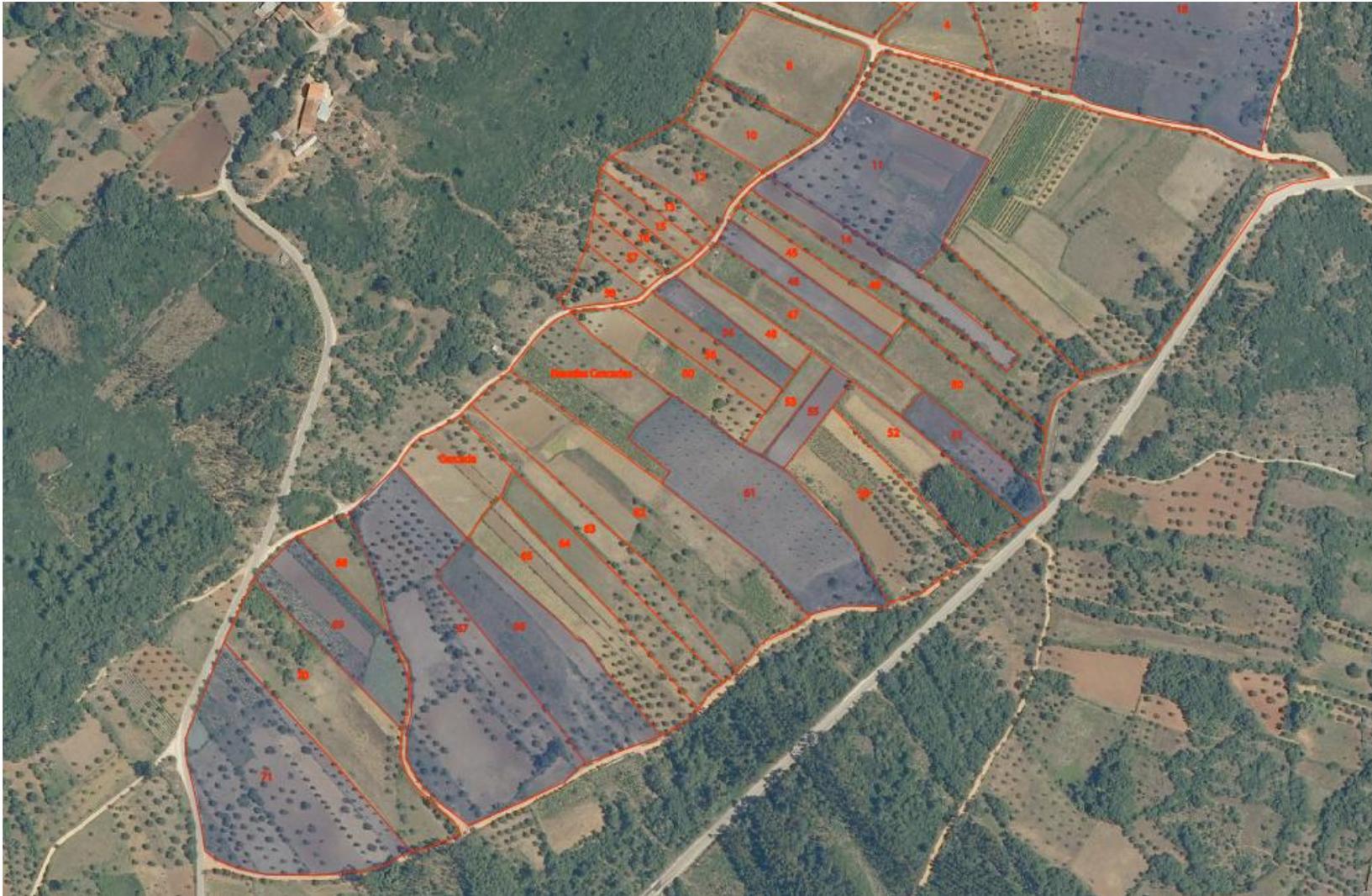


Ilustração 9 - Várzea de Aljazedo escória a sudoeste do caminho central

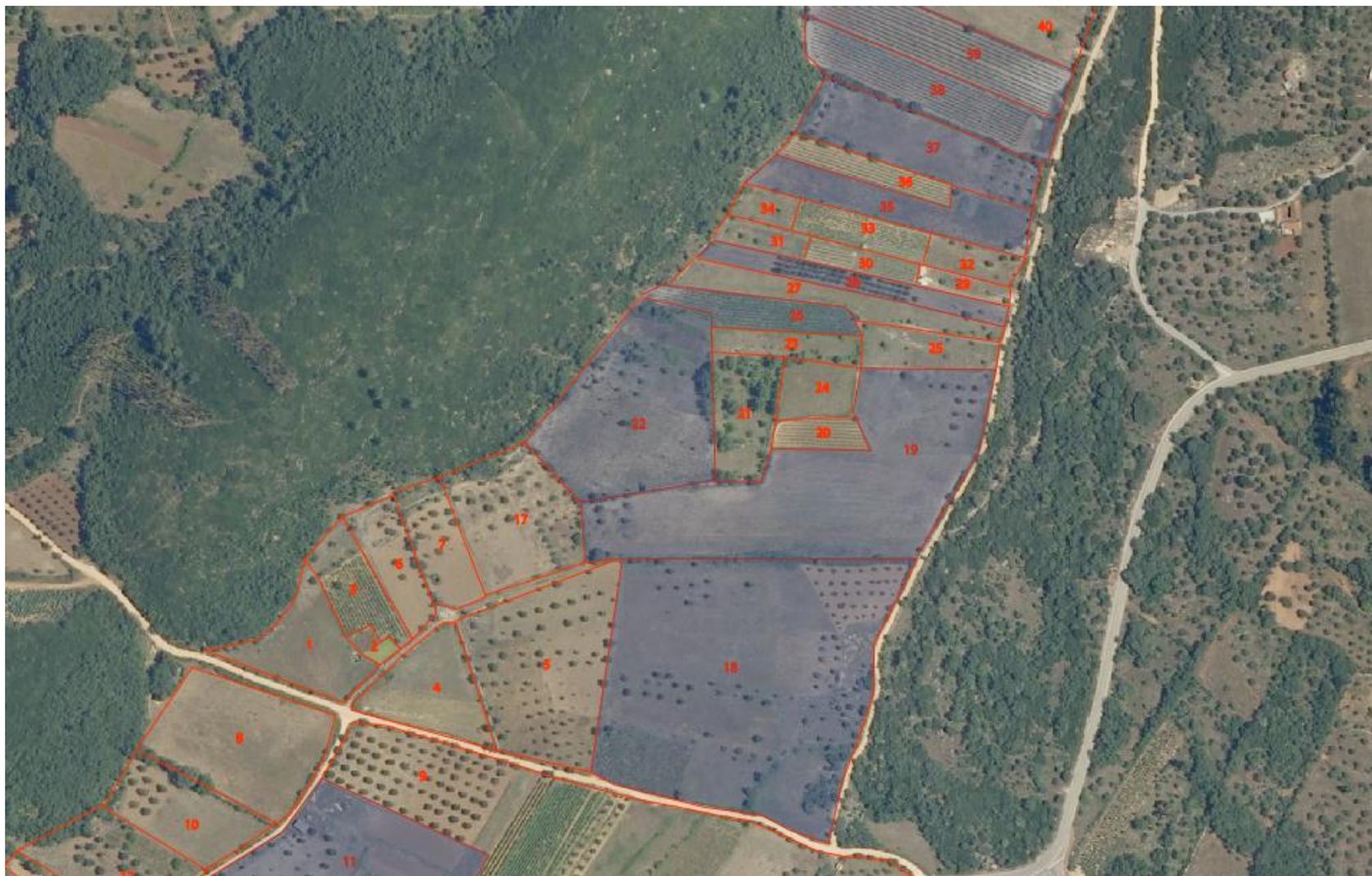


Ilustração 10 - Várzea de Aljazedde escória a nordeste do caminho central



Ilustração 11 - Várzea de Aljazedo escória ponta nordeste



Anexo IV

Foto-interpretação



Ilustração 12 - Aljazedo e nordeste da Várzea de Aljazedo

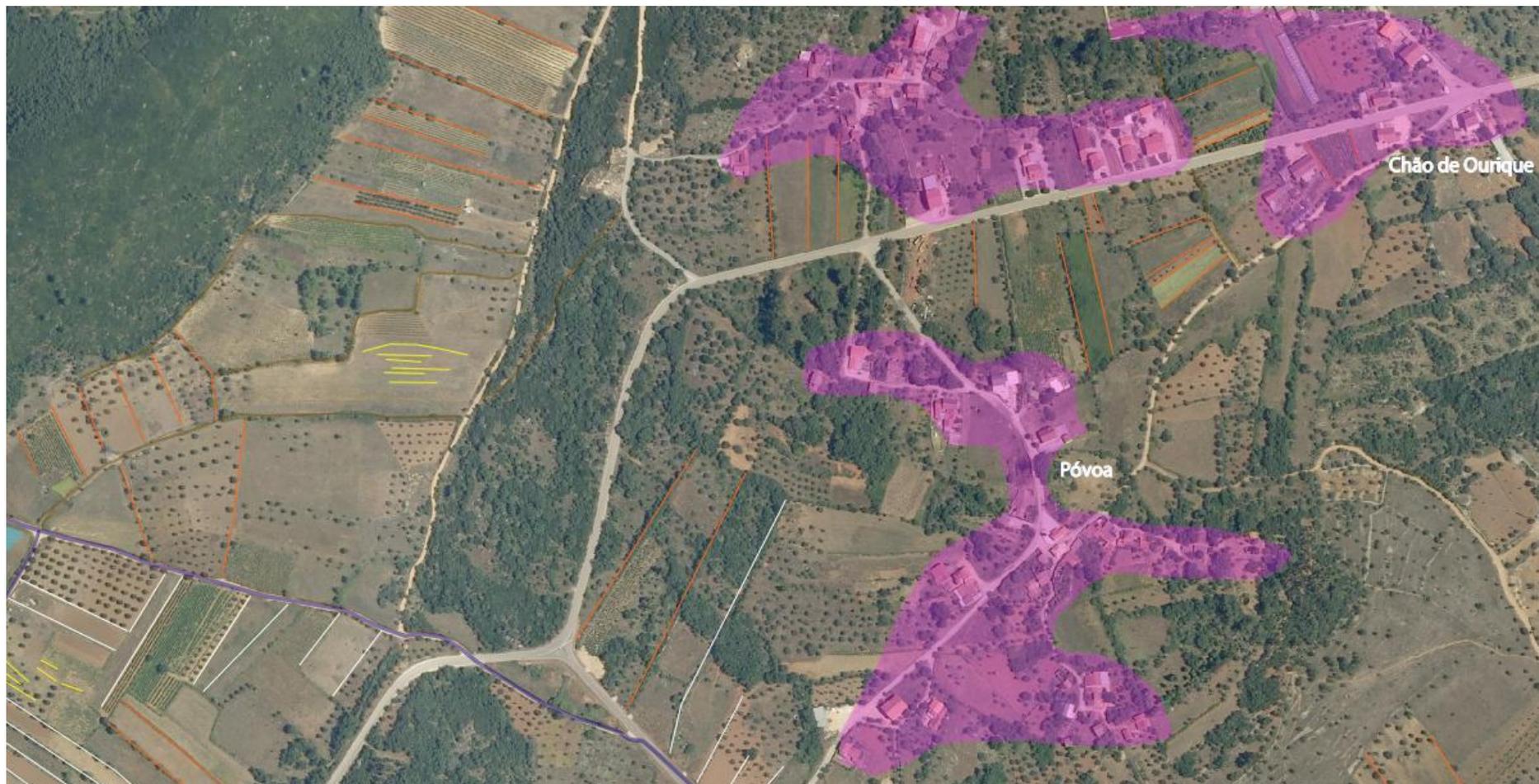


Ilustração 13 - Nordeste da Várzea de Aljazedo, Chão de Ourique e Póvoa



Ilustração 14 - Sudoeste da Várzea de Aljazedo

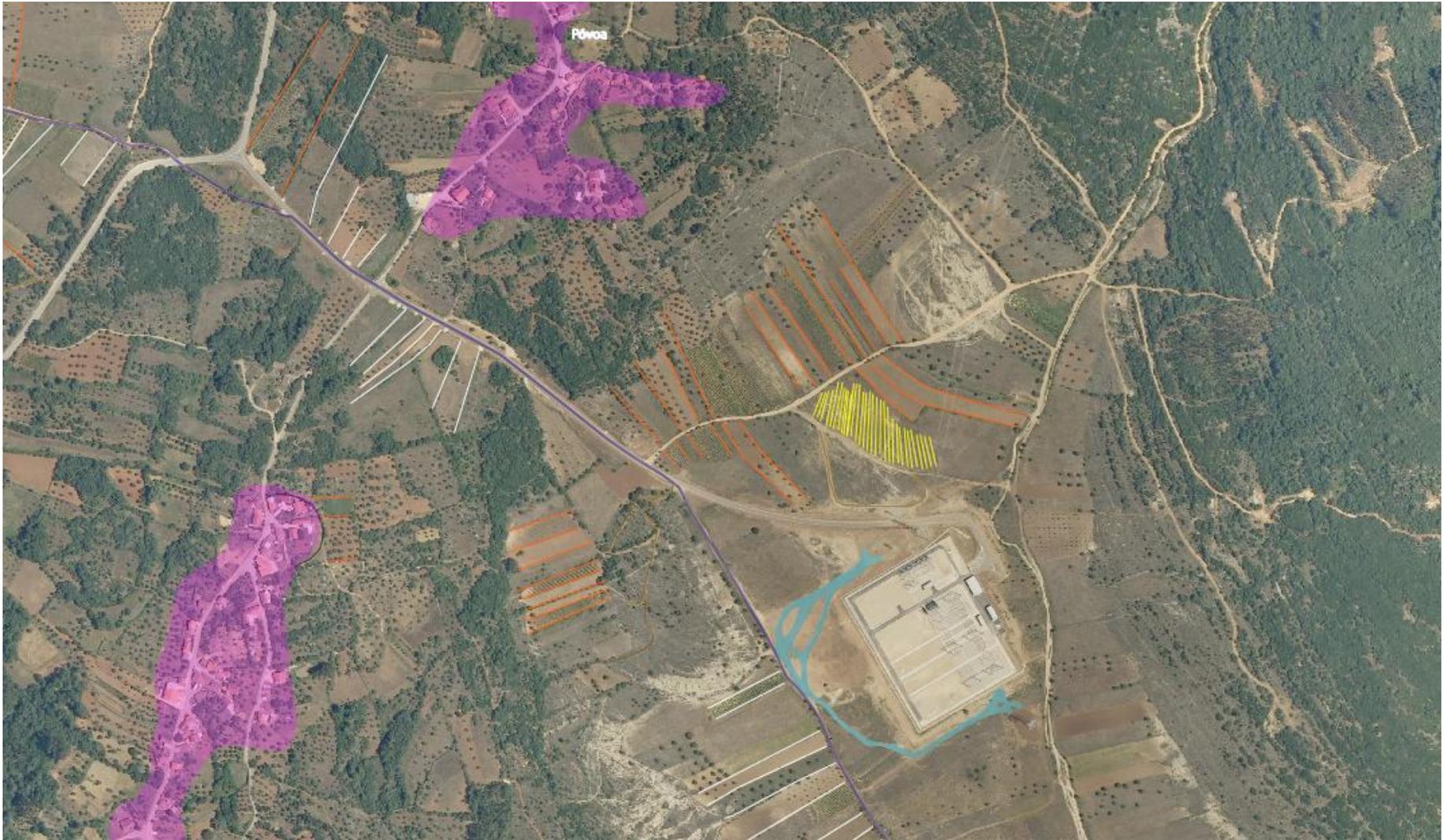


Ilustração 15 - Campos da Póvoa



Ilustração 16 - Ateanha e Campos da Ateanha

	Transmissões isoclinas relacionadas com antiga via romana		Formas em negativo na paisagem
	Parcelário actual		Pequenos caminhos já pouco perceptíveis na paisagem actual
	Antiga via romana		Manchas de ocupação actuais
	Zonas húmidas		

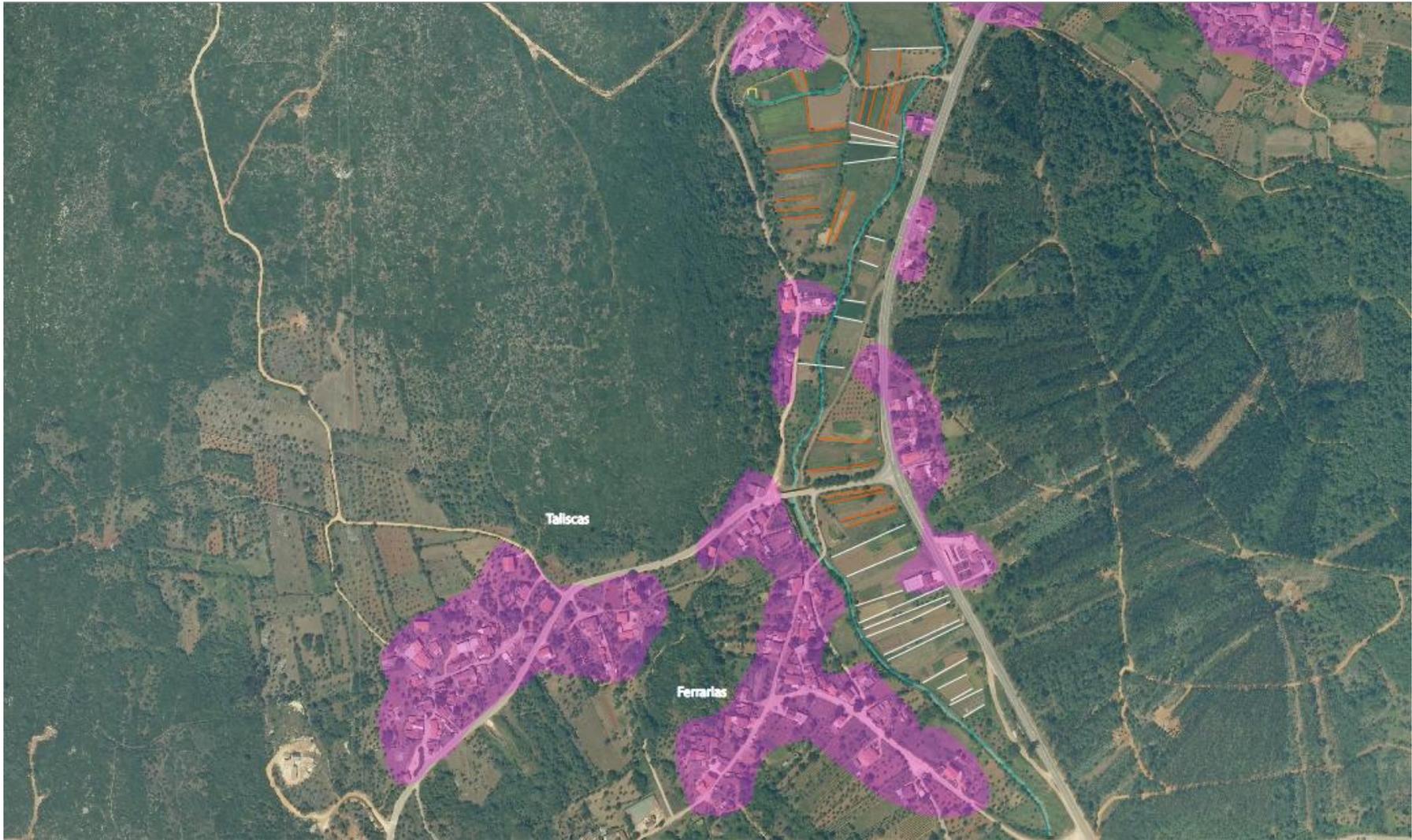


Ilustração 17 - Parte sul do vale do rio Dueça, povoações de Taliscas e Ferrarias

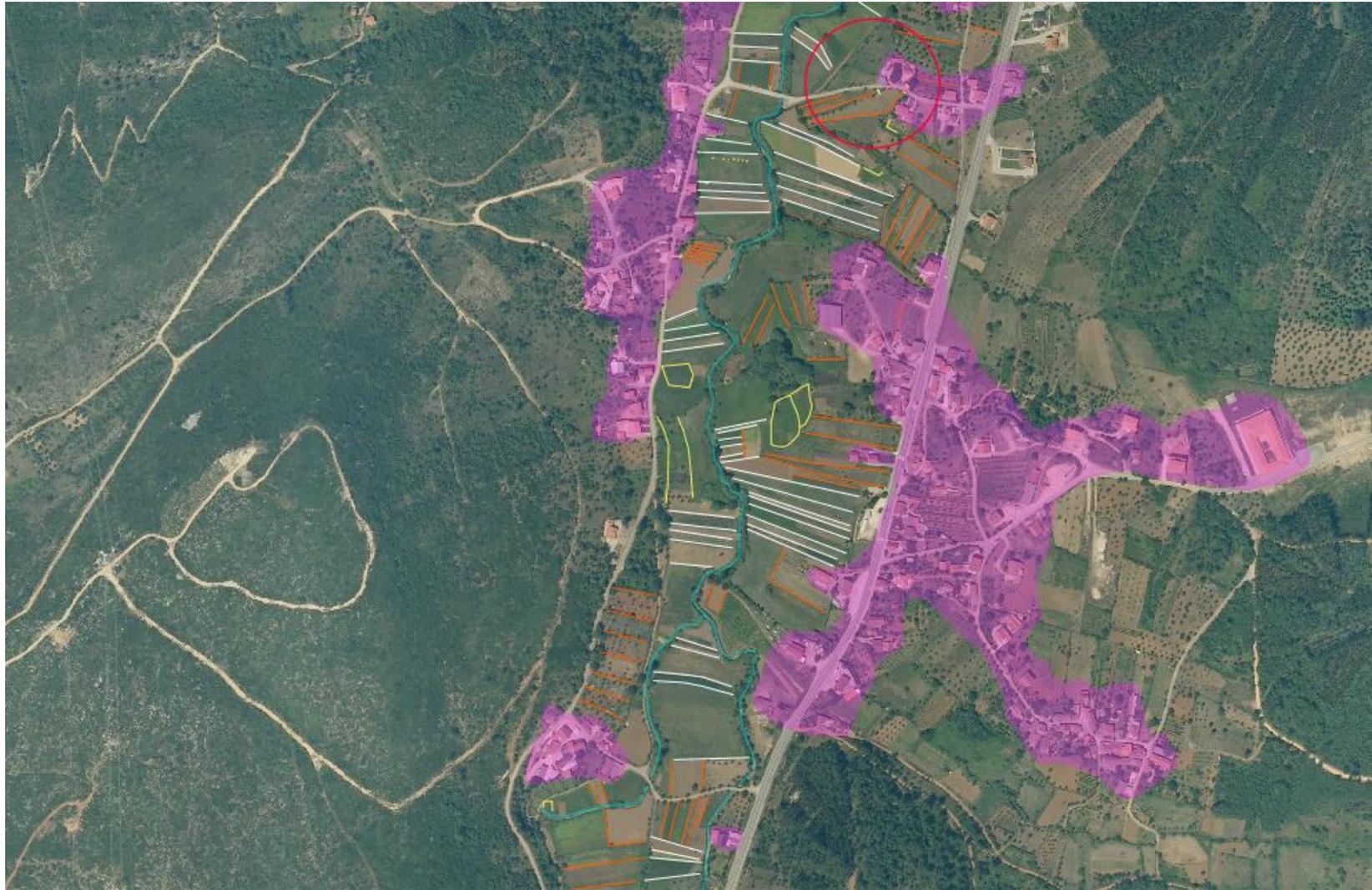


Ilustração 18 – Parte central do vale do rio Dueça, *pars urbana* de S. Simão assinalada a vermelho

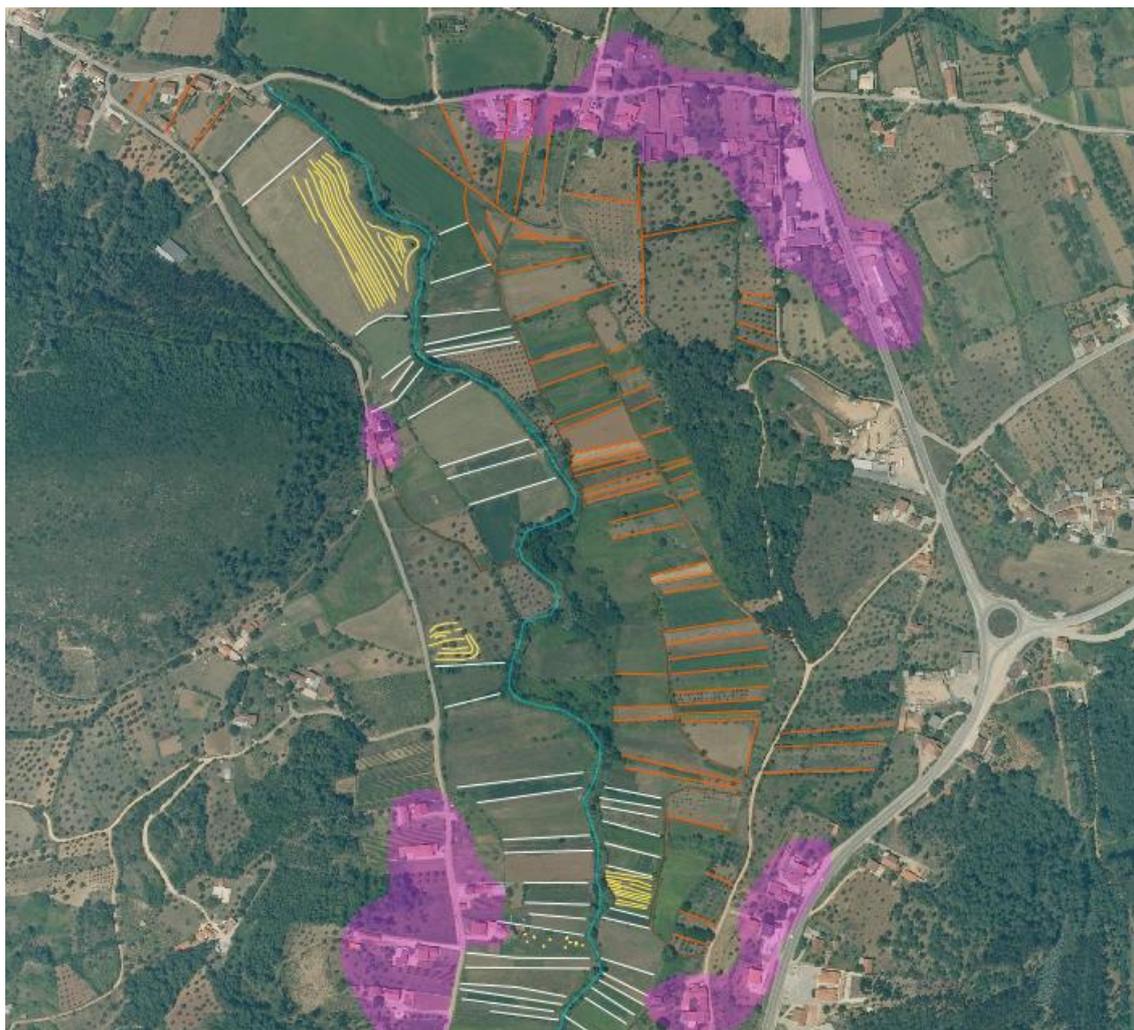
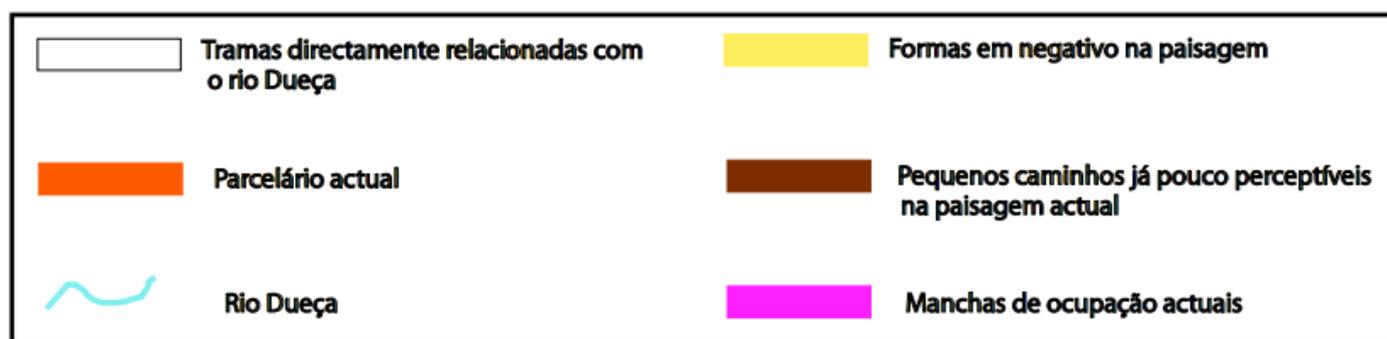


Ilustração 19 – Parte norte do vale do rio Dueça



Anexo V

Ilustrações e Cartografia

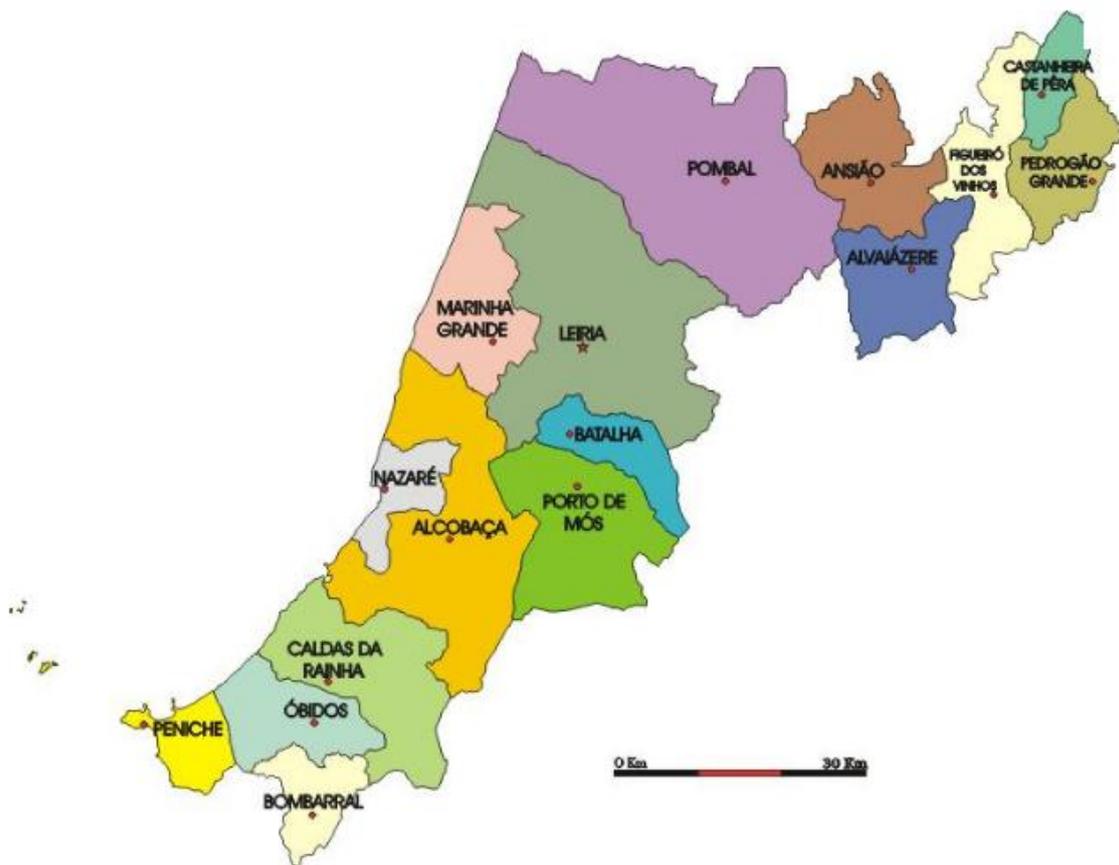


Ilustração 20 - Distrito de Leiria



Ilustração 21 - Distrito de Coimbra

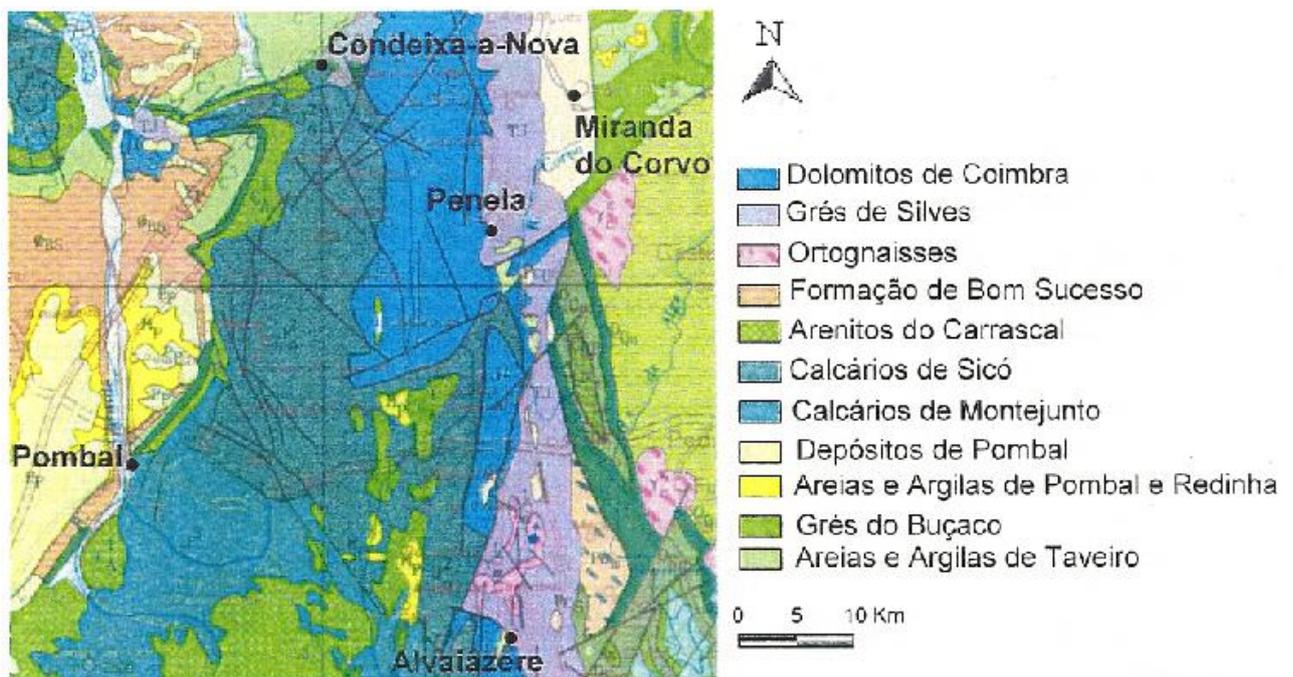


Ilustração 22 - Geologia das Terras de Sísó (Fonte: Carta Geológica de Portugal Escala 1/500000)

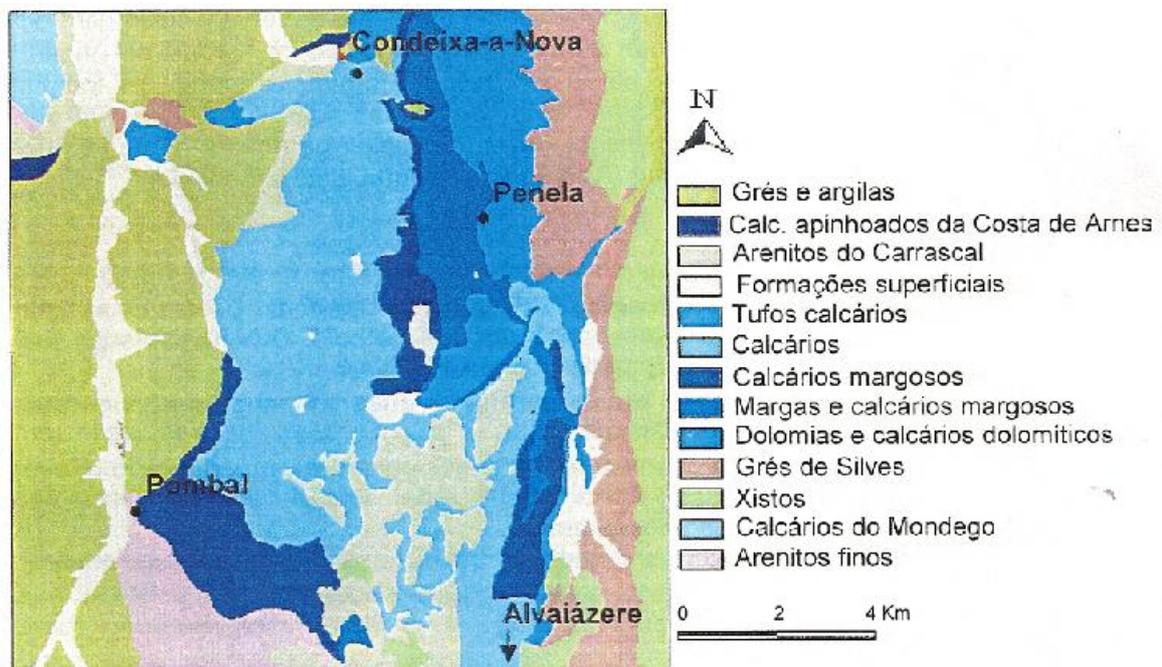


Ilustração 23 - Esboço litológico das Terras de Sísó (Fonte: LOPES, 2001, 13)

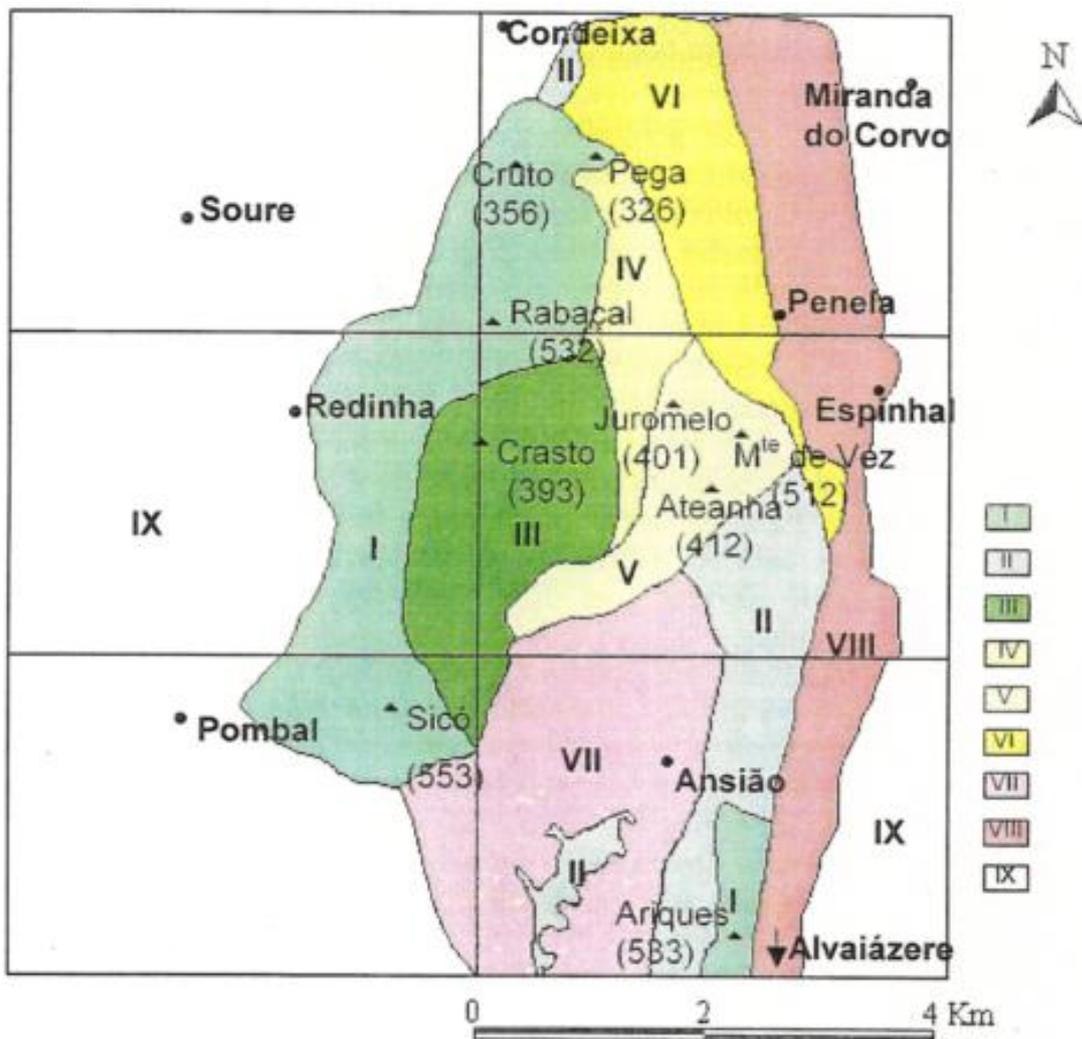


Ilustração 24 - Unidades fisiográficas das terras de Sicó (Fonte: LOPES, 2001, 21)

Legenda: I – Área calcária de carso exumado; II – Área calcária pouco soerguida e carsificada; III – Área calcária de carso parcialmente enterrado; IV – Depressão calcomargosa do Rabaçal; V – Depressão calcomargosa de Torre de Vale de Todos e relevos calcários envolventes; VI – Dolomias e calcários dolomíticos do Liásico inferior VII – Arenitos do Cretácico inferior; VIII – Grés de Silves do Triásico; VIII – Formações superficiais (Oeste) e Maciço Antigo (Este); IX – Áreas marginais.

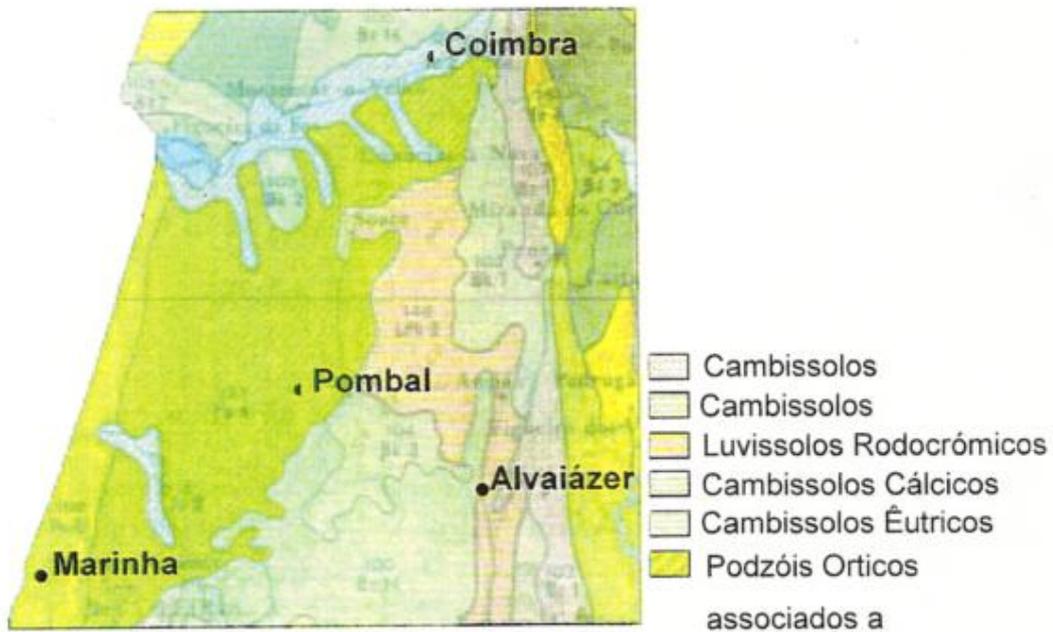


Ilustração 25 - Carta de solos (fonte: Esquema da FAO para a Carta de Solos da Europa, Escala: 1/715000 appud, LOPES, 2001, 17)

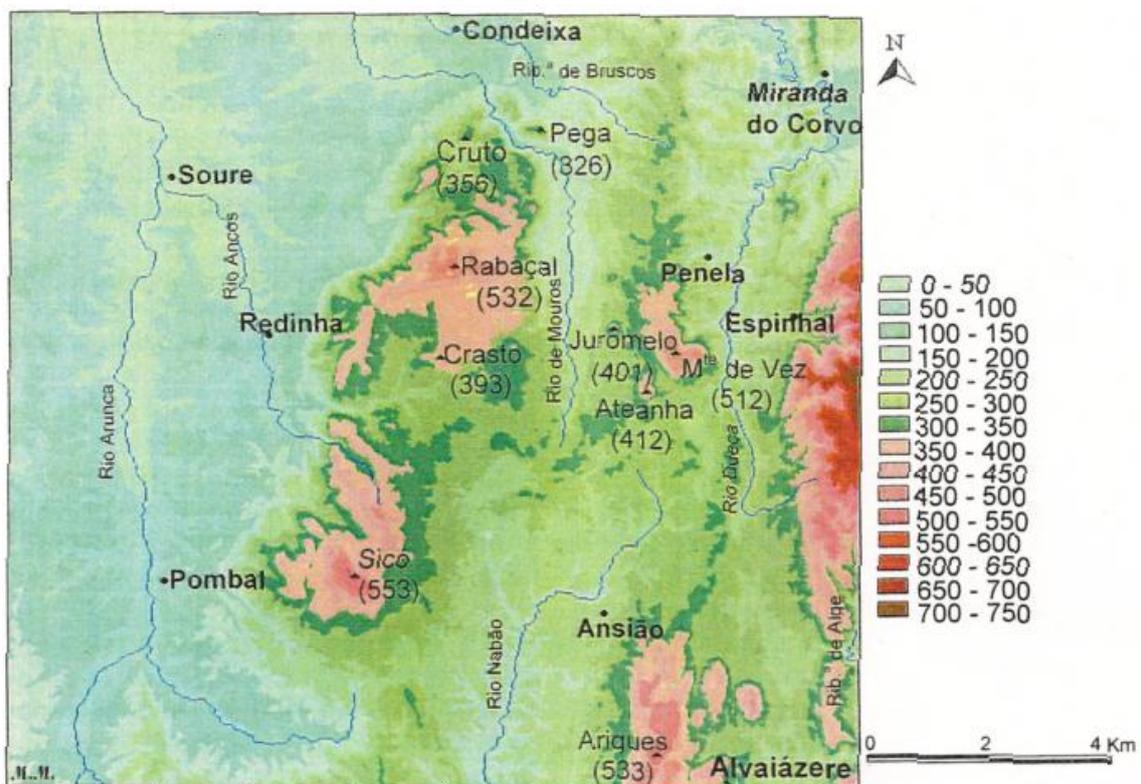


Ilustração 26 - Hipsometria e rede hidrográfica das Terras de Sico (Fonte: Cartas Militares digitalizadas, base SIG appud, LOPES, 2001, 19)

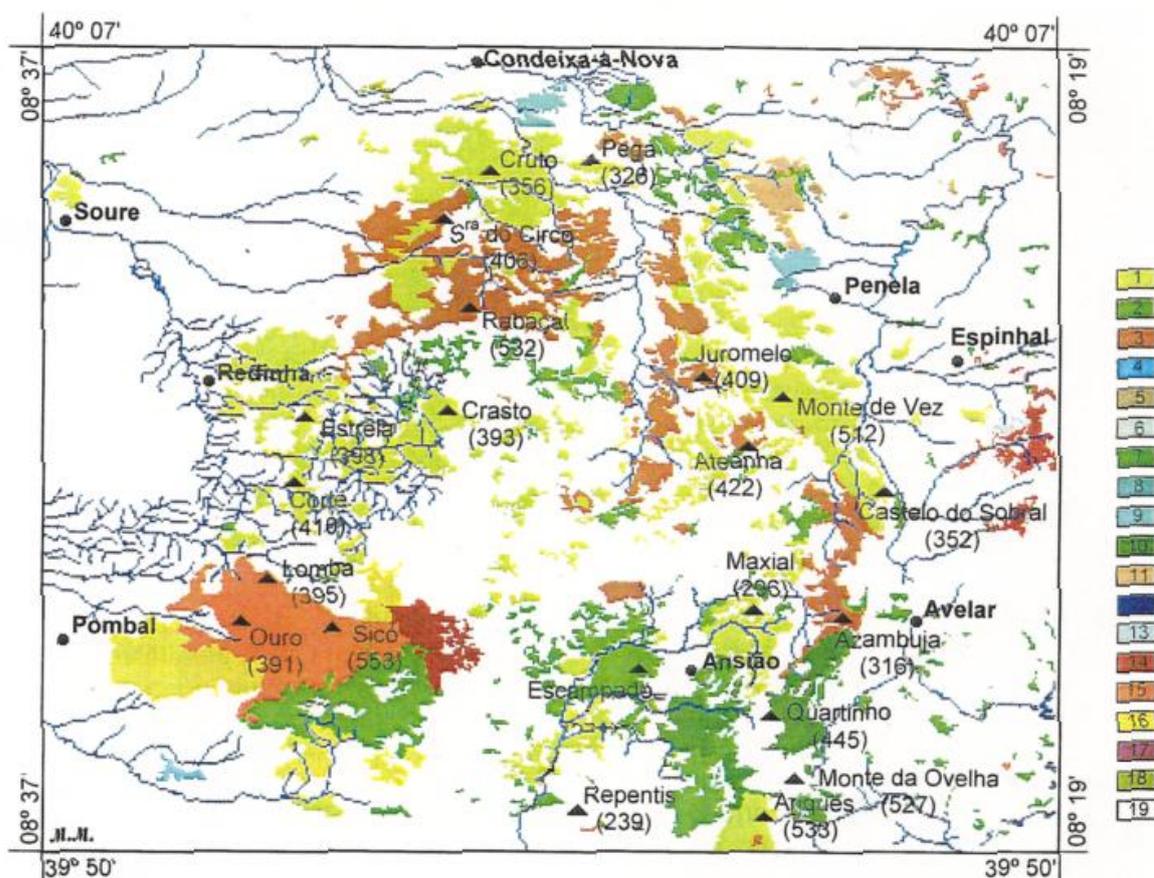
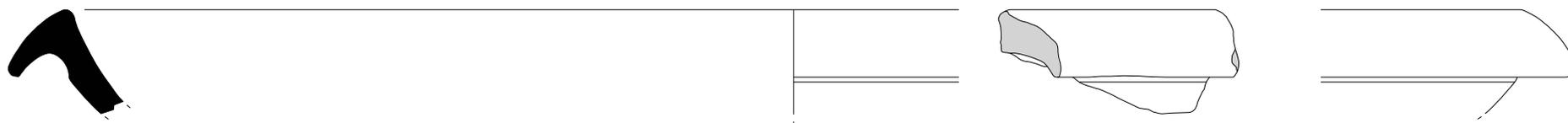


Ilustração 27 – Esboço da carta de vegetação das Terras de Sicó (Fonte: LOPES, 2001, 31)

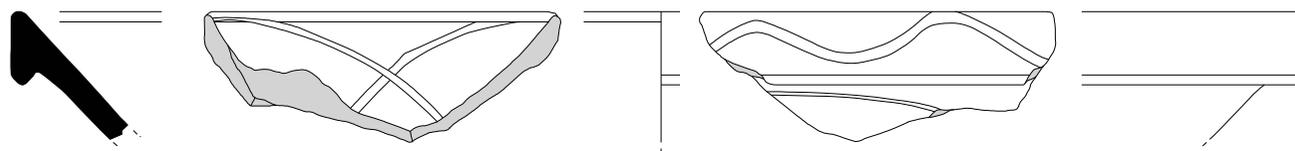
Legenda: 1 – Carrascal de *Quercus coccifera*; 2 – Carvalhal de *Quercus faginea*; 3 – Tomilhal; 4 – Choupal; 5 – Medronhal; 6 – Carvalhal de *Quercus robur*; 7 – Pinhal/*Quercus faginea*; 8 – Sobreiral; 9 – *Quercus faginea*/*Quercus suber*; 10 – Azinhal; 11 – Medronhal/*Ulex*; 12 – Vegetação rípícola; 13 – Carvalhal de *Quercus*; 14 – Tojal/Urzal; 15 – Sargaçal/Tormilhal; 16 – Matos altos (Carrasco/Lentisco/Medronheiro); 17 – Mosaico de vegetação (Matos/Tojal/Urzal); 18 – Carrascal com *Quercus lusitânica*; 19 – Culturas, Povoamentos florestais e áreas urbanas. Escala 1:19 4642.

Anexo VI

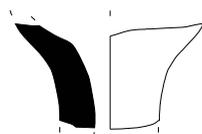
Estampas



Estampa 1 Ficha nº 18 Diâmetro: 442 mm



Estampa 2 Ficha nº 1 Diâmetro: 338 mm



Estampa 3 Ficha nº 9



